REVISTA
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - BRASIL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa - Mansueto Bernardi
Emilio Fernandes de Souza Docca - Eduardo Duarte

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: **Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva**
1.º secretario: **Dr. Francisco de Leonardo Truda**
Thesoureiro: **Affonso Guerreiro Lima**

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno ..... 15$000 rs.
Por fasciculo trimestral ..... 4$000 rs.

Preço da collecção até 1930 ..... 500$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE - 1931

I Trimestre ANNO XI

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1931

A. G. Lima

SOUZA DOCCA

Sine ira et studio

O BRASIL NO PRATA

1815-1828

PRIMEIRA PARTE

OCCUPAÇÃO DA BANDA ORIENTAL

INDICE DO 1.º VOLUME

	Pag.
O Brasil no Prata, 1815—1828, pelo tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca	3
Roque Callage	209
Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata. — Senna Pereira...	213
A Justiça de segunda instancia no Rio Grande do Sul. — Dr. Leonardo Macedonia	345

PROLOGO

O Brasil no Prata — 1815 — 1828 — é o titulo de um estudo que temos em preparo e que se divide em tres partes:

I — *Occupação da Banda Oriental.*
II — *Encorporação da Cisplatina.*
III — *Independencia do Uruguay.*

Em vista do interesse que despertou na Argentina e no Uruguay a publicação da primeira parte, em artigos no *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro, resolvemos coordenar esses artigos para a divulgação com que ora antecipamos o apparecimento daquelle ensaio completo.

Temos em vista, com esta antecipação, provocar a critica dos capazes.

O assumpto tem sido tratado pela rama ou mencionado em simples referencia, pela maioria de nossos historiadores.

As apreciações justas, os erros plenamente demonstrados, as correcções cabaes: serão tomadas em consideração opportunamente.

Não temos idéas preconcebidas; acceitamos e expomos o que nos parece verdadeiro e, por isso, não seremos surdos á verdade demonstrada.

Além da preoccupação principal de acertar, queremos chamar a attenção para os erros frequentes, para as apreciaãões descabidas, para os pontos de vista falsos ou falhos, para os criterios deficientes ou illogicos e para a lamentavel falta de espirito historico com que veem sendo versados os assumptos

referentes a actuação de nossos maiores no scenario platino, no 2.° e 3.° decennios do seculo passado.

Haverá, certamente, quem nesta e na outra margem do Prata não goste de algumas verdades fortes que vão ser ditas.

A culpa, porém, não é nossa e sim daquelles que contribuiram para que essas verdades passassem para o dominio da historia.

Não nos movem offensas, nem ataques, nem lisonjas.

Não commungamos com os que julgam que se deve torcer a verdade em beneficio da approximação dos povos, porque não é com blandicias tendenciosas nem truncando os factos, que se perpetuam amisades, mas, sim, collocando ou se collocando cada um no lugar que lhe compete, com a responsabilidade que lhe cabe.

Não se serve uma causa que se julga nobre, com expedientes que a consciencia possa repellir.

O falseamento da verdade historica, é uma falta grave e feia.

Sendo a historia, segundo o conceito de Cicero, a testemunha dos tempos, a luz da verdade, não é, nem póde ser convencional, louvaminheira ou aggressiva e sim expositiva, imparcial, rigorosa, serena e justa.

Estudamos nesta primeira parte as causas determinantes da occupação da Banda Oriental, pelas forças luso-brasileiras e que são de tres ordens:

I — Causa final — Limite pelo Rio da Prata.

II — Causas predisponentes:
- a) - Monarchismo dos platinos
- b) - Idéas de Artigas sobre o Rio Grande do Sul.
- c) - Turbulencias de Artigas
- d) - Barbarismo dos caudilhos e caudilhetes
- e) - Instigações argentinas
  - 1) - Missão Garcia
  - 2) - Procedimento do Congresso
  - 3) - Attitudes de Pueyrredon

III — Causas { effi- { a) - Contra a autoridade de Artigas
cientes { b) - Preferencia dos uruguayos pelo dominio brasileiro
ou ac- { c) - Aggressões de Artigas
cesorias

O que se verifica, em regra, nos estudos sobre a actuação de nossos antepassados no Prata, é o commentario sobre os factos, sem a devida filiação ás causas que os determinaram.

E' a applicação descabida, nos assumptos historicos, do methodo que vigorou até ao romantismo para o julgamento dos factos sociaes: indaga-se apenas o effeito actual do evento ou se o julga isoladamente, como se fosse um phenomeno physico.

O despreso das causas determinantes dos acontecimentos, o julgamento dos actos humanos, sem a cogitação de suas finalidades, a nenhuma importancia ligada ao meio e ao tempo em que occorreram os factos historicos: importa em erro capital — o esquecimento do caracter temporal da historia ou seja do caracter typico desta, e na postergação dos methodos com que devem ser investigados ou escriptos os phenomenos historicos, para que as narrativas inspirem respeito e mereçam fé.

Mais de uma vez temos accentuado esses erros e não nos cansaremos de os notar, porque delles decorrem faltas graves e lamentaveis: são a origem da má vontade e da injustiça com que se julgam os nossos maiores e das blasphemias contra o nosso passado.

Desprezar a investigação das causas de que procedem os acontecimentos é o mesmo que negar a causalidade em historia, em seu sentido real e positivo, equivalendo isso, como observa Aquiles Oribe, a desvirtuar os fundamentos de seus feitos e estabelecer resultados que se allicerçam na phantasia.

E', entretanto, com esse criterio, que em geral se condemna a occupação da Banda Oriental e a encorporação da Cisplatina.

Não ha de nossos historiadores modernos, ao tratarem desses actos, uma unica palavra a attenua-los. Todos se alçam em accusadores systematicos e só aggravos enumeram.

Quando lhes cáe da penna uma causa, embora das que

se filiam ás predisponentes, taxam-na de simples pretexto e, fazendo um hiato inconsequente em nossa historia, com o fim de evadir o Brasil de uma responsabilidade que suppõem existia, jogam todas as culpas sobre Portugal, num acto desleal de renuncia ao passado.

Não se póde, sem quebra da dignidade, renunciar o passado ou parte delle.

E' um patrimonio que nos pertence integro: com todos seus serros e acertos, com seus defeitos e suas perfeições, com seus vicios e suas virtudes — como tudo que é humano.

Enganam-se, pois, os que pensam não termos responsabilidade pela occupação da Banda Oriental e proclamam estarmos „todos plenamente de accôrdo em que a politica expancionista luso-brasileira nas margens do Rio da Prata não é defensavel". [1])

No que estamos todos de accôrdo, sim, é em não admittir essa politica em nossos dias, em não pratica-la; nunca, porém, em condemna-la irremissivelmente no passado ou em fugir das responsabilidades dos actos de nossos maiores, a quem estamos vinculados por uma continuidade sagrada e indestructivel, porque está fortemente cimentada pelo sangue e pela lingua — factores principaes na formação de nossa consciencia nacional, que é o genio tutelar da integridade de nossa patria.

No que estamos ou devemos estar todos de accôrdo, é em não ver a actual Republica Oriental do Uruguay com os mesmos olhos, com as desagradaveis impressões, com as justificadas desconfianças, com as inquietações perennes, com os sobresaltos de todos os momentos, com que viamos e sentiamos a Banda Oriental semi-barbara de então — visto se tratar, agora, de um paiz civilizado, feliz entre os mais felizes do mundo, de alta cultura juridica, de admiravel correcção em sua politica externa, de modelares methodos de educação, onde temos ido beber licções para melhor ensinarmos nossos descendentes e além disso — paiz cujos filhos são exemplos de pa-

---

1) Lindolpho Collor, *O Convenio de Montevidéo*, 163. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1925.

triotismo, de ordem e de trabalho e, assim, visinhos que nos honram e amigos que muito presamos.

Não negamos ausencia de erros dos nossos avós naquelle scenario, mas esses erros não são daquelles que devem ser banidos da indulgencia, não têm o estigma indelevel da infamia, nem o cunho de um peccado mortal, eterno.

Os nossos antepassados moveram-se naquelle scenario visando o interesse maior, que é a mola propulsora e incontrastavel de todos os actos humanos, bons ou maus.

Como se formou o estado psychologico em que se avaliou esse bem maior, é o que se não tem investigado e é o que pretendemos demonstrar, relatando as causas determinantes da occupação da Banda Oriental.

Estamos quasi isolados no ponto de vista com que encaramos a politica luso-brasileira da occupação da Banda Oriental.

Estamos quasi isolados no ponto de vista com que encaramos a politica luso-brasileira no Prata, no periodo de 1815 a 1828

Já foi isso observado por alguem, como uma desvantagem para nossa these.

Preferimos, porém, a essa observação, essa sentença estimulante e fortalecedora de Emilio Zola:

„Podeis ser o unico de vossa opinião: Si tiverdes dito a verdade, si tiverdes avançado um julgamento justo, nada poderá apaga-lo, nem os homens, nem as coisas. Assim é, assim ficará."

Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Novembro de 1930.

Souza Docca.

OCCUPAÇÃO DA BANDA ORIENTAL

CAPITULO I

Causa final

Limite pelo Rio da Prata.

Causa final - Limite pelo Rio da Prata - Declaração positiva desse objectivo - A conquista dos bandeirantes - A conquista da Cisplatina - Que é o imperialismo? - O imperialismo antes, durante e depois da occupação da Banda Oriental - O imperialismo dos Estados poderosos é uma lei fatal - Encorporações historicas - Exemplos dessas encorporações na America - Theoria das fronteiras naturaes.

A falta de sinceridade de alguns chronistas e historiadores brasileiros, falta essa decorrente do receio de proclamar um acto que lhes pareceu condemnavel e compromettedor da politica externa de nossos antepassados, acarretando-lhes, assim, graves responsabilidades e um desprestigio que se faria sentir em futuro remoto, ou proveniente do temor de dizer, sem refolhos, a causa final, isto é: a intenção, o objectivo, com que foram movidas as nossas tropas sobre o territorio uruguayo em 1816 e occuparam-no em 1817 — tem sido a origem de opiniões contradictorias, de julgamentos injustos e tem dado margem a sophismas maldosos.

Os que desprezam a investigação do objectivo circumstanciado dos actos humanos, incorrem na falta grave de que Bovio, com vehemencia e fundamento, accusa a Escolastica,

quando esta qualifica as acções dos homens em si mesmas, sem nenhuma ligação ás suas finalidades.

Rindo sarcasticamente desse systema de avaliar os acontecimentos, Macchiavel, com a penetração e atticismo que lhe eram peculiares, fez esta interrogação, que nos obriga a meditar: „Em que tempo, em que lugar, foram as acções julgadas pela historia, bôas ou más, sem se julgar suas finalidades?

„Quem mata para furtar — é um assassino; quem mata para salvar a si mesmo — é um innocente; quem mata para libertar sua patria — é um heróe: tres homicidas, não tres culpados.

„Quem mente para cumprir o destino de um povo — é Moysés; quem mente para salvar um amigo — é Pylades; quem mente para roubar uma herança — é um jesuita: tres mentirosos, não tres culpados."

Imitando a transcripção supra podemos dizer, com a mesma propriedade: Quem conquista pela prepotencia — pratica um acto de violencia, é um usurpador; quem conquista para prevenir aggressões, para conjurar perigos, para manter a integridade da Patria — usa do direito de Conservação, que é um direito absoluto dos Estados, segundo a licção dos mestres do Direito Internacional; quem conquista para o engrandecimento da Patria, um povo ainda não de todo integrado na civilisação ou a pedido e com applauso da parte mais culta de um povo flagellado e com o apoio e auxilio de seus homens mais representativos na sociedade, pelo saber e pelos bens de fortuna e, fazendo a annexação, não deixa os encorporados em nivel cultural desigual ou excessivamente inferior aos novos compatriotas — pratica um acto legitimo, historico e moral: tres conquistadores, não tres culpados.

E' tempo de dizermos, lisamente, o que os nossos maiores pretendiam occupando a Banda Oriental, e de referirmos, sem sentimentalismo blandicioso e sem temor injustificado de ferir melindres, os motivos daquella pretenção.

Procuravam fixar no Rio da Prata os limites meridionaes do Brasil — velho ideal de alta visão politica e de extraordinario alcance economico, perseguido desde 1680, com a fundação da

Colonia do Sacramento e que, não obstante impedido, ainda persistia palpitante, como uma necessidade imperiosa.

Para a realisação disso foi prescripto nas Instrucções reservadas ao general Carlos Frederico Lecór, de 4 de junho de 1816, firmadas pelo marquez de Aguiar, que devia occupar a praça de Montevidéo com o territorio aquem do Uruguay e formar com elle uma capitania com governo separado e interino, emquanto conviesse á segurança de nossas fronteiras.

Firmado nessas instrucções, disse o chefe luso ao então coronel Nicolás Vedia, que foi mandado ao seu encontro na qualidade de parlamentario argentino: „O exercito de meu commando só vem tomar posse da Banda Oriental e finalizará suas marchas no Uruguay.

„Ignoro se depois passarei a occupar a Provincia de Entre Rios; tenho ordem, entretanto, para guardar com Buenos Aires a mais perfeita neutralidade.

„O rei, meu amo, resolveu enviar suas tropas para recobrar o que já em outros tempos possuiu, com justos titulos adquiridos desde o tempo da conquista e que a corôa de Castella lhe arrancou com violencia."

Confirmando essas declarações, disse o general Lecór, em officio de 27 de novembro de 1816, ao Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata: „Tomando em consideração quanto V. Ex. me communica em seu officio de 31 do mez de outubro proximo passado, que me foi entregue pelo illm. sr. coronel Vedia no dia 24 do corrente mez de novembro, posso assegurar a V. Ex. que minhas marchas só se dirigem a separar da fronteira do reino do Brasil o germen da desordem, e occupar um paiz que se acha entregue á anarchia.

„Esta sabia e necessaria medida em nenhuma sentido póde inspirar desconfiança a esse governo, quando ella é praticada em terreno já declarado independente da parte occidental.

„Guardarão-se escropulosamente os artigos do Armisticio concluido em 26 de maio de 1812, que ha mantido a amizade entre os dois paizes: e sendo hostilizado tomarei medidas de precaução até que receba novas ordens de meu Rei e Senhor."

„A proclamação que remetto, inclusa, a V. Ex. lhe fará

conhecer igualmente o espirito com que venho, mandado por meu Soberano, a este desgraçado paiz.

„Continuarei minhas marchas que só pódem ser suspensas por ordem do Rei, meu Senhor, e em breve, e de mais perto terei melhor occasião de poder manifestar a V. Ex. quanto de bôa fé são minhas operações militares.

„Agradeço a V. Ex. a occasião que me proporcionou de lograr a satisfação de conhecer o illm. sr. coronel Vedia.

„Deus guarde a V. Ex. Quartel General no Passo de S. Miguel, 27 de novembro de 1816."

Condemna-se a occupação da Banda Oriental porque não tinha „o menor élo com a tradição realmente nacional da conquista dos bandeirantes." [2])

Absurda seria a existencia do élo de que se nota a ausencia.

A conquista dos bandeirantes foi feita pela occupação das terras em que se infiltravam os conquistadores, contra a vontade dos que ahi viviam e que foram submettidos a féro jugo, se indigenas ou expulsos a ferro e fogo, se pertencentes á Companhia de Jesus.

Foi uma conquista forçada com todos os seus caracteristicos — desde o aviltamento do vencido até a imposição da lingua do vencedor.

A conquista da Cisplatina foi feita a pedido, com auxilio e pela submissão dos que ahi tinham dominio, na ancia de salvarem a vida e de obterem descanso e liberdade.

O conquistador foi recebido pelos conquistados entre festas e transportado, como se fosse um Messias, sob pallio, para tomar conta da capital do paiz.

Os orientaes continuaram fallando sua lingua e permaneceram á frente dos cargos publicos.

O general em chefe dos occupantes, contrahiu matrimonio com uma bella montevideana.

Os officiaes lusos e brasileiros brilhavam e eram requestados nos salões uruguayos.

O governo do general Lecór, foi um governo suave e frouxo.

---

[2]) Dr. João Pandiá Calogeras, *Politica Exterior do Imperio*, II, 417. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1928.

Todos esses factos contribuiram para que aquella conquista fosse um phenomeno negativo.

Quando o conquistador não pisa sobre o vencido, este permanece apto para aggredi-lo.

O chefe dos chamados *Trinta e Tres,* assignára a celebre acclamação do Arroio da Virgem, declarando Pedro I novo Protector do Estado Cisplatino e vivando, com enthusiasmo, a encorporação ao Brasil; o falso prisioneiro de Monzon, fôra cumulado com todas as honras e grandezas, que sua conhecida ambição desejára.

Sem a alliança desses dois paredros uruguayos, sem o prestigio do segundo delles, mantido e elevado pelo governo brasileiro, sem a liberdade de acção que conservaram os orientaes á frente dos cargos publicos na Cisplatina — não se teria dado a independencia desta.

Condemna-se tambem a campanha da Cisplatina sob o fundamento de que fôra „mero escopo imperialista e dynastico e não a resultante da expansão intrinseca dos paulistas e dos continentinos, appellido dado aos riograndenses." [3])

Se com a expressão — *expansão intrinseca* — se quer dizer, como parece, o que se póde considerar como parte integrante do territorio brasileiro, ou que a este devia pertencer naturalmente ou ainda que o accessorio se subordina sempre ao principal, nenhum motivo ha para que se possa excluir a Cisplatina da referida *expansão,* visto que nesta são incluidas as Missões Orientaes.

A Cisplatina, como seu nome traduz, é uma região aquem do Prata.

Essa região, como ninguem ignora, está ligada ao Brasil nem nenhum dos accidentes geographicos que, em regra, marcam as raias dos paizes confinantes e sim, por um territorio contínuo, motivo por que nenhuma differença se nota ao transpor a actual fronteira politica entre o Brasil e o Uruguay, determinada, em grande extensão, por uma linha secca.

O objectivo da invasão da Banda Oriental, em 1816, era,

---

[3]) Ibidem.

como já ficou dito: fixar na margem esquerda do Prata nossos limites meridionaes.

E' a isso que se condemna hoje no Brasil como „absurdo capricho do imperialismo de d. João VI." [4])

Ha até quem julgue a campanha „para encorporação da Banda Oriental ao Brasil, obra maldita do despotismo, baseada no materialismo, negação deploravel de todos os principios do direito e da moral, negação absoluta do homem, creado á imagem de seu Deus." [5])

Julgar assim é esquecer que „o direito não abroquela uma idéa superior, virtuosa, de moralidade, e, sim, o senso ethico medio do povo em geral na época em que foi feito o acto ajuizado. O direito como bem observou Vadalá Papale, corporifica e defende — não a moral abstracta dos moralistas, e, sim, a *moral da vida*". [6])

Julga-se indefensavel a politica expansionista luso-brasileira no Prata, porque „não é dos moldes do Brasil republicano a politica imperialista de D. Carlota Joaquina e de d. João VI". [7])

A politica de expansão geographica nas margens do Prata, foi renunciada pelo Brasil, desde 1828, sem a excommunhão incoherente e injusta dos que a praticaram.

Não é, pois, de hontem essa renuncia e sim uma tradição nacional, que o regime republicano já encontrou cimentada, pelo transcurso de sessenta e um annos e que tem continuado com brilho e elevação de vistas.

E sendo essa renuncia, como ficou dito, uma tradição nacional, não é patrimonio de nenhum regime politico e sim do Brasil, que aos seus filhos ha de continuar legando-o, na missão grandiosa e sagrada de perpetuar seu passado.

Falla-se em imperialismo, com irritação e pavor affecta-

---

4) Rocha Pombo, *Historia do Brasil*, VIII, 92, Rio de Janeiro.

5) Fernando Nobre, *As Fronteiras do Sul*, 304. S. Paulo, 1922.

6) Francesco Degni, *L'interpretazione della Legge*, 2.ª ed., ns. 138—139; Carlos Maximiliano, *Hermeneutica e Applicação do Direito*, 173. Livraria do Globo — Porto Alegre, 1925.

7) Lindolpho Collor, obra cit. 163.

dos, para se poder espalhafatosamente fazer praça de um sentimentalismo blandicioso.

E assim se maldiz o passado sem se indagar como o imperialismo havia existido, como existia, como continuou existindo até nossos dias.

O imperialismo, segundo o conceito desassombrado de Oswald Spengler, „é a civilisação pura".

„O homem culto dirige sua energia para dentro; o civilisado pára fóra.

„Considero, por isso, Cecil Rhodes como o primeiro homem de uma época nova.

„Representa o modo de ser politico de um futuro distante, occidental, germanico e, particularmente, allemão.

„Suas palavras *a expansão é tudo*, encerram nessa mesma construcção napoleonica a tendencia mais caracteristica de toda a civilisação madura.

„O mesmo se póde dizer dos romanos, dos arabes, dos chinos.

„Neste particular não ha differença, porque não regula a vontade consciente do individuo, das classes ou de povos inteiros.

„A tendencia expansiva é uma fatalidade, algo demoniaca e monstruosa, que se apodera do homem e, queira este ou não, saiba elle ou não, o constrange e o utiliza em seu serviço.

„A vida é a realisação das possibilidades e para o homem cerebral não existem sinão possibilidades expansivas." [8])

O imperialismo antes, durante e depois da occupação da Banda Oriental.

A existencia do imperialismo em todos os tempos e por toda parte, evidencia que elle é, como, com verdadeira intuição dos sentimentos humanos, proclama Spengler: uma fatalidade que constrange e utilisa o homem em seu serviço.

E' uma tentação permanente e tanto mais forte e inci-

8) *A Decadencia do Occidente*, II, 63 e 65.

tante, quanto maiores são as necessidades que o exigem ou mais fortes as condições de realiza-lo.

Foi considerando tudo isso que dissemos em recente estudo: O imperialismo de que nos accusam, outra cousa não foi sinão a consequencia logica, fatal, de nossa condição de fortes, de nossa situação de ordem, de nossa firme organisação politica, em face da anarchia e do caudilhismo que infelicitavam os nossos visinhos do Prata.

Duvidamos que depois de um estudo conscienoso dessas duas situações, no primeiro quartel do seculo XIX, nos apontem em toda a historia da humanidade, certo povo ou paiz que em condições semelhantes aquellas, houvesse procedido de modo contrario ao que procedemos. [9])

A maioria dos nossos investigadores se teem limitado a julgar se foi bôa ou má a encorporação da Cisplatina, sem indagar se era irresistivel esse acto e sem procurar a connexão que elle teve com os acontecimentos mundiaes — circumstancias estas indispensaveis para um julgamento criterioso da acção dos encorporadores.

As guerras napoleonicas empolgavam o mundo, excitando o imperialismo que vive em estado latente no fundo da alma humana.

Não é, pois, necessario remontar á antiguidade para sentir atravez dos seculos o desejo de expansão a inquietar e a mover os povos.

Esse desejo vivia no começo do seculo passado uma das suas maiores horas.

Para verificarmos a existencia do imperalismo, em plena actividade, no momento em entravamos na Cisplatina e esta, com seus homens mais illustrados á frente, se submettia e se encorporava aos nossos dominios, não precisamos ir a Europa, sob a atmosphera pesada das intervenções da Santa Alliança, não precisamos nos deslocar da America.

„O governo dos Estados Unidos", regista Rafael de Labra, „desde o primeiro instante, isto é: de 1816 a 1820, pelas declarações de seus homens mais illustres, obedecendo ás neces-

[9]) *A Convenção Preliminar de Paz de 1828*, 257. S. Paulo, 1929.

sidades da politica local, caminhava para a conquista das Antilhas: primeiro como expansão natural e depois como uma consequencia logica do desenvolvimento da doutrina de Monroe." [10])

Jefferson manifestava em 1809, ao presidente Madison, a necessidade que tinham os Estados Unidos de submetter ao seu dominio a ilha de Cuba.

Tão forte era essa convicção do illustre estadista norte-americano que, tres annos antes de sua morte, insistia nestes termos sobre o assumpto, junto a Monroe, então na presidencia: „A verdade é que a encorporação de Cuba á nossa União é precisamente o que necessitamos para fazer com que o nosso poder como nação alcance o maior gráo de interesse."

Logo depois reinsistia: „Confesso francamente que sempre olhei Cuba como a addição mais interessante que se póde fazer ao nosso systema de Estados.

„A dominação que esta ilha, em união com a Ponta de Florida, poderá dar-nos sobre o golfo do Mexico e do mesmo modo sobre os paizes e o isthmo banhado por suas aguas, encheria a medida de nosso bem estar politico."

O illustre ministro hespanhol conde de Aranda, predisse, como um vidente, pelo conhecimento que tinha da tendencia humana, no inicio da vida independente dos Estados Unidos da America do Norte, o que este paiz fatalmente realizaria em futuro proximo: „Dia chegará em que ha de crescer e se tornar gigante e será um colosso temivel naquellas regiões."

„Esquecerá então os beneficios recebidos de Hespanha e França, para só pensar em seu engrandecimento e ahi o seu primeiro passo será para se apoderar das Floridas, com o fim de dominar o golfo do Mexico.

„Justifica este modo de pensar", accrescentou, „o que tem acontecido em todos os seculos e em todas as nações que têm pensado em se engrandecer.

„Em qualquer parte o homem é sempre o mesmo.

---

[10]) *La Orientación Internacional de España.*

„A differença de climas não muda a natureza de nossos sentimentos e quem encontra occasião para adquirir poder e se elevar não deixa de aproveita-la."

E' com ampla visão dos homens e das cousas ou segundo os methodos de Bernheim, chamados da Escola Nova, preconisados por Buckle, isto é: seriando os feitos e estabelecendo os processos com o conceito da universalidade dos phenomenos historicos, que devemos nortear as investigações sobre nosso passado.

Quem se limita a interpretar ou julgar um acontecimento historico, da ordem do que nos preoccupa, somente com os elementos existentes ou fornecidos pelo meio que elle circumscreve, commette, como historiador, um erro do mesmo quilate que praticaria o geographo que tentasse descrever a terra, servindo-se exclusivamente dos elementos que ella encerra em certo paiz ou região.

Um rapido golpe de vista na historia universal, nos demonstrará como o imperialismo se manifestou e existiu até nossos dias, e portanto após á nossa renuncia ás expansões geographicas, primeiro, pela inconveniencia que observámos durante nosso dominio na Cisplatina — o que foi um dos factores determinantes da criação desta em Estado independente e soberano — e, finalmente, renuncia absoluta, por força de um adeantado, sabio e pacifico dispositivo de nossa lei basica, que nos veda guerras de conquista.

O olhar retrospectivo de que acabamos de fallar, nos recordará os seguintes acontecimentos:

A guerra entre o Mexico e os Estados Unidos, assegura a estes, em 1848, a encorporação da California.

Esta conquista volveu os olhos ambiciosos do poderoso paiz, para o isthmo do Panamá, na visão da grande obra de extraordinarios resultados economicos, que realizou pouco mais de meio seculo depois, com desprezo dos direitos invocados pela Colombia.

A França, em 1860, em situação semelhante á nossa em face da Cisplatina, encorpora aos seus dominios Nice e Saboia,

que lhe offerecêra Cavour, para assegurar a unidade italiana, como nos fôra offerecida a Banda Oriental pelos governantes argentinos, para evitarem o desmembramento imminente das Provincias Unidas do Prata.

Napoleão III exige, como nós haviamos exigido, o plebiscito e este, lá, como aqui, foi favoravel á encorporação.

A victoria que os prussianos obtiveram sobre os austriacos na batalha de Sadowa, em 3 de julho de 1866, é o direito com que aquelles encorporam ao seu territorio os ducados de Schleswig e de Holstein.

O tratado de Francfort, em 1871, desmembrou da França a Alsacia e a Lorena, que para o mesmo dominio voltaram, pelo tratado de Versailles, de 1919, dictado, como aquelle, pelo vencedor nas guerras que lhes deram origem.

A explosão e o afundamento do *Maine,* no porto de Havana, em 1895, serve de pretexto aos Estados Unidos para proclamarem a independencia de Cuba e occupa-la.

Desse procedimento resultou a guerra com a Hespanha, que terminou tres annos depois, com a encorporação das Philippinas e Porto Rico.

A Inglaterra, em 1902, depois de destruir a republica dos *boers,* encorpora aos seus dominios o Transwal e o Orange.

A guerra russo-japoneza, em 1904, não foi mais do que a disputa sangrenta de um pedaço de terra na Mandchuria.

A Austria, em 1908, annexa a Bosnia e a Herzegovina, com desprezo do tratado de Berlim de 1878, em virtude da paz de San Estefano, tratado esse que lhe impunha respeito á integridade da Turquia.

Em 1846, quando uma companhia franceza tratava da abertura do canal do Panamá, os Estados Unidos firmaram um trado com a Colombia, que foi ratificado em 1848 e pelo qual se obrigavam a manter a integridade territorial desta e, como a mantiveram nos disse Roosevelt, nesta phrase imperiosa de Jupiter Tonante, quando seu paiz, depois de recusar uma arbitragem, ficou com a posse do ambicionado isthmo: *„I toock Panamá!"*

O dr. Luis Alberto de Herrera, personalidade uruguaya das mais representativas, pela cultura e pela posição politica que tem em sua patria, observa em interessante livro, que não existe em nosso continente nenhuma nação debil que não tivesse sentido os effeitos da oppressão expansionista de suas irmãs poderosas e exemplifica: „Apenas independente, Venezuela, ataca Colombia, que a seu turno, ensaia dominações sobre o Equador.

„Perú impõe seu poderio á Bolivia, emquanto o Chile cáe sobre ambas." [11])

Porque a politica luso-brasileira não havia de ser abrasada pela febre do virus expansionista, que é um mal humano e contaminára o continente americano?

Porque Portugal e depois o Brasil haviam de fugir desse determinismo fatal de querer encher a medida de seu bem estar politico, de que fallava Jefferson, ao concitar Monroe á posse de Cuba?

Ha um historiador brasileiro que, ao manifestar seu repudio pela occupação da Cisplatina, justifica sua ogeriza por esse acto com a condemnação que, diz elle, esse acontecimento mereceu de todas as nações do mundo civilisado.

Ha, além de exagero, lamentavel erro no fundamento de tão grave sentença.

Faze o que eu digo e não o que eu faço — é uma das formulas mais cynicas do egoismo humano.

Era isso precisamente o que exprimiam os que condemnavam a occupação da Banda Oriental.

O protesto não era de todas as nações do mundo civilisado e sim das cinco potencias que constituiam a Santa Alliança e não tinha, por isso, a significação que se lhe attribue.

Não foi contra a occupação de parte ou do todo de um paiz livre da America que se levantou aquelle brado.

---

11) *El Uruguay Internacional*, 69. Paris, 1912.

O que com elle se teve em mira foi a defesa do territorio de uma colonia de um Estado europeu.

Não era a liberdade dos povos americanos que se resguardava e sim o direito de senhorio da Europa sobre a America.

Para julgarmos os acontecimentos em que o homem entra como factor principal, é indispensavel que não o colloquemos acima da craveira humana.

Como a endossar as observações do conde de Aranda, paginas atraz citadas, existe esta licção de Gustavo Le Bon: „A intelligencia tem progredido no decurso dos annos e tem desvendado ao homem maravilhosos horizontes, ao passo que o caracter, verdadeira base de sua alma e seguro factor de suas actividades, não tem mudado.

„A natureza humana deve, pois, ser acceita tal qual é."

Emquanto no Brasil se condemnam, imponderadamente, as tentativas de fixação de nossos limites meridionaes na margem esquerda do Prata — no Uruguay, a voz de um dos maiores de seus filhos assim se manifesta: „Proprietario o hespanhol de uma das margens do rio, nada mais comprehensivel — vide bem — nada mais comprehensivel, que a vontade adversaria de adquirir a margem opposta, principalmente se considerarmos que a fragil linha divisoria terrestre jamais esteve livre de controversias interpretativas, sustentadas com escassa bôa fé." [12])

O governo de d. João VI, mais do que ninguem, sentindo a razão de ser daquella vontade e inteirado da escassa bôa fé de que falla o autor que acabamos de citar, proclamou sempre e o governo brasileiro repetiu em 10 de janeiro de 1826, que reconhecia como inevitavel, para pôr seus Estados a coberto das perniciosas vistas dos insurgentes, levantar uma barreira segura, justa e natural, entre elles e o Brasil e d'ahi e deante

---

[12]) Dr. Luis Alberto de Herrera, obra cit. 90.

dos disturbios e das aggressões de Artigas, a necessidade da expulsão deste indomavel, bravo e rixoso caudilho para além do Uruguay e a occupação do territorio que elle tinha sob seu irrequieto dominio. [13])

Foi com esse fundamento e com esses objectivos que se ordenou, em junho re 1816, ao general Carlos Frederico Lecór, a occupação da Banda Oriental.

Foi um passo decisivo para restabelecer a fronteira meridional do Brasil pelo Prata — velho ideal positivado com a fundação da Colonia do Sacramento, ha mais de um seculo, então, em procura de um limite natural e que era, ao mesmo tempo, de alta visão politica e de extraordinario effeito economico, como um simples relance na carta geographica da America do Sul, nos demonstra á saciedade.

E', pois, destituida de fundamento a affirmativa de „que a nossa politica expansionista no Rio da Prata não tem a seu favor nenhuma derimente de ordem politica, moral ou economica." [14])

E' erro crasso qualificar como immoral, com a consciencia da ethica actual e sem nenhuma investigação sobre o conceito da moral no passado, um acto occorrido ha mais de um seculo, visto que, como observa Francesco Degni, „o curso da consciencia moral no seio de um mesmo povo se modifica dia a dia". [15])

Erro palmar, tambem é, o julgamento do objectivo de nossos maiores occupando a Banda Oriental, sem se ter presente a theoria das fronteiras naturaes, em voga naquelles tempos.

---

[13]) Manifesto ou Exposição fundada e justificada do procedimento da Côrte do Brasil a respeito do governo das Provincias Unidas do Rio da Prata e dos motivos que o obrigam a declarar guerra ao referido governo, *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul*, VII, 118. Porto Alegre, 1927.

[14]) Lindolpho Collor, obra cit. 162.

[15]) Obra cit. ns. 140—44.

„Desde a mais remota antiguidade," observa Lucien Febvre, „os rios alternam com as cadeias de montanhas para fornecer aos Estados limites naturaes." [16])

O territorio uruguayo, segundo o conceito da época, não constituia um Estado, e, sim, o extremo, o final de um Estado.

„Quem diz limite natural," pondera Febvre, referindo-se ao conceito então corrente, „diz limite predestinado — ideal a conquistar e a realizar." [17])

Era essa, da entrada do exercito luso-brasileiro no territorio uruguayo, em 1816, a causa final, que existia em estado latente, como um vulcão extincto, e que as causas predisponentes e accessorias, agindo como os phenomenos sismicos productores de novas erupções, que se não impedem, puzeram em effervescencia, em plena actividade.

---

16) *La Terre et L'évolution Humaine*, 363. Paris, 1922.
17) Idem, 361.

CAPITULO II

Causas predisponentes - Monarchismo dos platinos - Monarchistas convictos - Monarchicos opportunistas - Propaganda no Rio de Janeiro - Os principaes propagandistas da monarchia - Pueyrredon no Rio de Janeiro - Actuação monarchica de Carlos de Alvear - Depoimento de José Maria Roxas y Patron - Governo de fóra - Depoimento do dr. Manuel Thomas Anchorena - Não se cogitava da Republica federativa - Pobresa e atraso das Provincias - A Federação que a massa popular queria - San Martin monarchista - Em procura de um rei - A febre monarchica - Bolivar monarchista - Saavedra monarchista - Continuação dos desejos monarchicos depois de 1810 - Posadas e suas idéas ploiricas - Supplicas á Inglaterra - Missão de Rivadavia e Belgrano - Persistencia das idéas monarchicas depois da Independencia das Provincias Platinas em 1816 - Missão monarchica de Valentin Gomez - Casamento do principe de Luca com uma princeza brasileira - A ultima tentativa monarchica no Prata em 1828.

Causas predisponentes

I — *Monarchismo dos platinos.*
II — *Idéas de Artigas sobre o Rio Gande do Sul.*
III — *Turbulencias de Artigas.*
IV — *Barbarismo dos caudilhos e caudilhetes.*
V — *Instigações argentinas.*

I) Monarchismo dos platinos

Acontecimentos historicos existem que só pódem ser julgados com honestidade e justiça, depois de esquadrinhadas as causas que os determinaram.

O estudo das causas predisponentes é, pela natureza destas, um dos que deve merecer especial cuidado.

Nos paizes que tomaram parte, desde o inicio, na grande guerra de 1914, têm apparecido muitas publicações com estudos sobre as causas predisponentes dessa formidavel luta.

O governo francez acaba de apresentar ao mundo, com a publicação da primeira série dos *Documentos Diplomaticos*, um exemplo do criterio que se deve observar nesse estudo.

Essa publicação tem como objectivo determinar a responsabilidade da grande guerra de 1914.

E' um alentado volume, encerrando uma profusão de documentos de 1870 a 1900, organizado sob a direcção do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, mas em que collaboraram os mais illustres historiadores, diplomatas e estadistas francezes.

O estudo das causas predisponentes ahi feito, se baseia em factos e documentos referentes a um passado de quasi meio seculo, e á luz delles demonstra como se foi formando o ambiente europeu até o attentado de Serajevo.

A investigação das causas predisponentes da occupação da Banda Oriental, até hoje posta de lado, é um ponto capital para o estudo de nossa historia.

Necessario é, pois, sejam pesquisadas a fundo.

E' o que vamos tentar: comparando, ligando, estabelecendo relações entre os documentos e os factos da época e trazendo a pretorio depoimentos de testemunhas contemporaneas das occurrencias a par de registos e conceitos de historiadores, de preferencia platinos, que não pódem, no caso, ser arguidos de suspeitos.

E' possivel que nos tornemos enfadonhos pelo grande numero de provas que vão ser adduzidas.

E' necessario, porêm, que assim seja, porque desejamos romper com a tradição dos que se pagam e se contentam com a historia feita, sem os requisitos de um criterioso processo historico, fundado em methodos modernos e adeantados.

Além do numero de provas, vamos nos restringir a depoimentos de valor e a autores de nomeada e de autoridade, afim de darmos ás comprovações das diversas causas determinantes do assumpto que nos preoccupa, um cunho de seriedade inspiradora de fé.

Assim essas provas além do peso da quantidade possuem

o merito da qualidade e poderão, desse modo, abater o subconsciente dos que têm desdenhado aquellas causas e fechado, ás comprovações das mesmas, os orgãos visuaes e auditivos.

A politica luso-brasileira encarava a existencia de republicas em sua visinhança, como uma ameaça ás suas instituições.

D'ahi a preoccupação de fixar os limites do Brasil no sul pela margem esquerda do Rio da Prata e de favorecer a creação de monarchias na America, onde se sentia isolada, depois do primeiro decennio do seculo passado e percebia ser sempre olhada de esguelha.

Foi, pois, com grande contentamento que o governo portuguez acompanhou o movimento monarchico que excitára a installação de sua côrte no Rio de Janeiro.

„Este exemplo moveu a certos membros da oligarchia crioula em Nova Granada, no Chile e no Perú e sobretudo no Rio da Prata a entrever a possibilidade de estabelecer monarchias independentes, de fórma constitucional, a cuja cabeça seriam chamados soberanos da familia desthronada por Napoleão." [1])

Como a favorecer e facilitando a realização daquelle duplo ideal politico, os homens mais representativos do Rio da Prata, pela intelligencia, pela cultura e pela influencia que ali exerciam, se abalançaram a prégar a monarchia e se movimentaram em procura de um rei.

Grupavam-se em dois partidos:

a) — *Monarchistas convictos,* que viam na fórma de governo monarchico, além da unidade platina, um empecilho á proliferação de caudilhos que fatalmente surgiriam no regime republicano, como verdadeiros senhores feudaes.

b) — *Monarchicos opportunistas,* para os quaes o regime que prégavam era apenas um meio para manterem coheso o vice-reinado do Prata, até attingirem á independencia, que era o fim visado.

---

[1]) Jules Mancini, *Bolivar y la Emancipación de las Colonias Españolas* desde las origenes hasta 1815, 257, 258. Paris, 1923.

Todos, porêm, faziam timbre em proclamar a monarchia como o governo ideal e salvador.

„Da correspondencia hoje conhecida de todos aquelles ministros, americanos de nascimento e europeus por suas idéas, se conclue claramente que só acreditavam na estabilidade da independencia ou da autonomia de seus paizes, emquanto fossem garantidas por monarchas, ainda que summamente exoticos, ainda que tivessem de voltar a Hespanha para obtelos." [2])

„Nenhuma fórma de governo senão a monarchia é adequada aos habitos do povo.

„Nenhum principe extrangeiro póde assegurar a felicidade e prosperidade, como um da familia de Vossa Magestade."

Esta transcripção é feita do Memorial dirigido, em 16 de maio de 1815, a Carlos IV, por Manuel Belgrano e Bernardino Rivadavia, na qualidade de deputados do Governo Provisorio das Provincias do Rio da Prata, supplicando áquelle monarcha que se trasladasse em pessoa a Buenos Aires ou permittisse que o fizesse seu filho Francisco de Paula, com o objectivo de assumir o governo daquellas Provincias, como uma Soberania Independente.

Este documento foi divulgado em 1839, por Woodbine Parish. [3])

Justo Maeso ao traduzir para o hespanhol a obra desse illustre diplomata britannico, supprimiu o referido documento e assim pretendeu justificar esse acto: „Seu conteudo é de tal caracter que me permitti omitti-lo neste appendice.

„Esta omissão despoja a traducção hespanhola de um valioso aggregado, mas, em compensação ella será bem recebida pelos corações generosos que hão de preferir a privação de uma esteril curiosidade ao opprobio que possa recaír sobre

---

[2]) Hugo D. Barbagelata, *Artigas y la Revolución Americana*, 2.ª ed., 109. Paris, 1930.

[3]) *In Buenos Aires and Provinces of La Plata.*

nomes e reputações que são o mais glorioso timbre da fidalguia argentina." [4])

Esta illusoria suppressão e ingenua declaração, produziu effeito opposto ao visado: aguçou curiosidades e assim contribuiu para o conhecimento e divulgação do documento supprimido.

Onze annos depois Carlos Calvo dava-lhe ampla publicidade [5]) e póde hoje ser facilmente consultado, graças á divulgação que acaba de dar-lhe o brilhante erudito escriptor argentino Carlos Correa Luna. [6])

Foi junto á Côrte de d. João VI, installada então no Rio de Janeiro, que aquella propaganda e curiosa procura, tiveram maior intensidade.

Não precisamos fazer uma demonstração exhaustiva do quanto isso influiu no animo do governo requestado.

A simples narrativa do modo por que então agiram os magnatas platinos, segundo seus proprios depoimentos e pelo que nos revelam seus compatricios historiadores, habilitará o leitor para julgar da influencia e da repercussão que essa singular cruzada teve no Brasil.

Falle em primeiro lugar *Saturnino Rodriguez Peña,* que além de um dos proceres da independencia argentina, foi brilhante intelligencia e politico de grande prestigio.

Disse elle em carta de 4 de outubro de 1808 [7]): „A Sra. D. Carlota Joaquina, Princeza de Portugal e do Brasil, tem uma educação illustrada e os sentimentos mais heroicos.

„Esta mulher singular e que creio unica em sua classe, parece disposta a sacrificar tudo para alcançar a notavel satisfação de servir de instrumento para a felicidade de seus semelhantes.

---

[4]) Buenos Aires y las Provincias del Rio de la Plata, II, 394, 395. Buenos Aires, 1853.

[5]) *Anales Historicos de la Revolución de la America Latina,* II, 259, 267. Paris, 1864.

[6]) *Rivadavia y la Simulatión Monarquica de 1815,* 218, 228. Buenos Aires, 1929.

[7]) Citada por Eduardo Acevedo in *Historia del Uruguay,* I, 97. Montevidéo, 1916.

E' impossivel ouvir esta princeza fallar, sem que se a ame: não possue uma só idéa que não seja generosa e jamais dá lugar ás que infundem nessas pessoas a educação e o despotismo.

„Parece prodigiosa a vinda de tão digna Princeza, por sua educação e intenções e demais extraordinarias circumstancias que a adornam e por suas virtudes, não duvido, nem vós deveis duvidar, que ella seja a heroina de que necessitamos e a que seguramente nos conduzirá ao mais alto grau de felicidade."

Ouçamos, agora, o grande *Manuel Belgrano,* que se fez monarchista temendo a anarchia que previu e que tão grande era no momento em que expirava, aos 20 de junho de 1820, que nesse dia estava Buenos Aires sob o dominio de tres governos ao mesmo tempo.

Belgrano que, segundo o general Mitre, fôra educacionista, literato, philantropo e economista social durante a época colonial, trabalhou, desde seu regresso á Patria, pela fundação de um Governo Nacional, independente de Hespanha.

O regime politico era o monarchico constitucional, com a proclamação de uma nova dynastia no Rio da Prata.

Voltaram-se então suas vistas para a princeza Carlota Joaquina.

Assim esse illustre paredro argentino justificou sua attitude nas *Memorias* que deixou: „Não vendo eu um assomo de que se pensasse em constituirmo-nos e sim de que seguissem os americanos prestando uma obediencia injusta aos homens que, por nenhum titulo os deviam commandar, tratei de conseguir os auspicios da infanta Carlota e de formar um bom partido a seu favor, expondo-me aos tiros dos despotas que zelavam, com o maior anhelo, para não perderem seus mandos e para conservarem a America dependente de Hespanha, ainda que Napoleão a dominasse."

Foi organizada então — 1808 — com o concurso de Juan

Jozé Castelli [8]), Vieytes [9]), Pueyrredon [10]), Nicolás Rodriguez Peña [11]), Juan Jozé Passo [12]), Manuel Alberdi [13]) e outros politicos de grande influencia e nomeada, uma Junta Secreta para, em momento opportuno, elevar a princeza Carlota Joaquina ao throno platino.

---

[8]) Juan José Castelli. Nasceu em Buenos Aires em 19 de julho de 1864. Era filho de um veneziano com uma portenha. Foi advogado de grande talento e politico de alto prestigio. Formára-se em direito em Charcas. Foi um dos proceres da Revolução de maio e membro, dos mais eminentes, da Junta Governativa. Falleceu em 12 de outubro de 1912.

[9]) Hypolito Vieytes. Foi um dos precursores da Revolução de Maio e membro da Junta Governativa, cargo este de que foi deposto e em seguida desterrado. Regressou logo depois á sua patria e se achava em Buenos Aires quando teve conhecimento da sentença da Commissão Civil de Justiça organisada pela Revolução de abril de 1815. Caíu, então, segundo nos informa J. M. Ramos Megia, in *Las Neurosis de los Hombres Celebres*, 139, em estado de completa lipemania, em consequencia do que falleceu.

[10]) Juan Martin Pueyrredon. Nascêra em 1777. Era de origem franceza e fazia alarde disso. Distinguiu-se na luta contra os inglezes, de 1806 a 1807. Em 1816 foi eleito Director Supremo do Estado. Em 1819 renunciou esse cargo. Falleceu em 13 de março de 1850.

[11]) Nicolás Rodrigues Peña. Nascêra em Buenos Aires em 30 de abril de 1775. Educou-se no Chile. Foi um dos promotores da Revolução de Maio. Sua casa era o quartel general dos conspiradores. Foi governador de Montevidéo e de Cuyo. Fugindo da dictadura de Rosas se asylou no Chile, onde falleceu em avançada idade.

[12]) Dr. Juan José Paso. Natural de Buenos Aires. Era formado em direito pela universidade de Chuquisaca. Foi jurisconsulto de renome e uma das primeiras figuras da Revolução de Maio. Exerceu o cargo de Secretaria da Junta Governativa. Fez parte do Congresso de Tucuman, onde se destacou pela sua cultura. Falleceu em 9 de setembro de 1833.

[13]) Manuel Alberdi. Nascêra em Buenos Aires em 28 de maio de 1763. Graduou-se em Canones na universidade de Cordoba. Foi dos proceres da Revolução de Maio e membro eminente da Junta Governativa. Redigiu a *Gazeta de Buenos Aires* em 1811. Foi, como Mariano Moreno, segundo observa o general Mitre, uma das primeiras victimas das dissenções domesticas.

Sob a direcção de Belgrano o partido de Carlota Joaquina se propagou rapidamente até os povos do interior, burlando a vigilancia dos mandatarios hespanhoes." [14])

O illustre vencedor de Tucuman entrou então em combinação com aquella princeza, servindo de intermediario o padre Chambo, da Ordem de S. Francisco.

Essas funcções foram desempenhadas mais tarde por Jozé Presas e Felippe Contucci.

Para propagar, no Brasil, as idéas da Junta Secreta foi designado Juan Martin Pueyrredon, um dos mais prestigiosos membros dessa junta e que fôra obrigado, então, a emigrar.

Pueyrredon veio para o Rio de Janeiro em 13 de agosto de 1809, no bergantin *Narciso,* de Felippe Contucci e, segundo este intrigante, em carta ao conde de Linhares, existente no Itamaraty, „afim de se pôr aos pés da Princeza Carlota".

No desempenho daquella missão se houve o malleavel e insidioso politico platino com solicitude e intelligencia.

Disse então, em carta aos seus correligionarios em Buenos Aires: „Devemos decidir-nos com a maior brevidade e admittir um governo sob systema livre, honroso, respeitavel e ao mesmo tempo heroico, util e vantajoso aos nossos compatriotas."

Com o fim de conseguir a ida de Carlota Joaquina ao Rio da Prata, para ali ser corôada, Pueyrredon bosquejou, segundo affirma o general Mitre, um projecto de petição, que parece feito em commum accôrdo com a referida princeza.

Pueyrredon, quando Lecór entrou na Banda Oriental, exercia o alto cargo de Director Supremo do Estado e não obstante estar de accôrdo com a invasão, entreteve contra ella negociações com Artigas, como opportunamente será mencionado. Pouco depois abandonou a vida publica, desgostoso com os movimentos politicos e se recolheu ao seu aprazivel sitio em *Bosque Formoso,* no povoado de Santo Izidro, proximo a Buenos Aires, onde passou a metade de sua existencia

---

[14]) Bartolomé Mitre, *Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina,* I, 181, 5.ª ed. Buenos Aires, 1902.

a contemplar o imperio... da anarchia em sua patria, visto que ali falleceu aos 10 de março de 1850.

E' opportuno consignarmos aqui a seguinte affirmativa do acatado e erudito historiador uruguayo Hugo D. Barbagelata: „Provada está, que até sua queda definitiva, Pueyrredon tratou de monarchizar as Provincias Unidas." [15])

Ainda com referencia á propaganda monarchica na côrte de d. João VI, existem estas linhas expressivas do autor recém citado: „No Rio de Janeiro alguem conspirava tambem sobre a ordem de cousas estabelecida, juntamente com o ex-ministro Garcia. Esse alguem era Carlos Maria de Alvear. [16])

A quem pareça extranha esta attitude de Alvear, relembramos que esse general, estando no Rio de Janeiro, dirigiu, em 23 de agosto de 1815, uma longa supplica a André Villalba, então ministro hespanhol ali acreditado e que começa assim: „E' muito sensivel a um hespanhol que nasceu com honra e que procurou acreditar-se entre os Gloriosos Defensores da Nação, apresentar-se agora a vindicar sua conducta em attitude de delinquente, com sombras de rebelde e inimigo de seu Rei. Eu teria ido occultar minha vergonha, longe dos homens, se não conservasse uma esperança de tornar desculpaveis meus procedimentos."

A chave de ouro desse subserviente documento é esta: „Ao menos espero que considerando-me como um vassalo que sinceramente reclama a graça de seu Soberano e está disposto a merece-la, queira recommendar-me a S. M. aquem me apresentarei, logo que tenha seguro transporte para minha pessoa e familia." [17])

Todos os monarchistas platinos, como já ficou dito, faziam timbre em proclamar o governo monarchico e todos entendiam que o detentor do novo sceptro devia vir de fóra.

Assim pensavam todos os homens de juizo, no conceito expressivo de um contemporaneo desses acontecimentos e que

---

[15]) Obra cit. 164.

[16]) Idem, 120.

[17]) Archivo Historico Nacional de Madrid, maço 5.843, citação de Barbagelata.

foi deputado, presidente do Congresso argentino em 1826 e ministro de Dorrego e de Rosas.

Referimo-nos a José Maria Roxas y Patron. Este eminente e culto argentino é um testemunho de valor, visto que, pelas relações de familia, conviveu desde a juventude com os magnatas platinos.

Na casa de residencia do dr. José Darreguera, casado com uma prima de Roxas, os monarchistas realizaram muitas reuniões.

Recordando-as, em janeiro de 1862, disse Roxas em carta a Juan Manuel Rosas: „Ouvi muitas dessas conversações." Refere em seguida a alegria que se apoderou dos jovens argentinos, depois de 25 de maio de 1810 e que em vista do alvoroço compromettedor que faziam, o dr. Darreguera os chamou e disse-lhes em tom solenne: „A independencia está feita, porque os hespanhoes não perdoarão o passo que demos — assim seremos independentes por nossos proprios esforços ou o seremos na forca; não teremos, porêm, governo e nem o terão os senhores, emquanto não o trouxermos de fóra, visto que não possuimos elementos para o criar."

Recordando esta amarga confissão accrescentou Roxas na mesma carta: „Trazer o governo de fóra foi a idéa dos primeiros patriotas e propagaram-na desde os primeiros tempos: Saavedra, San Martin, Belgrano, Castelli, Pueyrredon e outros."

Confirma o depoimento transcripto outro contemporaneo desses factos — o dr. *Tomás Manuel Anchorena* — um dos signatarios da acta da independencia, „ardente e sabio sustentador da causa nacional na Confederação Argentina e um dos mais eminentes e virtuosos dos argentinos, segundo os termos da *Gazeta Mercantil* de Buenos Aires, de 30 de abril de 1847, ao noticiar o fallecimento do illustre portenho, que foi genitor do diplomata argentino dr. Tomás S. Anchorena, ministro das Relações Exteriores no governo do eminente estadista dr. Luis Saenz Peña.

Disse o dr. Manuel Anchorena, em carta escripta no anno de 1846 ao seu primo Juan Manuel Rosas: „Ao se iniciar o movimento de maio, tinha-se em vista o reconhecimento de Fernando VII e só se aspirava constituir uma nação distincta,

posto que governada por um mesmo Rei, para que não fossem sacrificados os povos americanos e os interesses da Peninsula.

„Desde modo é que eu ouvia discutir os patriotas de primeira fila de nosso paiz.

„Depois de reunida a Assembléa Geral, porêm, se observou um manifesto desapego pelo monarcha hespanhol.

„Não caíu, entretanto, em descredito o governo monarchico constitucional e, segundo eu ouvia então discorrer geralmente, se desejava que o monarcha fosse um descendente da familia Bourbon, reinante na Hespanha.

„Ninguem, ninguem absolutamente se occupava do systema republicano federal, porque todas as Provincias estavam em tal estado de atrazo, de pobreza, de ignorancia e desunião entre si, e todas juntas professavam tal odio a Buenos Aires, que era como fallar de uma chimera discutir-se sobre o estabelecimento de um systema federal. O de uma monarchia com um Bourbon a frente, acreditava-se desbastaria os pretextos com que faziam guerra os hespanhoes, ensaiando-se, ao mesmo tempo, um exemplo que poderiam seguir os demais povos da America ou deste Continente e com isso afiançar todos a sua liberdade e independencia de um modo constitucional, porque educados sob o systema monarchico os homens de mais saber opinavam que nestes paizes da America era impossivel formar governos estaveis e bem ordenados, sob puras fórmas democraticas e que sendo insupportavel e ruinoso a qualquer Estado o governo absoluto, deveria ser o nosso, monarchico constitucional."

Sobre o assumpto escreveu o general Mitre: „As massas insurreccionadas queriam a federação, porêm, a federação dos tempos primitivos sem mais lei nem regra além dos caudilhos que haviam elevado.

„Os homens que em presença da anarchia aspiravam fundar a liberdade sob a ordem, acreditavam que a fórma monarchica constitucional era a unica que poderia dar estabilidade á revolução, conjurando a tempestade que a ameaçava.

„Rivadavia e Belgrano participavam destas influencias e principiaram a duvidar da possibilidade de fundar uma democracia sobre bases solidas, em vista dos excessos da democra-

cia semi-barbara e dos proselitos com que contavam as idéas monarchicas." [18])

Até o grande San Martin foi monarchista naquelles tempos. Tão vivo era nelle esse sentimento que em 1812, impulsionado pelas idéas monarchicas, por occasião do celebre banquete em sua honra, saudou a monarchia constitucional, com desapprovação de Bernardino Rivadavia, que tres annos depois se prestava, com ardor e com o fascinante brilho de sua intelligencia, a agente desse systema de governo, junto aos imperios do velho mundo, chegando a dizer, em 1817, em carta a Pueyrredon, então Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata: „Estou persuadido de que é de summa importancia declarar-se esse Estado em monarchia."

Visava, é verdade, a consolidação da independencia; mas era dos que pensavam que isso só era realizavel sob uma cabeça corôada.

Ainda em 1818 San Martin queimava incenso áquella fórma de governo, visto que, em pleno triumpho, como observa Hugo Barbagelata, „acceitou os projectos monarchicos de Pueyrredon." [19])

Consoantes as idéas e os intentos referidos pelo general Mitre, foram expedidas varias embaixadas, em procura do ambicionado Rei.

Queriam alguns que este fosse um principe da familia Bourbon, outros que viesse da Inglaterra; a maioria, porém, opinava e grandes esforços fazia para que o governo caísse nas mãos da irmã mais velha de Fernando VII e d'ahi o motivo por que foi o Rio de Janeiro, como já dissemos, o centro de maior actividade dos monarchistas platinos.

„Manuel Garcia e Nicolás Herrera eram os que no Rio de Janeiro persistiam no empenho de monarchizar as Provincias e de destruir o importuno Artigas." [20])

Assim Francisco Garcia Calderon resenha a predominan-

---

18) *Historia de Belgrano*, cit. II, 228.
19) Obra cit. 159.
20) Idem, 143.

cia das idéas monarchicas na America do Sul, naquella época: „A élite americana é monarchista. Emquanto libertam um Continente, generaes e homens e Estado pretendem assegurar ás novas nações a estabilidade das monarchias.

„Iturbide, é imperador no Mexico.

„Os tenentes de Bolivar offerecem-lhe uma corôa e Paez suggere-lhe, tenazmente, a ambição imperial.

„Belgrano dizia, em 1816, no Congresso de Tucuman, que a melhor fórma de governo para as Provincias Argentinas, era a monarchia moderada.

„Bolivar queria para a Colombia e America Hespanhola, monarchias constitucionaes, com principes extrangeiros.

„Partidarios de uma monarchia foram tambem Flores, Sucre, Monteagudo, Garcia del Rio, Riva, Aguero, el Director Posadas, que desejava estabelecer a ordem nas Provincias do Prata, sobre bases solidas e permanentes, padre Funes, os colombianos Mariño, Mosquera, Briceño Mendez.

„Estes fundadores da independencia, comprehendiam que só um regime forte poderia evitar em as novas nações a demagogia, a anarchia, as guerras entre generaes, as ambições prematuras das provincias.

„Queriam a autonomia, sem a licença; a monarchia, sem o despotismo; a solidez politica, sem a tutela hespanhola.“ [21])

Com referencia a essa febre monarchica disse Jules Mancini: „Os jovens liberaes de Buenos Aires acceitaram, pressurosos, o estabelecimento de uma monarchia constitucional, que esteve prestes a se realizar, em favor da infanta Carlota Joaquina, irmã de Fernando VII e esposa do principe regente de Portugal e do Brasil, conhecido mais tarde com o nome de João VI.

„As pretensões da princeza, porêm, as intrigas do ministro da Inglaterra no Rio de Janeiro, lord Strangford, e o rumo tomado pelos acontecimentos na Peninsula, determinaram aos patriotas o abandono da empreza.“ [22])

---

21) *Les Democracies Latines de l'Amerique*, passim.

22) Obra cit. 257, 258.

Sobre o mesmo assumpto disséra, em 1864, Antonio Deodoro de Pascual, em seu estylo fluente, depois de referir a vacillação dos promotores da revolução de maio de 1810, sobre a escolha da fórma de governo: „Não morreu Bolivar monarchista, escondido em Santa Martha, em casa de um filho de hespanhol, em cujos braços expirou?

„Não mandou o governo de Buenos Aires, em 18 de dezembro de 1814 a Hespanha, Bernardino Rivadavia, Manoel Sarratea e o general Belgrano, na qualidade de commissionados, para negociarem com as côrtes europeas a vinda de um principe para o vice-reinado do Prata, como consta do manifesto que Belgrano publicou em 1816, ao regressar de sua desgraçada missão, cujo mau exito elle attribue, entre outras cousas, á inconsequencia e immoderação de Sarratea?

„E os patriotas do Perú, não offereceram ao honrado San Martin a corôa do imperio dos incas?

„E não proclamou o Mexico, em 1822, um anno depois de sua independencia, a Iturbide para seu imperador?

„E não vimos depois Flores, do Equador, offerecer a corôa da cidade dos vulcões a um descendente da viuva de Fernando VII?

„E não accusou Rosas aos patriotas mais eminentes de ambas as margens do Prata, de monarchistas, e até certo ponto com razão?“ [23])

Referindo-se ao monarchismo da élite platina Aquiles Oribe, com o senso critico que lhe é peculiar, externa estes conceitos, ao estudar a influencia perniciosa na America, do *Contracto Social* de Rosseau: „Emancipadas as nações americanas do regime colonial hespanhol, sem preparação alguma para praticarem a liberdade, os prohomens da independencia se lançaram pelas vias abstrusas dos encyclopedistas francezes até caírem nas redes do illustre Rosseau.“ Demonstra em seguida esse asserto e escreve: „Formadas as multidões sulamericanas em um ambiente estreito, de rachitica liberdade, de restrictos direitos e de uma pobreza intellectual aggravada pela immen-

---

23) *Apuntes para la História de la Republica Oriental del Uruguay*, II, 41. Paris, 1864.

sidade territorial que as separava dos centros de povoação, não ha duvida que ficaram offuscadas pela luz vivificante da liberdade que radiosa estendeu por toda a America o 25 de maio de 1810.

„Os homens conductores dessa multidão, porêm, não puderam descer de suas altas utopias e por isso, quando claramente as forças da massa amorpha, em prol de suas utopicas concepções, a realidade mostrou-lhes o erro em que haviam caído e voltaram, então, a pedir o que haviam desdenhado e atacado: o governo de origem divina — a monarchia. [24])

O autor transcripto em uma de suas longas e eruditas cartas a proposito deste trabalho publicado em artigos, como já ficou dito, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, transcreve do livro de Crales Petrie, sobre *Canning e a Independencia da America Latina,* uma curiosa carta de Bolivar ao capitão inglez Maling, que é uma verdadeira profissão de fé monarchica e accentua sua convicção, como nota Aquiles Oribe, sobre a inaptidão dos americanos para governarem por si mesmos em santa paz, ordem e progresso.

Sómente depois da leitura desse sensacional documento é que bem se comprehende aquella contundente interrogação de Deodoro de Pascual sobre o famoso libertador.

Eis a carta, que não obstante longa vamos transcreve-la na integra:

„Entre todos os paizes, os da America do Sul são, talvez, os menos preparados para o governo republicano.

„Sua povoação é formada por indios e negros, que são mais ignorantes que a raça vil dos hespanhoes, da qual acabamos de emancipar-nos.

„Um paiz representado e governado por tal gente caírá fatalmente na ruina."

„Devemos procurar auxilio na Inglaterra; não temos outro recurso.

„E vós, não só podeis contar com meu consentimento, como vos rogo communicar nossa conversação ao governo de S. M.

---

24) *Indice Historico Sociologico*, 133. Montevidéo. 1926.

em qualquer fórma que vos pareça mais adequada, seja ou não official.

„Podeis dizer que, em principios geraes, jamais fui inimigo das monarchias; que acredito que a monarchia é essencial para a respeitabilidade e bem estar das nações novas e por isso, se partir uma proposição do Gabinete Britannico para o estabelecimento de um governo regular, isto é: de uma monarchia ou de varias monarchias em o Novo Mundo, encontrará em mim um firme e rigido defensor de seus propositos, perfeitamente disposto a sustentar ao soberano que a Inglaterra se propuzer a collocar e apoiar sobre o throno.

„Sei que que se tem dito que desejo ser rei, mas isso não é verdade; não acceitaria a corôa para mim porque assim que veja este paiz feliz sob um governo bom e firme, retirar-me-ei á vida privada.

„Repito: se posso ser de utilidade apoiando os desejos e os pontos de vista do gabinete britannico, para chegar áquelle objecto desejado — poderá contar com meus serviços.

„Prefiro contrahir esta divida com a Inglaterra, porque sempre offerece seu auxilio generoso e liberal, e não com qualquer outro paiz.

„França e Hespanha tratariam, sem duvida, commigo, se lhes fizesse proposições similares, jamais, porêm, me submetterei a qualquer intervenção na America, por parte de nações odiosas e trahidoras.

„O titulo de rei não seria talvez popular a principio na America do Sul e, por consequencia, convirá enfrentar os obstaculos assumindo o de *Inca*, ao qual são affeiçoados os indios.

„Estes paizes escravisados e miseraveis, só têm ouvido até agora o nome de rei associado com suas miserias e com as crueldades dos hespanhoes, e o estabelecimento do vice-reinado constituiu invariavelmente a implantação de uma oppressão rapace ou de cousa semelhante.

„A democracia tem seus encantos para este povo e, em theoria, parece plausivel, tenha um governo livre, que exclua todas as distincções hereditarias, mas a Inglaterra constitue um exemplo para nós: quão infinitivamente mais respeitavel é vossa nação, governada por seu Rei, Lords e Communs, que a

que se orgulha de uma igualdade que apresenta mui poucas tentações para o esforço em beneficio do Estado!

„Em verdade, duvido que o actual estado de cousas continue por muito tempo nos Estados Unidos.

„Desejo que se tenha a segurança de que não sou um inimigo dos reis ou de um governo aristocratico, desde que sejam sob as limitações necessarias que impõem nossa Constituição aos tres poderes.

„Se precisamos de um novo governo, que seja modelado de accôrdo com o vosso — assim offerecerei meu apoio a qualquer soberano que a Inglaterra nos designe."

Dão-nos ainda uma idéa do fervor monarchico dos platinos, naquella época, estas considerações do illustre historiador argentino José Manuel Estrada que, depois de referir os planos para a corôação de Carlota Joaquina, como regente do Imperio do Prata, assim se externa: „Nessas negociações tomaram parte, em 1808 e 1809, Belgrano, Castelli,, Vieytes, em uma palavra: todos os patriotas sem se exceptuar o parcimonioso Saavedra, que acceitou aquella idéa, frustada, mercê de Deus, graças ao frenesi de tyrannia, que parece ser uma faculdade natural de todo Bourbon.

„A princeza Carlota desdenhou um throno constitucional." [25])

Com relação a este ponto o historiador hespanhol Julian Maria Rubio escreveu, depois de mencionar a divergencia entre a princeza e os monarchistas platinos: „Estas differenças foram de indole politica, visto que Belgrano e seus companheiros exigiam que a monarchia que se ia fundar fosse puramente constitucional, pelas razões já expostas, coisa que d. Carlota não acceitava sob nenhum ponto de vista, por tradição familiar e de accôrdo com os seus sentimentos.

Além disso os patriotas exigiam, como condição indispensavel, a renuncia pela princeza e pelo seu filho d. Pedro, de todos os direitos ás corôas de Portugal e Hespanha.

---

[25]) *Lecciones sobre la Hist*ória *de la Republica Argentina*, I. 133.

„Aspiravam uma monarchia e um monarcha desligados em absoluto de qualquer outra nação.

„Tudo isso rechassou a princeza, que aspirava a corôa de Buenos Aires, fundada em seus direitos eventuaes á de Hespanha e, portanto, segundo seu ponto de vista, os patriotas não podiam impôr e sim acceitar condições." [26])

Historiando os acontecimentos platinos de 1808, diz Vicente G. Quesada; Belgrano, Castelli, Vieytes, Los Pasos, Pueyrredon, Nicolás Rodriguez Peña e outros haviam iniciado negociações junto á princeza Carlota Joaquina, para organizar uma monarchia, que não estivesse sujeita ás consequencias da azarosa situação da metropole, era o partido contrario á submissão a Napoleão.

„Esta negociação estava de accôrdo com os desejos daquella princeza, ambiciosa e intrigante.

„Felippe Contucci era seu agente.

„Saturnino Rodrigues Peña foi ao Rio de Janeiro, como delegado dos monarchistas do Rio da Prata e dahi aconselhou seus correligionarios que dirigissem uma petição á princeza, pedindo sua ida ao Prata, afim de ali ser acclamada regente." [27])

Não obstante haver fracassado a ida de Carlota Joaquina a Buenos Aires, em virtude da opposição a esse passo, por d. João VI, que só aspirava a posse da Banda Oriental, visando os limites meridionaes pelo Rio da Prata, os partidarios da irrequieta princeza continuaram a envidar todos os esforços, para a realização do que haviam planejado, e, por isso, informa Quesada, „quando se soube em Buenos Aires da chegada de Cisneiros em Montevidéo e de sua nomeação para vice-rei, o partido que sustentava as aspirações da princeza, propoz a Liniers o desconhecimento do novo vice-rei e a proclamação da regencia da referida princeza." [28])

---

[26]) *La Infanta Carlota Joaquina y la Politica de España em America*, 62.

[27]) *Historia Diplomatica Latino Americana*, III, 23. Buenos Aires, 1920.

[28]) Idem, idem, 37.

Entre os partidarios da corôação, no Prata, de Carlota Joaquina, figurou o dr *Cornelio Saavedra* [29]), o primeiro presidente da Junta Governativa, instituida pela revolução de 25 de maio de 1810 e, talvez, a primeira cabeça dessa revolução.

Tão grande era a influencia desse illustre boliviano e tão alto era o sentimento monarchico entre os platinos, que os seus amigos pensaram corôa-lo rei das Provincias Unidas.

Houve até uma tentativa nesse sentido.

Saavedra fôra commandante do famoso Regimento de Patricios, que se distinguíra na luta contra os inglezes, ostentando sempre a bandeira azul e branca, côres que foram depois adoptadas como nacionaes pela Argentina.

Em regosijo da eleição de Saavedra para presidente da Junta Governativa, os officiaes daquelle regimento offereceram-lhe um banquete.

Em meio deste um dos referidos officiaes collocou sobre a cabeça do antigo commandante uma corôa, manifestando o desejo de que elle fosse o rei das Provincias Unidas.

A opposição formidavel do vulcanico Mariano Moreno impediu que se consummasse esse desejo.

Moreno era a unica voz republicana que se fazia ouvir naquella Junta, com accentuada tendencia, porêm, para o regime do terrorismo.

Dois mezes depois daquella occurrencia foi o illustre procer desterrado sob a capa de encarregado de missão diplomatica na Europa. Morreu em viagem, aos 33 annos de idade, em 4 de março de 1811.

Ao saber dessa morte em pleno mar, Saavedra, que era então um dos inimigos de Moreno, exclamou: „Tanta agua era necessaria para apagar tanto fogo!“

---

[29]) Cornelio Saavedra. Nascêra em Potosi, em 16 de setembro de 1759. Era filho de capitão portenho Santiago de Saavedra y Palma e de sua esposa a potosiana Maria Tereza Rodriguez de Giraldez. Foi uma das principaes e talvez a principal figura da Revolução de Maio e da Junta Governativa, de que foi o primeiro presidente. Possuia grande illustração e primorosa intelligencia. Foi victima das sanhas partidarias, que lhe impuzeram humilhante expatriação. Falleceu em Buenos Aires, em 19 de março de 1829.

Em publicação recente, em homenagem ao centenario do fallecimento do illustre primeiro presidente da Junta Governativa [30]), se lê haver seu filho Mariano Saavedra declarado que seu genitor deixou de responder uma carta de Carlota Joaquina, pedindo auxilio para sua corôação, por não ser o autor desse projecto. [31])

Innegavel, entretanto, é que com esse projecto estava Saavedra de inteiro accôrdo e prompto para auxiliar sua realização, com o celebre corpo de seu commando.

Quando submettido a iniquo processo, em 1813, escreveu Saavedra uma extensa memoria, com o titulo de *Instrucções*, com elementos para sua defesa.

Não encontrou, entretanto, quem se animasse a defende-lo, porque os advogados residentes em Buenos Aires temiam as iras de Posadas, então Director Supremo, e da Assembléa.

Esse regime de terror, ao lado de cabeças decepadas e do espetaculo selvagem de homens cavalgados em plena rua, como alimarias, se tem querido impingir como exemplos de liberdade, a infundirem idéas democraticas no Brasil!

As *Instrucções* de Saavedra não foram utilizadas no fim a que se destinavam especialmente, mas ficaram como depoimento precioso para a historia, sob diversos aspectos.

Relativamente ao plano da corôação de Carlota Joaquina ahi se lê: „Os principaes promotores destas idéas é sabido que foram naquelles tempos o finado dr. José Castelli, Hipolito Vieytes, dr. Mariano Moreno e outros que mandaram suas cartas e correspondencias para a Côrte do Brasil, por mão de Nicolás Peña e de seu irmão Saturnino."

Depois de referir uma entrevista que sobre o assumpto tivéra com Vieytes accrescenta: „Quando concluiu seu discurso eu disse-lhe: o sr. Manuel Belgrano já fallou commigo sobre este negocio e estamos de accôrdo em que eu, com meu corpo de Patricios, longe de fazer opposição ao projecto, o seguirei."

Registamos até aqui as manifestações e os actos monarchicos dos homens mais illustres do Prata, que eram os orienta-

---

30) *Saavedra*, por Juan Romulo Fernandez. Buenos Aires, 1929.
31) Obra supracitada, 113.

dores e conductores das multidões que ali viviam e que foram os principaes factores da revolução de 25 de maio de 1810.

O registo feito só se refere a datas anteriores á revolução mencionada.

Na continuação deste registo ver-se-á que as manifestações e os actos daquella natureza continuaram, com intensidade, até depois da independencia das Provincias Unidas do Rio da Prata, em 1816.

A existencia dessa propaganda nos revela o opposto daquillo que em geral se affirma, quando se estuda a evolução da idéa republicana no Brasil: vêmos por ella que as nossas primeiras tentativas em prol da independencia e visando o regime democratico, não tiveram inspiração nas aspirações politicas de nossos visinhos de oéste e do sul. Ao contrario — entre elles é que se propagava, mesmo depois de instituirem a republica, o systema politico em que então viviamos.

Depois daquella revolução e especialmente entre os annos de 1814 e 1820, como observa o historiador uruguayo dr. Eduardo Acevedo [32]), proseguiram os trabalhos no Prata em prol da implantação do regime monarchico.

A morte de Mariano Moreno, quando seguia para seu desterro diplomatico, acarretou a caída da Junta Governativa, que foi substituida por um triumvirato. Este, como observa Adolfo Saldias [33]), continuou trabalhando pela monarchia.

José Gervasio Artigas, de quem tanto se exaltam hoje os sentimentos democraticos, disse em 21 de abril de 1811, em officio dirigido á Junta Governativa de Buenos Aires: „Minha primeira deligencia aqui, foi dirigir varias confidenciaes aos individuos de maior influencia na campanha, instruindo-os do verdadeiro e são objecto da Excellentissima Junta e do interesse que toma em suas sabias resoluções, em manter illesos estes preciosos dominios de nosso infortunado rei."

Dois dias depois da victoria das Pedras, dirigindo-se a Xavier Elío, encurralado em Montevidéo, concitando-o a re-

---

[32]) Obra cit. I, 99.

[33]) *La Evolución Republicana durante la Revolución Argentina,* 70. Buenos Aires, 1906.

conhecer a Junta Governativa, disse o mesmo Artigas, que esse reconhecimento devia ser feito pelos montevideanos, por intermedio de um representante, que fosse portador de seus votos, „conforme o regulamento publicado e segundo as medidas adoptadas pelas Provincias de Hespanha, para conservar ilesos da pressão do tyranno da Europa os dominios de nosso Augusto Soberano, o Sr. D. Fernando VII."

Assim pensava, um anno após a Revolução de 25 de maio de 1810, um dos homens que com o rotulo de democracia exerceu um dos mais autocraticos dos governos a que estiveram sujeitos os povos hispano americanos no inicio indeciso da independencia dos mesmos.

Desse modo, a semelhança de um frasco que contem essencia falsa, mas com rotulo de fabricante acreditado e cujo embuste só ficam conhecendo os que o adquirem — Artigas foi um absolutista, sob a capa de democrata.

A febre monarchica dos platinos moveu, como já deixamos consignado, San Martin, por occasião do banquete glorificador que lhe foi offerecido em 1812, a saudar a monarchia constitucional.

Sómente de 1813 em diante foi supprimida no Prata, do juramento dos que ali eram investidos de autoridade, a parte referente á vassalagem aos reis de Hespanha.

Essa suppressão, entretanto, não se inspirou em idéas republicanas, visto que continuou a propaganda monarchica.

Até 1813, deixou registado Tomas Anchorena, „por toda a parte resoava na bocca dos patriotas o grito de viva Fernando VII!

„Esta acclamação durou até a reunião da Assembléa Geral de todas as Pronvincias, em que se elegeu um Director Supremo do Estado.

„Sómente nessa data se manifestou um positivo desvio de submissão a Fernando VII e seus legitimos successores."

A causa dessa mudança foi, accrescenta o illustre procer argentino que vimos citando, „haverem as cousas em Hespanha chegado a tal estado de nullidade, e attingido a tal crescimento o poder de Napoleão, que já não havia esperança de que a Casa de Bourbon voltasse a occupar o throno hespanhol."

Quem primeiro iniciou o labor monarchico em Hespanha foi Manuel Sarratea que, em 25 de maio de 1814 mandava de Londres a Fernando VII, restituido ao throno de seus maiores, uma extensa nota em que começava antecipando a Sua Magestade os sentimentos de amor e e fidelidade, a Sua Real Pessoa, do Governo, que lhe enviava." [34])

Nessa nota, escripta precisamente quando transcorria o 2.º anniversario da Grande Revolução Sulamericana, o enviado argentino qualifica essa revolução, de guerra civil das colonias e affirma que essas lutas intestinas eram simplesmente consequencias do estado de turbulencia em que estivéra a Hespanha.

Reaffirmando isso, depois de uma longa dissertação, disse: „Permitta-me Vossa Magestade concluir assegurando-lhe, com o maior respeito, que os males que devoram as vossas Americas não nasceram do espirito de deslealdade que seus inimigos pintam, que si o céo não houvesse permittido a ausencia de Vossa Magestade, jamais se ouvira o éco da insubordinação naquelles paizes." [35])

Em janeiro, ainda de 1814, *Gervasio Antonio Posadas* foi alçado do cargo de notario do bispado de Buenos Aires a Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata.

Em dezembro desse mesmo anno Posadas enviou o general Belgrano e o dr. Bernardino Rivadavia para a Europa, com instrucções reservadas junto ás Côrtes da Inglaterra e Hespanha, com o fim de „assegurar a independencia da America", segundo as referidas instrucções, „negociando o estabelecimento de monarchias constitucionaes, com um principe hespanhol, se possivel, ou com um inglez ou de outra casa poderosa, se a Hespanha insistisse na independencia servil das colonias."

Referindo-se a essa embaixada em procura de um rei, disse Barbagelata: „Em fins de 1814 e em principios de 1815, época em que Posadas renunciou o mando supremo para entrega-lo ao seu sobrinho, não acceito como chefe do exercito

---

34) Barbagelata, obra cit. 108.

35) Archivo Geral das Indias, Papeis de Estado, maço 146, citação de Barbagelata, na obra recem mencionada, 109.

do Perú, a diplomacia portenha se agitou com fortuna varia, no Rio de Janeiro e na Europa." [36])

Avalia-se a mentalidade de Posadas, relativamente á fórma de governo, por estes conceitos, em seu estylo burlesco, segundo a precisa classificação do illustre general Mitre: „Que importa que quem nos deva mandar se chame rei, imperador, mesa, banco ou tamborete?

„O que nos convem é que vivamos em ordem e que desfructemos tranquillidade e isto não o conseguiremos emquanto formos governados por pessoa de nossa familiaridade."

Não era Posadas, deve-se dizer, em beneficio de suas idéas politicas, o unico que assim pensava.

„Houve um partido que professava a doutrina de que era preferivel ser subdito de uma nação extranha a submetter-se aos inimigos domesticos.

„Consta-me que muitos que appareceram na historia como eminentes patriotas, lamentaram ultimamente que os inglezes não nos tivessem conquistado definitivamente em 1806 e 1807.

„Alguns bateram muitas portas em procura de um rei, para o collocar no throno do Rio da Prata, e outros, depois nas tristezas da expatriação, excitaram o Chile para se apoderar do Estreito de Magalhães, que é hoje, afinal, chileno!" [37])

Ainda com referencia ao assumpto disse, ha dois annos, o eminente dr. José Leon Suarez, em interessante estudo sobre Vicente Blasco Ibañez, como sustentador decidido de uma theoria historica argentina: „Alguns espiritos superiores, inquietos e precoces, de que é classico e notorio exemplo o mais illustre dos proceres — Francisco Miranda — pensaram, desde o principio, na independencia, mas os povos não pensavam senão na liberdade, representada por direito constitucional do homem e do cidadão e, gradual, posto que rapidamente, em curso de um quinquenio — 1810 — 1815 —, a idéa de independencia, como meio de democracia republicana, foi se fazendo carne na opinião particular — precisamente quando muitos

[36]) Idem, idem, 108.

[37]) Vicente G. Quesada, obra cit. III, 118.

individuos que a sustentaram antes, se arrependiam, como de chimera insensata, e varios tramavam, com logica admiravel de circumstancias, acceitando a monarchia e outros claudicavam, a procurar a dependencia de outra metropole ou se resignando á volta do ominoso jugo de Fernando VII, sómente porque as colonias sublevadas eram incapazes de ser por elles governadas." [38])

Em 9 de janeiro de 1815 Posadas renunciou o alto cargo de Director Supremo, para poder, segundo dizia, „retirar-se á sua casa, afim de pensar em o nada que é o homem, para preparar conselhos, como herança, a seus filhos."

Seu substituto foi o brigadeiro Carlos de Alvear, em virtude de nomeação da Assembléa Constituinte.

O novo Director Supremo, quinze dias depois de empossado, de accôrdo com a maioria de seu Conselho de Estado, assignou duas notas diplomaticas, escriptas pelo seu ministro Nicolás Herrera, pedindo o protectorado da Inglaterra.

Com essas notas seguiu o dr. Manuel José Garcia para o Rio de Janeiro, onde se detiveram Belgrano e Rivadavia, ao saberem da mudança de governo.

Uma daquellas notas devia ser entregue pelo proprio Garcia ao representante britannico no Rio de Janeiro e a outra Rivadavia e Belgrano deviam entregar ao ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, cumprindo-lhes, para isso, continuar a viagem.

Nesta nota dizia o governo argentino que „as Provincias eram inhabeis para se governarem por si mesmas e que necessitavam de mão exterior que as dirigissem e as contivessem dentro da esphera da ordem, antes que se precipitassem nos horrores da anarchia."

„Estas Provincias", continua a nota, „dezejam pertencer á Grã Bretanha, receber suas leis, obedecer seu governo e viver sob seu poderoso influxo."

Em a nota destinada ao representante da Inglaterra no Brasil, lê-se isto, depois de uma exposição da ogeriza dos pla-

38) *Critica*, de Buenos Aires, revista publicada por Alberto Palomeque, n.º 48, de abril de 1828, 37.

tinos pelo governo hespanhol: „Nestas circumstancias só a generosa nação britannica póde pôr remedio efficaz a tantos males, acolhendo em seus braços estas Provincias, que obedecerão ao seu governo e receberão suas leis com prazer, por conhecerem que é o unico meio de evitar a destruição do paiz.

„A Inglaterra, que protege a liberdade dos negros na costa da Africa, impedindo, com a força, o commercio da escravidão, a seus intimos alliados, não póde abandonar a sorte dos habitantes do Rio da Prata, no acto em que se arrojam aos seus braços generosos."

Belgrano e Rivadavia seguiram para a Europa e em Paris se reuniu a elles Manuel Sarratea.

Nada puderam fazer em Londres, porque, quando ahi chegaram, Napoleão, saído da ilha de Elba, assombrava toda a Europa.

A Grã Bretanha tinha o principal papel na guerra que ia ser feita ao formidavel e genial guerreiro e sómente com elle se preoccupava.

Os dois commissionados platinos aceitaram então o plano de Sarratea da coroação para o Reino das Provincias Unidas do Rio da Prata, Perú e Chile, do principe hespanhol, Francisco de Paula, filho de Carlos IV.

Depois de estudar longamente o esforço dos platinos para a implantação do regime monarchico diz Saldias: „Dos documentos exhibidos nos capitulos anteriores, resulta que a tendencia e os propositos claros e definitivos dos governos que se haviam succedido até o anno de 1816 e em cuja prossecução haviam compromettido seu nome e autoridade os principaes homens da revolução, excepção feita do dr. Moreno, eram os de estabelecer a monarchia nas Provincias do Rio da Prata." [39])

Fracassada a missão de Rivadavia e Belgrano, tratou o dr. Manuel José Garcia que ainda se achava no Rio de Janeiro, de conseguir a acquiescencia de d. João VI para o estabelecimento da monarchia no Prata e „fundou sobre esta base um plano

[39]) Obra cit. 102.

politico, em o qual crendo ser o director, era apenas o servidor de interesses alheios e antagonicos." [40])

Sobre este assumpto assim se manifesta Vicente Quesada: „O nucleo de homens publicos mais timidos acreditou que era necessario procurar o apoio das nações extrangeiras.

„O Director Alvear mendigou o protectorado da Grã Bretanha, optando pela annexação como colonia ingleza. Outros aspiravam criar uma monarchia independente com um principe hespanhol e, por ultimo, foi procurado o apoio de Portugal, tudo isso, com o fim de evitar o dominio hespanhol.

„Havia confusão e desalento nos directores politicos." [41])

Martin Garcia Merou faz esta referencia áquella embaixada em procura de um rei: „Em 1814 a revolução sulamericana passava por um periodo critico. Dominada em quasi todas as partes do Continente, a resistencia contra a autoridade real se mantinha sómente no Rio da Prata.

„Naquellas circumstancias dolorosas a revolução havia enviado commissionados á Europa, com o objecto de negociar, se fosse possivel, por meio da Inglaterra, o reconhecimento das Provincias Unidas do Rio da Prata, pelas potencias europeas.

„Bernardino Rivadavia e Manuel Belgrano foram designados para desempenhar aquella missão e ambos chegaram a Londres em maio de 1815.

„Como nessa época a proclamação da independencia não havia sido lançada, os enviados trataram de obter o estabelecimento de algumas monarchias constitucionaes independentes na America, sob um principe hespanhol ou inglez ou ainda qualquer outro, desde que pertencesse a uma nação poderosa." [42])

Referindo-se, cheio de magua, á missão de Rivadavia e Belgrano, disse Juan Carlos Gomez, que nutria um odio systematico pelas monarchias, por occasião de sua ruidosa polemica com o illustre general Mitre, sobre a Triplice Alliança: „Os bandidos como Cesar, como Rosas, como Artigas, repre-

40) Mitre, obra cit. III, 179.

41) Obra cit. III, 106.

42) *Historia de la Diplomacia Americana — Politica Internacional dos Estados Unidos*, I, 263. Buenos Aires, 1904.

sentam em certos momentos da vida dos povos os grandes e essenciaes principios de sua existencia e de sua vitalidade futuras, emquanto homens virtuosos como Belgrano e Rivadavia representam, ao contrario, em taes momentos, os principios letaes, dissolventes das sociedades a que pertencem.

„Isto não exime os principios da responsabilidade pessoal de seus crimes, nem mingua nos segundos a venerabilidade da virtude das grandes qualidades d'alma."

Depois de mencionar o procedimento de Alvear, secundando seu antecessor, em procura de um rei, interroga Carlos Pereira: „pode-se extranhar isto em Alvear?"

„Não", responde, em seguida, o proprio interrogante e justifica sua resposta com aquella anciosa supplica de Alvear ao rei de Hespanha, em agosto de 1815, por intermedio de André Villalba." [43])

Referindo-se ao anno de 1813, disse o dr. Eduardo Acevedo: „E' preciso recordar que quando Artigas proclamou o governo republicano, todo o Rio da Prata vivia e pensava em pleno regime monarchico.

„Nenhum dos homens de Buenos Aires era republicano.

„Por convicção, por habito ou por circumstancias de momento, todos elles trabalhavam em silencio ou publicamente pela implantação da monarchia, unica forma de governo que encontrava ambiente entre as classes illustradas da época." [44])

Algumas paginas adeante repete o mesmo conceito e termina o capitulo XXXI de sua interessante Historia, encontrando paridade entre Artigas e Washington, mas para isso, sem duvida, viu a figura de ambos através de um oculo de alcance, olhando, entretanto, o caudilho, com o instrumento em posição natural e, assim, augmentado, e o estadista, pelo lado opposto do apparelho e, desse modo, diminuido.

Estudando os movimentos politicos do anno de 1814 em sua patria, disse o general Mitre: „As Provincias Unidas ainda não haviam proclamado nenhum dogma politico; não tinham

---

43) *Historia de America Española*, IV, 276, 277. Madrid, 1924.
44) Obra cit. I, 175.

constituição, nem se haviam pronunciado sobre a forma de governo.

O sentimento democratico era geral, sendo, entretanto, mais um instincto que uma convicção. O povo e a juventude eram republicanos, posto que não dessem contas de suas crenças nem houvesse remontado sua intelligencia á idéa abstracta de um systema de governo.

„Desse modo, o que era verdadeiramente popular era a independencia, como facto material mais facil de ser comprehendido pelas multidões.

„A parte illustrada que podia formar juizos mais correctos, carecia de experiencia e tinha idéas muito incompletas sobre o direito publico; não estavam ainda popularizadas as instituições da republica norte-americana.

„Educados sob o regime monarchico e sem outras licções além das que lhes ministrava a historia da Europa e vendo triumphante, por toda parte, a causa dos reis, a maioria dos homens illustrados daquelle tempo era monarchista." [45])

Com relação aos successos dos primeiros dias de 1816, diz Barbagelata que estiveram então no „auge os projectos monarchicos platenses." [46])

Vejamos agora a persistencia dos argentinos em adoptarem o regime monarchico, ainda depois de proclamada a independencia das Provincias Unidas do Rio da Prata.

Tres dias antes dessa declaração, em sessão secreta do Congresso de Tucuman, Belgrano, convidado para transmittir suas impressões sobre o que observára na Europa, com relação aos assumptos do Rio da Prata, declarou que predominavam no Velho Mundo as idéas monarchicas e que, no seu conceito, a fórma de governo mais conveniente para as Provincias Unidas era a de uma *monarchia temperada*, chamando a dynastia dos Incas, reparando-se assim a injustiça do desthronamento dessa casa, por uma sangrenta revolução.

Tres dias, agora, depois da proclamação da independencia, isto é: a 12 de julho de 1816, foi apresentada á Assembléa

---

45) Obra cit. II, 230.

46) Obra cit. 115.

uma moção favoravel ao estabelecimento de uma *monarchia temperada*, com a dynastia dos Incas e de seus legitimos successores, designando-se para séde do governo a cidade de Cusco.

A 20 continuaram os debates sobre a fórma de governo, sem que fosse resolvido o assumpto.

Na sessão de 31, ainda de julho, quando se discutia a instituição da monarchia, o deputado padre Pedro Ignacio de Castro Barros, em discurso que Saldias classifica de mystico-politico, exclamou: „O governo monarchico constitucional fôra o que o Senhor déra ao seu antigo povo e o que Jesus Christo instituira em sua Igreja."

A discussão continuou no mez de agosto, sem resultado final.

O Cabildo de Buenos Aires secundou, em obediencia ás instrucções do Congresso, a idéa da instituição de uma monarchia constitucional, sob um principe inca.

Neste sentido, em officio assignado pelos seus representantes Francisco Escalada e Felix José Frias e datado de 20 de setembro de 1816, dirigiu-se ao general Juan R. Balcarce, pedindo que, com o fim de que os habitantes da campanha fossem quanto possivel illustrados sobre a fórma de governo monarchico constitucional e sobre o restabelecimento dos Incas, como passo util á Nação, se divulgassem os numeros 55 e 56 do *Censor* e a proclamação do referido Cabildo.

O dr. Anchorena, na carta de 1846, já mencionada, diz que as instrucções dadas aos Deputados do Congresso de Tucuman nenhuma referencia faziam sobre a fórma de governo e por isso esses deputados „estavam na crença de que se julgava conveniente para fixar a sorte do paiz, a proclamação do estabelecimento de uma monarchia constitucional." E depois de mencionar a irrisoria idéa de Belgrano, sobre a coroação de um Inca, accrescenta: „Fiz esta narração para manifestar-lhe que a idéa de monarcha e de monarchia em nosso paiz, não foi sempre olhada com maus olhos, ao contrario: durante muito tempo teve a melhor acolhida o conceito de que a fórma monarchica constitucional, era a que mais nos convinha."

Em setembro de 1816, quando Lecór penetrava no territorio da Banda Oriental de accôrdo com o governo argentino, o Congresso reunido em Tucuman, enviou um emissario ao general lusitano, com instrucções onde, relativamente ao governo monarchico se lêm estes periodos:

„Deverá expôr tambem a grande aceitação do Congresso pelas Provincias e a confiança destas em suas deliberações e que, não obstante a exaltação das idéas democraticas notadas durante a revolução, o Congresso, a parte sã e illustrada do povo e este em geral, estão dispostos a um systema monarchico constitucional, sobre as bases da constituição ingleza, adaptadas ao estado e circumstancias destes povos, de modo a assegurar a tranquilidade e ordem interior e estreitar suas relações e interesses com os do Brasil, até o ponto de os identificar da melhor fórma possivel.

„Procurará persuadir-lhe (ao general Lecór) do interesse e conveniencia que destas idéas resultarão para o governo do Brasil, declarando-se este protector da liberdade e independencia destas Provincias, estabelecendo a casa dos Incas, enlaçada com a de Bragança.

„Caso seja o commissionado rechassado, depois dos mais poderosos esforços que deverá empregar para conseguir a anterior proposição, proporá a corôação de um infante do Brasil nestas provincias ou de qualquer infante extrangeiro, desde que não seja de Hespanha, para que, enlaçando-se com uma princeza brasileira, governe este paiz (as Provincias Unidas do Rio da Prata) sob uma constituição votada pelo Congresso."

Tomaram parte na sessão em que foram approvadas essas instrucções, 28 deputados dos quaes 22 approvaram-nas sem restricções; apenas 6 offereceram emendas e destes sómente um fez referencias ao governo republicano.

O Congresso de Tucuman encarnava a idéa monarchica, pela maioria de seus membros e essa maioria, sob esse ponto de vista, era quasi a totalidade dos congressistas.

A causa disso deve ser uma das que aponta Saldias ou todas ao mesmo tempo e que, segundo o historiador argentino eram estas:

a) — Affinidades e compromissos com os centros governistas da capital;

b) — apego á tradição em que viviam no interior, em o norte e no Alto Perú;

c) — a duvida a respeito da capacidade dos povos;

d) — a falta de coragem para affrontar ás difficuldades que deviam preceder á organização de uma sociedade submettida durante tres seculos á vassalagem brutal.

Em 1817 persistia o congresso argentino nas mesmas idéas, conforme se vê da nota que dirigiu, em 11 de janeiro, a Pueyrredon, então Director Supremo do Estado.

Por essa nota devia o dr. Manuel Jozé Garcia, delegado platino no Rio de Janeiro, se esforçar para conseguir o reconhecimento da independencia das Provincias Unidas do Prata, pelo Brasil.

Reiterava-se tambem a declaração feita em setembro do anno anterior ao general Lecór, de que os povos já não insistiam nas idéas puramente democraticas a que se inclinavam no principio da revolução e que a disposição do congresso e da parte sã do povo era pela monarchia moderada, nas bases da ingleza.

Com fundamento nesses precedentes, accrescentava a nota referida, podia Garcia fazer proposições para a corôação de um infante do Brasil.

Ainda em 1817, escrevia Rivadavia da Europa ao Director Supremo das Provincias Unidas do Prata: „Nunca pensei que o congresso demorasse tanto a se pronunciar sobre a fórma de governo, quando é urgente que o faça.

„Estou convencido que é de summa importancia instituir a monarchia nesse Estado, reservando a eleição e proclamação do soberano, para o resultado da negociação em que se está com as côrtes da Europa."

Dois annos depois ainda fervilhava na cabeça de Rivadavia a idéa de uma monarchia no Rio da Prata.

Cheio de enthusiasmo, depois de uma longa conferencia com o marquez Desolles, então ministro dos Negocios Extrangeiros de Luis XVIII, apresentou ao governo argentino,

como um plano politico da França, a idéa de uma monarchia constitucional na America. [47])

Continuaram em 1818 os trabalhos para a instituição da monarchia no Prata.

Havia sido, porêm, abandonada a idéa sobre o principe Inca. Em vez desse queriam, agora, o duque de Luca.

Com o fim de propagar a corôação deste principe o coronel Le Moyne, de accôrdo com o marquez de Osmond, par de França, tenente-general do exercito e embaixador francez em Londres, se transportou para Buenos Aires, onde, depois de varias tentativas, ousadas e habeis, conseguiu, a partir de agosto de 1818, diversas entrevistas com Pueyrredon, de quem ganhou a confiança.

Em uma dessas conferencias disse Pueyrredon, em gesto decisivo, ao francez: „Vejo, coronel, quaes são vossas intenções e o motivo de vossa viagem. Vou abrir-vos meu coração. Vou fallar-vos com a franqueza que me inspiraes e dar-vos a conhecer o unico objecto que me occupa neste momento. Tenho o maior desejo de assegurar, de maneira invariavel, a sorte de minha nova patria. Creio, como vós, que é isso impossivel, se não fôr governada monarchicamente. Formei um conselho das pessoas mais illustres e que gozam, na opinião publica, da maior consideração.

„Até agóra estivemos indecisos sobre a eleição do principe que devemos chamar ao throno. Varias nações já nos têm feito offerecimentos a respeito, mas nenhum convem ao paiz."

Depois de enumerar esses offerecimentos e as causas da recusa e á interrogação de Moyne, „se acaso conviria um principe francez", o Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata, com indisfarsavel alegria, disse que sim e depois de varias considerações assim se expressou: „Pois bem, coronel, trabalhemos de accôrdo nesta grande causa. O offerecimento que me fazeis é o que melhor nos convem, o que, creio, póde fazer a felicidade de meu paiz.

„Sou da patria de Henrique IV, recebi minha educação

47) Mitre, obra cit. III, 275.

na França, conheço a indole nacional desse paiz, sei que é o unico que póde convir á America." [48])

Le Moyne embarcou para Londres, em setembro ainda de 1818 e em fevereiro do anno seguinte aportou áquella capital.

Em seguida de Le Moyne, diz Barbagelata, „partiu para a França Valentin Gomez, como emissario de Pueyrredon, passando primeiro pelo Rio de Janeiro, para tratar com a Côrte de Luiz XVIII, a vinda de um monarcha para as Provincias Unidas." [49])

A escolha de Valentin Gomez para essa missão foi feita em virtude de indicação de Le Moyne, conforme se verifica na nota que, em 7 de maio de 1819, dirigiu ao ministro das Relações Exteriores da França, onde se lê: „Foi por meu parecer que enviaram o Sr. Gomez."

Foi assim que o padre Valentin Gomez, em outubro de 1818 seguiu para a Europa, com a missão ostentativa de tratar da independencia das Provincias Unidas do Rio da Prata, mas, na realidade, para negociar a vinda de um principe para o Imperio Platino.

Chamamos a attenção do leitor para o nome do illustre commissionado argentino.

Foi elle o emissario, por meio de quem a Argentina pleiteou em 1823, no Rio de Janeiro, a restituição aos seus dominios da Banda Oriental, então encorporada ao Brasil, como Provincia Cisplatina.

No desempenho de sua missão na capital brasileira, revelou Valentin Gomez grande intelligencia e muita perspicacia, apezar das contradições que se notam em suas idéas politicas, comparadas com as que serviu, cinco annos antes, na Europa.

Para se crêr em sua sinceridade agora, indispensavel é,

---

48) Documentos del Arquivo del Ministerio de Negocios Extranjeros de Francia, referentes a Buenos Aires (1587—1819), seleccionados y traduzidos por Hugo D. Barbagelata, in *Revista del Instituto Historico y Geographico del Uruguay*, tomo VI, 713, 714. Montevidéo, 1929.

49) *Artigas y la Revolución Americana*, cit. 158, 161.

se creia, havia renunciado os principios monarchicos que advogou em 1818.

Em 18 de junho de 1819 dirigiu Valentin Gomez, de Paris, uma longa nota ao Secretario de Estado no Departamento do Governo e Negocios Extrangeiros das Provincias Unidas, informando sobre a missão que lhe fôra confiada e onde se lê que o governo francez propunha o „duque de Luca, antigo herdeiro do reino de Etruria e entroncado por linha materna na augusta dynastia dos Bourbons“ [50]) e que esse principe „poderia contrahir enlace matrimonial com uma das princezas do Brasil.“ [51])

Essa nota José Rondeau, na qualidade de Director Supremo das Provincias Unidas, remetteu em 26 de outubro de 1819 ao Congresso argentino, que depois de longa discussão nas sessões secretas de 27 e 30 de outubro e de 3 e 12 de novembro, adoptou a seguinte resolução:

„Nosso enviado em Paris porá no conhecimento do Ministro das Relações Exteriores de S. M. Christianissima que o Congresso Nacional das Provincias Unidas da America do Sul examinou com a mais séria e madura attenção a proposição do estabelecimento nestas provincias de uma Monarchia Constitucional, para collocar nella, sob os auspicios da França, o duque de Luca, contrahindo matrimonio com uma princeza do Brasil e que não a considerou inconsiliavel com o objecto principal de nossa revolução, liberdade e independencia politica, nem com os grandes interesses destas mesmas provincias; que reconhecendo ser o primeiro e mais sagrado dos seus deveres o de occupar-se efficazmente de consolidar a felicidade publica, fazendo cessar a effusão de sangue e todas as calamidades da guerra interna e externa, por meio de uma paz honrosa e duradoura com a Hespanha e com as grandes Potencias da Europa, cuja paz deve ser baseada no reconhecimento de uma independencia absoluta e nas relações de commercio de utilidade reciproca, é necessario, para fixar sua determinação, saber se as vantagens que offerecem este projecto são bem effectivas,

50) Parish, obra cit. II, 379.

51) Idem, 381.

pois está decidido a adoptar por Chefe de seu governo o Principe que reuna maior numero de garantias para assegurar estas vantagens e para aplainar os obstaculos que possam apresentar-se; que adoptando estes principios a autoridade executiva deste Estado Soberano poderá admittir esta proposição sob as condições do teor seguinte:"

Seguem-se as condições em numero de nove, entre as quaes existem estas:

„2.ª — Que depois de haver obtido este consentimento, S. M. Christianissima se encarregará igualmente de facilitar a união do Principe de Luca com uma Princeza do Brasil, devendo esta união ter como resultado a renuncia por parte de S. M. Fidelissima de todas suas pretenções sobre o territorio que a Hespanha possuia, segundo a ultima demarcação e das indemnisações que poderia reclamar ulteriormente, pelos gastos occasionados com sua empresa actual contra os habitantes da Banda Oriental.

„3.ª — Que a França se obrigará a prestar ao Principe de Luca todo o auxilio necessario para estabelecer uma monarchia nestas Provincias e para faze-la respeitada, devendo esta monarchia comprehender todo o territorio da antiga demarcação do vice-reinado do Rio da Prata e conter, por consequencia, dentro de seus limites a Provincia de Montevidéo com toda a Banda Oriental situada entre o rio Corrientes e o Paraguay.

„4.ª — Que estas Provincias reconhecerão por Soberano o Duque de Luca, conservando a Constituição que ellas juraram, com excepção dos antigos que não possam adaptar-se á fórma de governo Monarchico hereditario, os quaes serão modificados de accôrdo com os principios constitucionaes que lhes deram origem.

„5.ª — Que immediatamente ao consentimento das grandes potencias da Europa para a elevação do Duque de Luca, este projecto deverá ser levado a effeito, ainda que a Hespanha não queira renunciar á esperança de reconquistar estas Provincias." [52])

Occorria tudo isto, como se vê das datas dos documentos

---

52) Idem, 391, 392, 393.

transcriptos — nove annos depois da celebre Revolução de 25 de maio;

tres annos após a proclamação da independencia das Provincias Unidas do Rio da Prata

e decorridos apenas cinco mezes de vida constitucional, isto é: do juramento da Constituição politica das mesmas Provincias!

Foi ouvindo protestos de vassalagem eterna, recebendo solicitações constantes, attendendo repetidas supplicas, sentindo entre nossos visinhos platinos um ambiente saturado de monarchismo e vendo, assim, occasião azada e campo propicio para a realização de dois dos maiores de seus idéaes politicos: a linha lindeira ao sul pela margem esquerda do Prata e a instituição de monarchias na America — que o governo de d. João VI mandou suas tropas occupar a Banda Oriental, onde foram recebidas com demonstração de jubilo e acatamento, chegando essas manifestações ao ponto de conduzirem o general em chefe para a capital — Montevidéo — sob pallio, como se fosse um Messias.

Ainda em 1828, depois da paz com o Brasil, tentaram os platinos instituir o regime monarchico na Argentina.

Adolfo Saldias, depois de historiar o motim militar chefiado por Lavalle, em dezembro, e o assassinato de Dorrego, diz que estes graves acontecimentos, mais do que os sentimentos de uma vingança politica, obedeciam ao proposito de desbaratar a fórma republicana federal e accrescenta: „O que esses politicos manifestavam era a conveniencia de realizar o plano monarchista de 1815, de 1817 e de 1825, com o mesmo apego com que depois do anno de 1852 perfilharam a constituição unitaria de 1826." [53])

Corroborando tudo isso e como remate probatorio do monarchismo dos platinos, vamos transcrever aqui uma confissão de Lavalle, através do depoimento de José Maria Roxas, em carta de 1.º de janeiro de 1862, ao seu amigo Juan Manuel Rosas, então exilado na Inglaterra:

„Em 1.º de dezembro de 1828, assim que o general Manuel Escalada soube da revolução feita por seu intimo amigo Juan Lavalle, procurou este e o encontrou na praça.

53) Obra cit. 276, 277.

„Respondendo-lhe uma interrogação, Lavalle, depois de o levar para o centro desse logradoiro publico, disse-lhe: Vou confessar-te um segredo, mas não o dirás a ninguem.

— A ninguem, não, respondeu Escalada, só a meu irmão Bernabé, para quem não tenho segredos.

— Bem, seja o unico, replicou Lavalle e accrescentou: Já está visto que a Republica é uma merenda de negros, que em nosso paiz não póde existir. Entrei em projecto de estabelecer uma monarchia: já dei os passos, teremos por soberano um principe das primeiras dynastias da Europa.

„Isto", esclarece Roxas, „contou Bernabé ao general Iriarte e a mim, accrescentando que era a primera vez que revelava esse segredo."

O original da carta citada pertence ao archivo de Saldias.

Este historiador, que estudou a fundo esses tramas politicos, chegou a esta conclusão: „O que em realidade depõem os factos occorridos, não obstante a reserva com que se os resguardou na America e na Europa, é que a politica reaccionaria e guerreira, em seguida ao fuzilamento do general Dorrego, tendo á frente os generaes Lavalle, Paz e os prohomens do partido unitario, obedecia ao proseguimento do plano de monarchizar as Provincias Unidas, contando com as bôas disposições que mostrava a França e com a ajuda que promettia o Imperio do Brasil." [54])

Existe, entretanto, muita gente ingenua que se escandalisa com o objectivo secundario da missão Santo Amaro e o condemna.

Houve erros, não é licito negar, na implantação do regime monarchico no Prata, mas o maior delles foi commettido pelos nossos visinhos, que se esforçavam em matar a Republica que nascêra na região platina, como planta inculta em terreno ubertoso e propicio e por isso, não obstante espezinhada, quando mal surgia, brotava vigorosa em seguida, até que poude estender sua copada fronde por toda aquella região, com o viço e o brilho das cousas naturaes e vigorosas.

---

54) Idem, 285, 286.

II) Ideas de Artigas sobre o Rio Grande do Sul

Causas predisponentes - Ideas de Artigas sobre o Rio Grande do Sul - Direito de Segurança - A Grande Republica Federal - Artigas era um perigo á integridade do Brasil - Proclamações incendiarias - Brasileiros ao serviço de Artigas - Manoel Pinto Carneiro - Pedro José Vieira - A posse da parte do Rio Grande do Sul chegou a ser uma das obsessões de Artigas.

O direito de segurança é, segundo a licção de nosso grande Lafayete, „o direito de prevenir aggressões futuras e de conjurar perigos que pela sua seriedade e imminencia, podem comprometter a tranquilidade e existencia da nação.“ [55])

Outro grande mestre do direito internacional diz: „O direito de segurança é o de precaucionar-se contra os ataques, de prevenir eventualidades, pela disposição de todos os meios legitimos que ponham ao abrigo do receio de ser inquietado.“ [56])

O direito de segurança é uma das fórmas do direito de conservação, que é o primeiro e o mais importante de todos os direitos internacionaes absolutos — o que serve de base fundamental á maior parte dos outros [57]), visto que „comprehende todos os direitos incidentes essenciaes para salvaguardar a integridade da existencia, tanto physica como moral dos Estados: o direito de repellir tudo quanto possa impedir sua propria conservação e desenvolvimento, o direito de afastar todo mal presente e de premunir-se contra todo perigo de prejuizo futuro,

---

55) Lafayette Rodrigues Pereira, *Principios de Direito Internacional*, I, 100, § 68. Rio de Janeiro, 1902.

56) Pradier Fodéré, *Traité de Droit Internacional Public*, 413.

57) Idem, 211.

o direito de desenvolver as condições necessarias á sua existencia perfectivel". [58])

A vida dos Estados — a licção é de Montesquieu — é como a vida dos homens. Estes têm o direito de matar, em caso de defesa natural; aquelles têm o direito de fazer a guerra, para sua propria conservação."

Quando, na imminencia de uma aggressão, se procura, por medidas preventivas, evitar a situação extrema que o direito de defesa exige — pratica-se um acto de louvavel prudencia e de humanidade e, ao mesmo tempo, se usa do direito de segurança.

José Gervasio Artigas, pelas idéas politicas de que estava imbuido e que chegaram a ser uma obsessão, tornou-se uma ameaça permanente, um perigo constante, á integridade do Brasil no sul.

As ameaças desse caudilho, suas tentativas, sua propaganda, com o objectivo de encorporar o Rio Grande do Sul e formar, juntamente com o Paraguay, Missões, Corrientes e Entre Rios, uma Republica Federal, repercutindo é modo inquietador no Brasil, predispuzeram seu governo a evitar, a todo transe, a realização desse ideal politico, arrojado, mas, sem duvida, grandioso.

Assim aquellas idéas de Artigas se grupam entre as causas predisponentes da invasão da Banda Oriental em 1817 e de sua encorporação, mais tarde, ao territorio brasileiro, que ficava, desse modo, com seus limites pelo Prata, ideal perseguido desde 1680, como uma necessidade politica que cada vez mais se accentuava, a par do extraordinario alcance economico que essa divisa garantia ao Brasil.

Ha 32 annos, o escriptor uruguayo, J. Miguel Diaz Ferreira, publicou um opusculo „para reavivar a grande idéa do immortal Artigas, fazendo-a conhecida de todos os paizes que elle pensou encorporar em uma só nação". [59])

Aquella idéa que, segundo o autor citado, datava de 1811,

---

58) Idem, 235.

59) *La Idéa de Artigas ó la Formación de la Gran Republica Oriental*, 5. Buenos Aires, 1898.

consistia „na formação de uma grande Republica Democratica Federal, formada pelos paizes ou territorios povoados pela raça guarani e charrua, sob uma nação, com o nome de Grande Republica Oriental, a saber: Paraguay, Corrientes, com o territorio das Missões, Rio Grande do Sul, Entre Rios e a Banda Oriental". [60])

A existencia dessa idéa é corroborada pelos actos de Artigas e de seus apaniguados.

O historiador Antonio Deodoro de Pascual, depois de expôr a moderação e o espirito de neutralidade e a bôa fé, de que deu provas o governo do Regente de Portugal, nas relações com seus visinhos na America, accrescenta:

„As partidas de Artigas e Otorguez, ameaçavam a cada passo, as fronteiras e integridade dos dominios de S. M. F. Commettiam tropelias nos Estados da corôa de Portugal, indo a demasia até o ponto de quererem se apoderar de territorio occupados por tropas e autoridades portuguezas." [61])

„Como correspondiam os chefes da Banda Oriental ás benevolencias do governo portuguez?"

A interrogação é do autor citado. Elle mesmo a responde.

— „Talando as fronteiras, commettendo desmandos atrozes, incendiando o paiz visinho com proclamações e incitando-o á revolta, não respeitando o territorio alheio e violando todas as leis." [62])

As proclamações e os incitamentos que o autor citado se refere, encontraram éco no animo irrequieto de alguns brasileiros.

Salienta-se entre estes Manoel Pinto Carneiro, filho do paulista Miguel Pedroso Leite e de Innocencia Candida Pereira Pinto, riograndense, filha do fundador de Rio Pardo, coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, de descendencia illustre, segundo informa Aurelio Porto, erudito investigador da genealogia riograndense.

60) Idem, 7.

61) Obra cit. I, 45.

62) Idem, 47.

Pinto Carneiro casou com uma catharinense, filha de portuguezes, e foi residir na Banda Oriental.

Pelo seu destemor e accentuadas qualidades de guerrilheiro, foi um dos principaes auxiliares de Artigas, de quem era o vanguardeiro.

Como *recompensa* a esses serviços foi degollado em 22 de fevereiro de 1814 por ordem do „rei dos caudilhos", demonstrando assim que amava a traição e desprezava os traidores.

O celebre *Grito de Ascencio,* que representa no Uruguay o primeiro brado de revolta contra o dominio hespanhol, foi dado, antes da victoria das Pedras, por um brasileiro, Pedro José Vieira, conhecido pela autonomasia de *Perico el Bailarin,* pela agilidade com que dançava de tamancos.

Esta curiosa celebridade, dá-nos uma idéa da mentalidade desse sujeito que foi, aliás, respeitado em seu tempo, porque era um destemido.

„Vieira e Benavides foram os primeiros que se levantaram contra Hespanha, em Ascencio, proximo a Mercedes.

„Depois veio Artigas, que havia ido a Buenos Aires entender-se com os argentinos." [63])

Pedro José Vieira, segundo informações do dr. Fernando Luis Osorio, incansavel e provecto investigador de nosso passado, era natural de Jaguarão (Rio Grande do Sul), de onde se transportou para a Banda Oriental, domiciliando-se no valle do Rio Negro.

Pedro Vieira „foi o primeiro cabeça da revolução uruguaya" [64]), com o brado libertador de Ascencio que, segundo Carlos Roxlo, „atravessou o paiz com a velocidade do raio".

Pedro Vieira depois do movimento revolucionario que encabeçou [65]), á revelia de Artigas, foi, em virtude de uma proclamação deste caudilho contra os portuguzee, destituido pelos uruguayos da chefia daquelle movimento, „por não dever ser

---

[63]) Luis Cincinato Bollo — *Geografia de la Republica Oriental del Urugauy,* 37; 12.ª ed. Montevidéo, 1909.

[64]) Carta de 22 de abril de 1811 de Possidonio da Costa a d. Rodrigo de Souza Coutinho.

[65]) Dr. Celedonio Nin y Silva, *El Uruguay,* 28. Montevidéo, 1929.

primeiro chefe um homem da nação com a qual ameaçam atacar seu systema".

Foi, pouco depois, reparado esse acto, em parte, isto é: readmittido Pedro Vieira nas fileiras orientaes, passando, porêm, a autoridade de segundo plano, até que, por dissidencias com Artigas, que parece lhe invejava a primasia na revolta contra o dominio hespanhol, passou para Buenos Aires, onde serviu como coronel até o anno de 1825.

Victima, ali, das exaltações nacionalistas, por ser filho do „imperio dos portuguezes", abandonou a Argentina e foi para a Cisplatina. Admittido no exercito de sua patria nativa, passou a servir na guarnição da Colonia, onde mais de uma vez se distinguiu em combate.

Domiciliou-se mais tarde no Rio Grande do Sul, em Piratiny. Ha noticias suas até 1840, atravéz da correspondencia que então mantinha com Domingos José de Almeida, um dos proceres da revolução farroupilha.

„E' fóra de duvida que Artigas tinha na imaginação o mappa de uma grande patria futura. Via suas fronteiras nas que então o eram do dominio hespanhol: além nas Missões limitrophes com o Brasil.

„Era um grande territorio: toda a America subtropical atlantica.

„A visão de que era o fundador dessa patria transluz na paixão com que luta então contra os avances do portuguez e contra a desidia ou indifferença de seus proprios chefes hespanhoes, na defesa do territorio. Essa desidia que em alguns chega ao pacto venal com o inimigo, o desespera, o desalenta e põe a increpação em sua bocca." [66])

„Não era, não podia ser a independencia oriental um feito sympathico a Artigas, porque isso o obrigaria a se conformar com o governo de uma unica provincia, quando pretendia dilatar o seu poder ás occidentaes, sem outra limitação que a imposta pela força das armas.

„Sua ambição de mando, que era sua aspiração capital,

66) Juan Zorrilla de San Martin, *La Epopeya de Artigas*, I, 187. Montevidéo, 1916.

se revelou desde os primeiros dias da campanha contra os hespanhoes: deu-se-lhe immediatamente o titulo de *chefe dos orientaes* e aspirou, desde esse momento, a supremacia militar entre seus comprovincianos." [67])

Nas encomiadas instrucções de 13 de abril de 1813, dadas por Artigas aos cinco deputados que enviou ao Congresso Constituinte das Provincias Unidas, se lê em seu artigo 9.º: „Que os sete povos de Missões, os de Batovi, Santa Tecla, S. Raphael e Taquarembó, que hoje occupam injustamente os portuguezes e que em tempo opportuno devem ser reclamados, serão em qualquer tempo territorio desta Provincia."

Estudando minuciosamente o *Plano politico de Artigas*, o seu panegyrista dr. Eduardo Acevedo, illustre e erudito historiador uruguayo, assim se refere á *Reconquista das Missões:* „Tinha que pensar tambem Artigas no augmento do territorio da Provincia Oriental.

„Como consequencia da inconcebivel incuria das autoridades hespanholas, que haviam tido assento em Buenos Aires, todo o vasto territorio do Atlantico que historica e geographicamente pertencia a Montevidéo, estava em mão dos portuguezes.

„Artigas não o esquecia. Limitando-se, porêm, ás usurpações contemporaneas á época em que elle havia actuado como official de blandengues e como subalterno de Azara, exigia a reintegração da superficie em que estavam disseminados os povos de Missões, Batovi, Santa Tecla e S. Raphael, com o patriotico proposito de restaurar alguns dos marcos da Provincia Oriental." [68])

Explicando *o plano militar* que Artigas concebêra para atacar o Brasil em janeiro de 1816, quando nenhuma hostilidade havia por nossa parte, disse o autor recem citado: „O que queria, pois, o chefe dos orientaes, era circumscrever o theatro da guerra no territorio portuguez, mediante uma dupla invasão, através do Uruguay, para reconquistar as Missões Orien-

---

67) Dr. F. A. Berra, *Bosquejo Historico de la Republica Oriental del Uruguay*, 216, 3.ª ed. Montevidéo, 1881.

68) Obr it. I, 188.

taes e através do Rio Grande, para atacar o marquez de Alegrete em seu proprio quartel general." [69])

Ainda o autor referido, estudando a cruzada dos chamados *Trinta e Tres*, recapitula o que ficou transcripto, nestes termos: „Já dissemos que desde o começo da guerra Lavalleja insinuára a idéa eminentemente artiguista de trasladar o theatro da luta á Provincia do Rio Grande.

„Rivera, a seu turno, completando o pensamento de Lavalleja e de *accôrdo sempre com as idéas de Artigas*, resolveu accommetter a conquista das Missões Orientaes proclamada desde 1813 entre as condições de encorporação de Montevidéo ás Provincias Unidas do Rio da Prata." [70])

Não é necessario accumular maior numero de provas para evidenciar as idéas politicas de Artigas sobre o territorio que no extremo sul do Brasil constituia uma de suas mais bellas provincias.

Esse desejo intermittente e que já se ia tornando chronico — justifica o interesse a necessidade, o dever do governo de d. João VI, de affasta-lo definitivamente.

O meio mais seguro para isso era aniquilar ou destruir o virus desse mal, encarnado no mais suggestionante dos caudilhos daquella época.

Não fazer isso, era negligenciar a defesa nacional; era se fazer réo de lesa patria.

Os que forem capazes de semelhantes crimes — condemnem irremessivelmente e ás cégas, a occupação da Banda Oriental; os que tiveram em alguma conta as altas responsabilidades do governo para com a patria — meditem sobre o assumpto antes de julgarem-no.

---

[69]) Idem, 309.

[70]) Idem, 333, 334.

III) Turbulencias de Artigas

Causas predisponentes - Turbulencias de Artigas - Ameças inquietantes e graves disturbios na fronteira Riograndense - Depoimentos e juizos valiosos de Vicente Fidel Lopes e de Luis Melian Lafinur - Um mau visinho.

Antonio Deodoro de Pascoal, sempre bem informado, assim justifica o acto do Brasil em prol da independencia absoluta do Uruguay, aproveitando-se da discordia reinante entre orientaes e portenhos: „Não se deve atacar o Brasil por haver procedido desse modo, primeiro, porque sua situação geographica assim o exigia, e si levarmos em conta, prescindindo de preoccupações nacionaes, tudo o que aconteceu posteriormente, devemos confessar que o imperio limitrophe póde dizer que não gozou um momento de paz em suas fronteiras até a vergonhosa fuga de Rosas, e que o contacto revolucionario, que tanto temia o principe regente de Portugal, como vimos nos primeiros capitulos, manteve em alarme quasi continuo a provincia visinha do Rio Grande do Sul, pondo-a a dois dedos de um precipicio em época não mui remota.“ [71])

As referencias anteriores de que o autor falla eram estas: „O que o governo portuguez desejava era a pacificação, para não ver as suas fronteiras revolvidas, esmagadas a cada passo, pelos revolucionarios que, não contentes em desolar o Estado do Uruguay, talavam a visinha provincia portugueza.“ [72])

São do general Mitre estes conceitos: „A sublevação de Artigas durante o segundo sitio de Montevidéo, a guerra civil

---

[71]) Obra cit. I, 287, 288.

[72]) Idem, 53.

que sobreveio, a anarchia que se fez chronica na Banda Oriental, collocaram esta provincia em uma condição excepcional."

Em seguida, depois de declarar que sendo de direito a Banda Oriental parte integrante das Provincias Unidas, não o era, então, de facto, accrescenta: „Limitrophe do Brasil, não estava em condições de cultivar relações regulares com seu governo; ao contrario: era um perigo para a provincia brasileira do Rio Grande, produzindo em sua fronteira continuos conflictos." [73])

„A invasão portugueza na Banda Oriental, como se viu, é o nó de uma dupla série de acontecimentos, que por uma parte se ligam com o mundo exterior e pela outra se complica com a politica interna.

„Esta invasão, preparada pela ambição do Brasil, atrahida pela anarchia da Banda Oriental e com ella cohonestada; fomentada por uma diplomacia tenebrosa e combinada com uma politica interna e externa do governo argentino; complicada com a attitude de Hespanha e de Portugal, sobre as colonias americanas insurreccionadas e relacionada directa ou indirectamente com a Santa Alliança na Europa, fez sentir desde logo sua dupla influencia em ambos os mundos." [74])

O que agora se vae ler foi escripto por Vicente Fidel Lopez. Chamamos a attenção do leitor para este nome, visto ser o de um autor que não alimentava sympathia pelo Brasil: „E' preciso ter em conta, do mesmo modo, que Artigas commettia toda classe de más acções nas provincias litoraes, perseguia, degollava e roubava subditos portuguezes, não sómente no territorio oriental, mas em todas as fronteiras desde a de Serro Largo á de Entre Rios e Corrientes.

„Muitas vezes o governo portuguez havia observado ao argentino que se Artigas era seu subdito, tinha o dever de conte-lo, e que se não o era, o governo portuguez estava no direito de entrar nos territorios que Artigas occupava, para o castigar e expulsa-lo." [75])

---

[73]) *Historia de Belgrano*, cit. passin.

[74]) Idem, III, 202, 203.

[75]) Manual de Historia Argentina, 330. Buenos Aires, 1920.

„Aquelle caudilho — Artigas — mantinha viva resistencia contra os portuguezes, ameaçava sempre a provincia de S. Pedro; suas forças eram engrossadas com os indios das Missões Orientaes e Occidentaes do Uruguay.

„Temeroso o gabinete de d. João VI que Artigas conflagrasse as povoações da Provincia de S. Pedro, de cujas fronteiras se havia aproximado por varios pontos, resolveu enviar um exercito luso-brasileiro ao mando do general Lecór, a occupar a provincia de Montevidéo." [76])

O venerando e erudito historiador uruguayo, dr. Luis Melian de Lafinur, em longa carta dirigida aos jovens publicistas e seus compatricios Ariosto Gonzalez, Luis F. Pereira e Enrique Ponce de Leon, redactores de *La Nueva Era,* disse, em 20 de junho de 1921: „Tenho o prazer de os felicitar pela nobre campanha que inciaram contra os falsificadores de nossa historia.

„Pelo encadeiamento que têm os successos de 1825 com a invasão portugueza, *determinada pela attitude de Artigas* — o gripho é nosso — fizeram muito bem começando o estudo sobre a data de nossa independencia, referindo-se ao primeiro dos caudilhos da anarchia no Rio da Prata.„ [77])

„A Hespanha havia sido vencida na Banda Oriental e expulsa de Montevidéo, pelas tropas argentinas. Depois disso nada fizéra no sentido de recuperar essa parte de suas colonias.

„Todo esse territorio ficára abandonado á si mesmo, inteiramente barbarizado e em tal desordem que, em vez de provincia ou entidade social de um genero qualquer, era um conjuncto de bandoleiros em anarchia, sem freio, nem regra conhecida, que faziam a guerra a todos seus visinhos, a Portugal especialmente, acommettendo, roubando, matando, constituindo, em summa, um perigoso contagio ao lado das provincias portuguezas, cujas vastas campanhas, povoação numerosa e semi-barbara tambem, não pouco expostas estavam á fermentação anarchica de seus vizinhos." [78])

---

[76]) Vicente G. Quesada, obra cit. II, 70.

[77]) *El Centenario da la Independencia Nacional*, 49. Montevidéo, 1921.

[78]) Vicente Fidel Lopez — *Historia*, cit. VI, 229, 230.

„...todos sabiam que Artigas não era federal: que seu ideal e suas pretenções eram enfeixar em suas mãos todos os poderes discricionarios de um caudilho dominador e dono absoluto dos recursos da capital.„ [79])

„Artigas preferia sacrificar tudo a entrar para a União Argentina, porque aspirava a independencia de sua provincia e parte das do litoral, para sobre ellas exercer seu dominio absoluto.“ [80])

Nessa encorporação, como vimos ao estudar as idéas politicas de Artigas, entrava o Rio Grande do Sul.

„A reconquista das Missões“, diz um idolatra de Artigas, „constituia uma das obcessões de seu espirito.“ [81])

Uma das cousas mais incommodas e perigosas, é um visinho turbulento e rixoso.

Vive-se em continuo sobresalto, por se estar, a toda hora, na imminencia de um conflicto.

Essa situação se aggrava quando os caprichos, os desmandos, as ambições desse vizinho se oppõem ás leis, aos preceitos sociaes, aos direitos dos individuos e das nações, aos deveres de humanidade, com o desrespeito de todas as liberdades e reconhecendo como unico direito a sua vontade arbitraria.

Pelo que acabamos de expôr, através de depoimentos insuspeitos, José Gervasio Artigas foi, para o Brasil, um desses visinhos.

---

79) Idem, idem, 363, 364.
80) Saldias, obra cit. 149.
81) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 141.

IV) Barbarismo dos caudilhos e caudilhetes

Causas predisponentes - Barbarismo dos caudilhos e caudilhetes - Entrada providencial de Lecór em Montevideo - Despovoando e arrazando o territorio uruguayo - Os instrumentos maldosos de Artigas: Fernando Otorguez, José Culta, o indio Amicho, os mulatos Encarnación e Gay, o negro Casavalle.

O dominio sem lei e brutal dos caudilhos e caudilhetes semi-barbaros, foi tambem, pela ferocidade e selvageria com que se impuzeram e procederam, como chefes, uma das causas predisponentes para a encorporação da Banda Oriental ao Brasil, tendo, antes, contribuido e facilitado a sua occupação pelas tropas luso-brasileiras.

„Lecór entrára em Montevidéo e, diga-se a verdade, longe de encontrar resistencia ou má vontade, o visindario e todos os habitantes da capital, de honradas familias e de interesses urbanos, o receberam com os braços abertos, porque chegava, com effeito, como protector de vidas e de bens e salvava a todos dos attentados intermittentes de Artigas e de seus caudilhetes — Otorguez, Encarnación, José Culta e o negro Casavalle e outros não menos ferozes, que dentro da praça ás vezes e percorrendo sempre os suburbios, roubavam, saqueavam, matavam e saciavam de todos os modos suas terriveis e fortes paixões.

„O imperio das autoridades portuguezas chegou, pois, como salvação em um naufragio para aquelles infelizes, expostos todos os dias a pavorosos extremecimentos do terror e do crime.“ [82])

Foram os soffrimentos a que estavam sujeitos os orientaes, por aquelles mandões, que os obrigou a procurarem abrigo sob a protecção dos visinhos do norte.

---

82) Vicente F. Lopez, *Historia*, cit. VI, 229, 230.

A vida, a liberdade, o bem estar material para os orientaes naquella época, como para todas as sociedades em formação, ou de existencia rudimentar, estavam acima dos sentimentos de patria.

Esta observação é de Lucas Ayarragaray, eminente sociologo, philosopho e historiador argentino, que se destaca pela firmeza, independencia e coragem em proclamar e defender suas idéas. [83])

Confirmando a existencia do barbarismo dos caudilhos e caudilhetes uruguayos, fallem, como das outras vezes, as testemunhas e os historiadores platinos.

„As forças de Rondeau", em consequencia do armisticio de 1811, „embarcaram sem demora. As de Artigas emprehenderam sua retirada, arrastando pela força e pelo terror, quantas familias achavam em sua passagem. O numero das pessoas assim violentadas alcançou a quatorze ou dezeseis mil.„ [84])

O que ficou transcripto é de um philosopho e publicista platino — o dr. F. A. Berra, natural de Buenos Aires, onde nascêra em 1844, tendo, entretanto, passado sua existencia em Montevidéo, desde os 12 annos de idade.

„Foi um dos homens que mais fez pelo progresso moral e intellectual das provincias do Prata, empregando sua intelligencia e seu saber, á regeneração do meio em que viveu, pela educação."

Agora vamos ouvir outro homem de valor — o illustre general uruguayo Nicolás Vedia. São de suas *Memorias* estes trechos: „Por occasião do levantamento do primeiro sitio, Artigas arrastou todos os habitantes da campanha. Seus commandantes ameaçavam com a morte os que eram morosos e não foram poucos os que soffreram as crueldades dos satellites de Artigas. Este homem inflexivel parece que se comprasia com o sangue que fazia derramar e em se ver seguido por tão numerosa povoação.

„Aqui principiou uma época de desorganização, cruel-

83) *Estudos Históricos Politicos y Literarios*, 19, 2.ª ed. Buenos Aires, 1927.

84) Dr. F. A. Berra, obra cit. 95.

dade e anarchia, que nos degradaria se disso se fizesse menção circumstanciada." [85])

„Barreiro obedecia ás instrucções de seu chefe, tratando cruelmente a godos e portenhos, muitos dos quaes foram sacrificados, na villa de Purificación." [86])

Com as derrotas soffridas por Artigas, cresciam seus actos de atrocidade e barbarismo e com elles augmentavam os desgostos do povo e até de alguns de seus chefes destacados, que chegaram a abandona-lo, como entre outros relembraremos o coronel Rufino Bauzá, que em carta a Pueyrredon declarou que havia abandonado as fileiras orientaes „desenganado, em fim, de que a causa pessoal de Artigas não é a da patria, que elle barbarizava com sua tyrannia e que não era possivel fundar a ordem com homens que a detestavam por profissão."

Oribe teve esta phrase amarga, recusando servir com o „rei dos caudilhos": „Não quero servir ás ordens de um tyranno como Artigas que, vencedor, reduzirá o paiz á barbarie; e, vencido, o abandonará."

Descrevendo o infernal acampamento de Ayuy, disse Berra: „As familias soffriam a fome e os rigores da intemperie; muitas íam occultar sua nudez nos mattos ou ahi se resguardarem contra a perseguição da soldadesca; outras viam desapparecer seus membros pela acção da miseria e pelos instinctos ferozes dos que ás tinham em suas mãos a força.

„Aquello acampamento confuso de mulheres, de homens e crianças de todas as classes, era um fóco de corrupção e um manancial immenso de lagrimas.

„Artigas explorava estas desgraças em favor de seus projectos: queria impôr-se pelo terror." [87])

Sobre esse antro de mizeria humana, disse Vicente Fidel Lopes, depois de referir a desobediencia de Artigas ao armisticio de outubro de 1811: „Foi então lançado sobre a campanha oriental, multidões de partidas volantes, ao mando de foragidos com o negro Casavalle, como Jozé Culta, o mulato En-

85) Andrés Lamas, *Colección de Memorias y Documentos.*
86) Berra, obra cit. 157.
87) Idem, 99.

carnación, o cabo Gay, o indio Amicho e todos que formavam seu *Estado Maior General,* que arrancaram a força de seus ranchos, aldeias e estancias, toda a população daquella campanha, em numero de quinze a vinte mil pessoas, mulheres, anciãos, crianças; sãos e doentes.

„Fez saquear e queimar as casas, destruir tudo o que não podia mover-se, até as aves domesticas, e tocando á frente de suas hordas esse immenso rebanho, castigando e degollando os renitentes, ainda que fossem mulheres, os conduziu á margem direita do Uruguay e formou em Ayuy — de horrivel recordação — um acampamento, aldeia ou amalgama informe, monstruoso, de entes humanos, desvalidos, debeis, prostrados de mizeria e sem amparo contra o barbaro e seus sicarios, que ali os comprimiam como a bestas, para amarrar á sua lei, os paes, os maridos, os irmãos, que pudessem ter a mais leve intenção de fugir ou de regressar ao lar... ao lar não, porque este fôra incendiado... á tapera, onde outr'ora tiveram seu paradeiro e seus bens.“ [88])

„Onde havia cavallaria artiguista, havia devastação, não precisamente por que obedessem a uma ordem superior ou porque executassem a realização de um plano systematico, mas porque esse modo de proceder era o que melhor se harmonizava com seu grau de civilização, com seus instinctos, com seus costumes.„ [89])

„Artigas posto que se houvesse elevado sobre o nivel geral de seus sequazes, era uma producção delles, porque o animava os mesmos sentimentos, as mesmas tendencias, a mesma alma que animava as multidões agrestes de ambos os lados do Uruguay.

„Não podia, pois, ser-lhe antipathica a obra de seus indios, de seus caciques, de seus gauchos, nem podia condemnala em nome da civilização, sem renegar todos seus antecedentes e sem romper de prompto os vinculos que o ligavam ao meio e ao momento historico em que figurou.

„E desse modo, em vez de se accommodar á civilização

88) Manual cit. 262.

89) Berra, obra cit. 201.

e de aproveitar seus homens e seus meios, tratou as classes cultas com certa repugnancia, parecida com a que por ellas sentiam as tribus. Affastou-se sempre, como estas, do contacto das cidades e nunca poude manter bôa harmonia com as tropas disciplinadas, que íam de Buenos Aires compartir com seus bandos, nas campanhas contra o inimigo commum, nem com os individuos particulares, chefes e officiaes da sociedade civilizada de sua provincia, que lhe offereciam seus concursos.„ [90])

São de Lafinur, estes conceitos, constantes da carta já referida: „A desesperação que a todos os cidadãos produzia Artigas, com seu despotismo causante de mizerias, crimes e desordens, obrigou á procura de uma tregoa com o rei de Portugal primeiro, e depois com os que nos realizaram á triste condição de provincia Cisplatina."

O general Antonio Diaz, hespanhol de nascimento, mas inteiramente consagrado ao Uruguay, desde a mais tenra juventude, e que defendeu a patria adoptiva e a elevou, com a espada, com a penna e nos altos cargos de administração publica, entre elles e de ministro varias vezes, disse em 1825: „A Provincia Oriental ainda não estava perdida quando um caudilho inepto, sem mais sentimentos que o da ambição, sem talentos para conduzir-se, sem recursos nem genio para produzir, passou a dirigir anarchicamente uma porção de homens, sem outro systema que o da tolerancia para todos os excessos, em troca do goso de um dominio absoluto."

„Falle, o general Mitre, sobre o ponto em referencia, e sirvam suas palavras autorizadas de remate da comprovação da causa que apontámos: „Succedeu a Rivera no commando do assedio, o sinistramente famoso Fernando Otorgués. Era este homem uma especie de besta feroz. Sua tez branca e seu cabello ruivo accuzavam como seu appellido, sua origem exotica. Fôra lavrador nos arredores de Montevidéo e foi um dos primeiros que se alistaram na bandeira revolucionaria. Não tardou a se assignalar por seu valor e sua fria crueldade, adquirindo ascendencia sobre as massas e era respeitado até mesmo por Artigas,

90) Idem, 202, 203.

áquem aspirava supplantar e que lhe deixava certo grau de liberdade. Vestia jaqueta vermelha e bota de potro e nos combates lutava com a lança na mão. Rodeava-o sempre, um bando de sicarios e era para elle crime digno de morte, ser hespanhol, portenho ou portuguez. Durante a guerra de 1814 a 1815, fez castrar uma partida de argentinos que caíu prisioneira em seu poder. Nos bailes em que tomava parte, fazia apagar as luzes por seus seides, para se apoderar como de uma presa, da mulher que havia despertado sua brutal concupiscencia. Emquanto foi governador de Montevidéo em 1815, tinha dois satellites, que representavam nas ruas sua vontade. Um delles, o mulato Gay, fazendo pôr os hespanhoes de quatro pés, os montava com esporas e rebenque e passeava desse modo sobre elles pelas ruas. Sua cavalgadura habitual era um leigo da ordem de S. Francisco.

„Os malles da guerra nada eram em comparação com os que produzia a barbara tyrannia do caudilho oriental e as iniquidades de seus tenentes." [91])

„Os militares mais illustres das guerras da Independencia, os homens civis mais proeminentes da Assembléa de 1825, os Constituintes de 1827 e os de 1830, todos foram contestes em que Artigas era um dos malvados que os povos não pódem supportar e constituem o açoite de toda sociedade civilizada." [92])

„Sob as bandeiras de Artigas acharam guarida e protecção as fezes da especie humana — quanto assassino, pirata, salteador, desertor e vagabundo se lhe apresentava era mui bem acolhido por elle, por isso, por onde passavam suas tropas deixavam vestigios da mais profunda desolação, exterminio e ferocidade. Suas demasias motivaram a guerra contra o Brasil." [93])

Em a nota que Valentin Gomez, na qualidade de commissionado argentino, dirigiu ao governo brasileiro, em 15 de setembro de 1823, pleiteando a reencorporação da Banda Oriental ás Provincias Unidas, se lê: „A divergencia de opiniões retardou a organisação do Estado e favorecendo as paixões particulares daquelle chefe — Artigas —, deu logar a que elle tyrannizasse

[91]) *Historia de Belgrano*, cit. III, 278, 279.

[92]) Luis Melian Lafinur, carta cit. *in* obra referida, 58.

[93]) Antonio Deodoro de Pascual, obra cit. I, 60.

aquella Provincia com os excessos de seu despotismo, até que foi occupada pela tropas portuguezas."

O dr. José Salgado transcreve essa nota em um dos seus interessantes trabalhos historicos. Nesse mesmo livro, entretanto, faz esta affirmativa, que compromette seus creditos de historiador imparcial: „O Governo das Provincias Unidas não teve que fazer esforço algum para libertar o Povo Oriental do despotismo de Artigas, porque esse despotismo nunca existiu.„ [94])

Theodirick Bland, em longa nota informativa, disse em 1817 ao governo de seu paiz: „O gôverno da Banda Oriental e de Entre Rios, desde sua alliança, ficou completamente nas mãos de Artigas, que o dirige a sua vontade, a maneira de monarcha absoluto, posto que sem sequito ou como simples cacique, indigena." [95])

„Durante o governo de Otorguéz, uma soldadesca desenfreada commettia todo genero de desordens ou melhor dito, de crimes.

„Fecharam-se, por esse motivo, as casas commerciaes; as familias viviam encerradas; ninguem se determinava a saír a rua, especialmente as mulheres, que eram ultrajadas em plena luz do dia.

„Chegou a crescer o pasto nas janellas, por estarem sempre fechadas." [96])

O que ficou transcripto consta das memorias deixadas pelo coronel Manuel A. Pueyrredon, guerreiro illustre da independencia argentina e testemunha dos acontecimentos que narra.

„A vida politica de Artigas, depois da batalha das Pedras, foi inteiramente consagrada ao despotismo em sua provincia natal, a hostilização, por todos os meios ao seu alcance, aos governos das Provincias Unidas e em levar o veneno da anarchia e da guerra civil aos territorios de Entre Rios, Corrientes, Cordoba, Santa Fé e Missões." [97])

94) *Historia Diplomatica de la Independencia Oriental*, 46, 47. Montevidéo, 1926.

95) Barbagelata, obra cit., 303.

96) Manuel A. Pueyrredon, *Escritos Históricos*, 172. Buenos Aires, 1929.

97) Luis Melian Lafinur, *Semblanzas del Pasado*, 376. Montevidéo, 1915.

Um dos endeosadores antigos de Artigas, menos ousado que os novos, assim procura attenuar a responsabilidade pelo barbarismo sob o dominio do „rei dos caudilhos“: „Recordando a educação e a vida de Artigas, a composição das forças que obravam sob as suas ordens, a escura estirpe de quasi todos os seus tenentes, o acossamento incessante em que o tiveram suas multiplas contendas, e o perigoso exemplo que lhe deu a Revolução com as immolações de Cordova, em 1810 e de Buenos Aires, em 1812, não é dificil comprehender que deve haver um grande fundo de verdade em tudo que se tem dito sobre as desordens e crueldades das hostes de Artigas.“[98])

Até Fructuoso Rivera, tido por discipulo dilecto de Artigas, fingindo ermitão, dizia em carta, de 20 de junho de 1820, a Francisco Ramirez: „Para que o restabelecimento do commercio tão desejado, não seja perturbado no futuro, é necessario dissolver as forças do general Artigas, principio esse de onde emanarão os bens geraes e particulares de todas as Provincias, salvando-se, ao mesmo tempo, a humanidade de seu mais sanguinario perseguidor.“ [99])

Não é preciso addicionar mais depoimentos sobre esse passado distante, amargo e triste, visto que os consignados são sufficientes para demonstrar que o barbarismo de Artigas e de seus tenentes foi uma das causas predisponentes da occupação da Banda Oriental pelas tropas luso-brasileiras em 1817 — occupação essa que é, nos dias que correm, julgada com ingratidão e acrimonia pelos que esquecem os beneficios recebidos pelos seus antepassados e, displicentemente e como dilettantismo historico, pelos que externam seus conceitos sobre o assumpto sem investigarem as causas que o determinaram e sem a menor noção do caracter temporal da historia, visto que não remontam o pensamento á época em que o facto occorreu.

---

[98]) Carlos Maria Ramirez, *Juicio Critico del Bosquejo Historico de la Republica Oriental del Uruguay, por el dr. Francisco A. Berra*, 28. Buenos Aires, 1882.

[99]) *Corrientes y la Republica Entrerriana*, 54, pelo dr. Hernan F. Gomez. Corrientes, 1929.

V) Instigações argentinas

1) Missão Garcia. 2) Procedimento do Congresso. 3) Attitudes de Pueyrredon.

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Missão Garcia - O governe e o congresso dão ampla autorização a Garcia para conseguir auxilios no Rio de Janeiro - Operações combinadas das forças lusas com as argentinas - O alijamento da Banda Oriental - Tramas contra Artigas - Dois illustres uruguayos - Manuel José Garcia e Nicolás Herrera - Juizo do dr. Luiz Alberto de Herrera sobre as intervenções do Brasil no Uruguay - Artigos addicionaes ao Armistico de 1812 - Banda Septentrinal do Paraná e não Banda Oriental do Uruguay - Uma mystificação historica - Os artigos addicionaes não tiveram existencia legal - Um palliativo diplomatico.

1) Missão Garcia

Pouco nos importam, neste estudo, os moveis das instigações argentinas para que os nossos antepassados occupassem a Banda Oriental.

O essencial aqui é provar a existencia dessas instigações, as fontes de que ellas dimanavam e o gráu a que attingiram.

Sómente assim se poderá bem ajuizar do procedimento dos occupantes.

Não alimentamos a chiméra, já o dissemos, de que os nossos maiores fossem impeccaveis, que fossem perfeitos ou de uma santidade a toda prova. Não o foram, sem duvida, visto que eram humanos. Mas não foram, repetimos, e o fazemos sem receio de contestação fundada e séria, não foram os satans que a lenda espalhou e ainda, em nosso proprio meio, se proclama.

Vejamos a existencia das instigações.

„Desde dezembro de 1815 começou o ministro argentino na côrte do Rio de Janeiro, Manuel José Garcia, a instruir seu governo a cerca do plano das tropas portuguezas e em meados de 1816 tomou a si a defesa desse plano e assim o justificou: Creio que é um erro imaginar qualquer projecto de solida prosperidade, emquanto suas bases não assentem sobre as ruinas da anarchia que actualmente nos devora.

„Estou persuadido actualmente e a experiencia parece haver me demonstrado que necessitamos a força de um poder extranho, não só para terminar nossa contenda, como tambem para formarmos um centro commum de autoridade, capaz de organizar o chaos em que estão convertidas as nossas provincias.

„O poder que se levantou na Banda Oriental do Paraná, foi olhado, desde os primeiros momentos de sua apparição, como um tremendo contagio.

„A desorganização de nosso exercito privou o governo da força sufficiente para suffocar aquelle monstro.

„Em tal situação é preciso renunciar a esperança de estancar por nossas mãos a fonte de tantos males.

„E' verdade que é sempre temivel a ingerencia de uma potencia extrangeira nas dissenções domesticas; mas esta regra demasiado commum, não me parece applicavel ao nosso caso.

„Os interesses da casa de Bragança se tornaram homogeneos com os de nosso Continente, em consequencia do estabelecimento aqui do throno do Brasil, e da abolição da situação colonial." [100])

Depois dessa transcripção commenta o dr. Eduardo Acevedo: „O plano da entrega da Provincia Oriental á côrte portugueza e creação de uma monarchia no Rio da Prata, tinha tambem raiz no seio da oligarchia portenha dominante e em sua execução chegaram a intervir pessoalmente tres Directores: Alvarez, Balcarce e Pueyrredon, sem variante de especie

100) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 291, 292.

alguma, com um criterio de plena harmonia com o ministro negociador no Rio de Janeiro." [101])

O unico perigo que os argentinos viam na occupação da Banda Orietal pelo exercito portuguez, era que isso fosse realizado de accôrdo com a Hespanha.

Depois que Garcia affirmou cathegoricamente a inexistencia desse accôrdo, não mais pouparam meios para attrahir as forças portuguezas áquelle territorio.

O assumpto passou então a ser tratado francamente e com pleno conhecimento do governo e do congresso.

A 15 de dezembro de 1815 Garcia escrevia ao ministro do Exterior dr. Gregorio Tagle, como se falasse da cousa mais simples do mundo, segundo observa Carlos Maria Ramirez, dizendo: „Nenhuma novidade occorreu desde a minha ultima communicação, a não ser a proxima marcha da primeira divisão portugueza á Santa Catharina."

Era a vanguarda do exercito de Lecór.

Em 9 de junho do anno seguinte annunciava, ao Director Supremo das Provincias Unidas, que a esquadra estava no porto do Rio de Janeiro, de ferro suspenso, esperando vento, para se mover sobre a Banda Oriental.

Ainda nesse mez, a 25, participava, officialmente, a saída da esquadra a 12 e fazia sentir a necessidade de ser tomado um partido decisivo, visto que para isso chegára o momento.

„Garcia, convencido, depois do mallogro de sua negociação com lord Strangford, que nada devia esperar da Inglaterra, voltou suas vistas para o governo portuguez, lisongeando-se de poder dirigir no sentido dos interesses de seu paiz, acontecimentos que não podiam ser evitados, partindo da base da independencia e da monarchia, e sem retroceder ante uma annexação a Portugal, preferia isto a continuar sob o imperio da anarchia ou voltar a submetter-se a Hespanha. [102])

O dr. Manuel José Garcia, segundo o juizo do general Mitre, „era, sem duvida, um dos homens mais notaveis de sua época.

---

101) Ibidem.

102) Bartolomé Mitre, obra cit. III, 178.

„Patriota decidido, homem de elevação moral, cabeça de intelligencia poderosa, nutrida com estudos sérios, escriptor literario com nervo e originalidade, com penetração profunda para julgar os homens e as cousas, com uma alta moderação que nunca se desmentia — era um verdadeiro homem de estado, que reunia a estas qualidades uma bella e distincta figura, realçada por maneiras dignas e por uma conversação chispante, engenhosa e amena." [103])

Contava o empolgante diplomata argentino, com o apoio do Congresso reunido em Tucuman.

Era, esta, uma cooperação de alto valor e que muito contribuiu para o bom exito da missão do enviado platino, que soube tirar partido desse apoio.

Assim, tão logo lhe chegou ás mãos, levou ao conhecimento do governo junto ao qual estava acreditado, esta nota do director Balcarce, de 4 de maio de 1816: „O governo tem dado parte ao Congresso do estado que tomam as nossas relações exteriores e de nossas communicações sobre o que se póde estabelecer nessa côrte.

„O Congresso tem mostrado as mais favoraveis disposições a respeito e acredita que os vinculos que cheguem a estreitar estas Provincias com essa Nação, serão o melhor asylo que nos resta em nossos conflictos."

„Deveis, pois, no desempenho de vossa commissão, aproveitar os instantes para tratar com absoluta preferencia deste particular.

„Não omitta meio algum capaz de inspirar a maior confiança a esse ministerio, sobre nossas intenções pacificas e o desejo de ver terminada a guerra civil com o auxilio de um poder respeitavel, que não obrará contra seus proprios interesses, captando nossa gratidão."

A' essa nota official acompanhou uma carta particular de Tagle, onde com grande ansia, salientava a necessidade de estabelecer com urgencia, medidas que decidissem a sorte daquellas provincias, visto que „tudo ameaçava uma dissolução geral."

103) Idem, 179.

„A entrega da Provincia Oriental á côrte portugueza, constituia a segunda parte do plano do Directorio e isso devia ter plena efficacia, porque o conquistador trazia um forte exercito, para operar em combinação com as tropas das Provincias Unidas.“ [104])

„Ante a imminencia da catastrophe o Director Rondeau dirigiu amistosa carta a Artigas, convidando-o a fazer causa commum contra os inimigos da independencia e a cerrar para sempre a triste éra da guerra civil.

„Artigas se mostrou animado dos mesmos propositos e por sua vez convidou o Director a dar o primeiro passo naquelle sentido, dizendo-lhe: „Principíe desmentindo as idéas mesquinhas de seu predecessor e a inspirar confiança publica. principie pelo rompimento com os portuguezes.“

„Em face dessa attitude de Artigas, o directorio, como se quizesse justificar a invasão, mais do que já estava justificada e provocar as iras e vinganças que produziram o conhecimento de seu arbitrio inconfessavel, ordenou ao enviado argentino no Rio de Janeiro, que solicitasse desse gabinete a cooperação das forças de occupação em Montevidéo de modo que, em combinação com as directoriaes, occupassem os pontos necessarios para conter o avanço dos republicanos.“ [105])

„E' de absoluta necessidade que V. S. trate de obter desse gabinete ordens terminantes ao barão (da Laguna), para que carregue com suas tropas e tambem com a esquadrilha sobre Entre Rios e Paraná, e opere em combinação com as nossas forças, sob a condição precisa de que só devem occupar aquelles pontos, emquanto este governo não o fizer, ou melhor dito, que deverão deixa-los livres, tão logo este governo isso solicite.“ [106])

O dr. Eduardo Acevedo, depois de minucioso e documentado estudo sobre os empenhos do governo argentino para que d. João VI mandasse occupar a Banda Oriental, encerra com estas palavras o capitulo XXV de sua volumosa obra historica:

---

104) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 236.

105) Adolfo Saldias, obra cit. 185.

106) Officio de Rondeau ao dr. Manuel José Garcia.

„A entrega da Provincia Oriental aos portuguezes foi proposta pelo Director Alvarez á côrte do Rio de Janeiro, como meio de enterrar o programma artiguista de reorganização das Provincias Unidas do Rio da Prata, tendo como base um regime republicano federal, calcado na constituição dos Estados Unidos e foi effectivada pelos Directores Balcarce e Pueyrredon, com o concurso activo do Congresso de Tucuman e todas as forças militares da Nação." [107])

O mesmo autor ao tratar da iniciativa da occupação da Banda Oriental, affirma que essa „iniciativa pertence toda inteira á diplomacia argentina ou melhor aos Directores Alvear, Alvarez e Balcarce, que haviam imprimido sua orientação a essa diplomacia e que tudo estavam dispostos a sacrificar, desde que impedissem o triumpho do programma politico de Artigas." [108])

Artigas era effectivamente o duende que perturbava o somno de Pueyrredon, o cavalleiro andante da anarchia, o papão dos unitarios platinos, o idolo das populações semi-barbaras, o heróe do dia que, não encontrando quem lhe embargasse o passo, ameaçava Buenos Aires, impotente para o subjugar.

„Nestas circumstancias", diz o dr. Pablo Blanco de Acevedo, „o governo portenho se decidiu a sacrificar o Estado Oriental, para se desfazer de Artigas.

„Para satisfazer seus rancores contra Artigas, principiou a incitar os portuguezes, que sempre se mostraram desejosos de se apossarem do territorio Oriental, para que emprehendessem uma segunda invasão, como a de 1811, afim de concluirem de uma vez com Artigas.

„Com esse proposito foi enviado de Buenos Aires o dr. Manuel José Garcia, que devia negociar a invasão.

„Garcia chegando ao Rio de Janeiro[a] cumpriu fielmente sua missão." [109])

---

[107]) Obra cit. I, 363.

[108]) Obra cit. I, 306, 307.

[109]) Dr. Pablo Blanco Acevedo, *Historia de la Republica Oriental del Uruguay*, 6.ª ed. 139.

Esta affirmativa é abonada por outros historiadores, que passamos a citar longamente.

Já explicámos o motivo do grande numero de citações a que somos obrigados a recorrer.

E' preciso abater, com o peso das provas, o subconsciente de alguns dos nossos historiadores, para que possam vêr com seus proprios olhos e julgar com criterio pessoal, estes acontecimentos.

E' preciso soerguer esses autores, neste processo historico, do banco do escrivão á curul do magistrado.

Além disso não estamos fazendo literatura historica e sim adduzindo provas para o julgamento de um evento, que tem sido apreciado com injustiça para os nossos maiores.

Estamos depondo em um processo.

Um dos juizes que ha de julga-lo já se manifestou dizendo que aguarda a nossa argumentação para se pronunciar.

Mais fortes e mais convincentes que os argumentos que se possam fazer, para tirar illações, são os depoimentos e a documentação que expomos, porque fazem provas cabaes e resistem, integros, aos rigores de uma critica interna e externa, inspirada nos sãos principios da critica historica.

Aos que ao lerem o que vamos transcrever, se assombrarem com tamanhos deslizes, chegando a vacillar sobre a veracidade dos enredos platinos, que um seculo afasta de nossos dias, tomamos a liberdade de recommendar-lhes estas observações do grande e conceituado general Mitre, que penetrou nos meandros desses acontecimentos, com o facho de sua intelligencia, e teve nelles, como actores eminentes, personagens illustres de sua familia: „Quando se põem em parallelo os tragicos successos que naquelle época se desenvolviam á luz do dia, com estas manobras subterraneas que se preparavam na escuridão; com estes planos que parecem intrigas de comedia; com estes documentos officiaes, sem sinceridade nem propositos — acredita-se ver uma scena grotesca inventada á designio, para produzir o contraste do burlesco e do pathetico no grande drama da historia.

Essa, entretanto, é a historia verdadeira e taes são os documentos que a comprovam." [110])

Passemos ás provas

„A unidade nacional debil contra o novo inimigo, que tinha alliados até nos centros de civilisação, poz a premio a cabeça de Artigas e deu assim pretextos á anarchia, por haver evidenciado sua impotencia." [111])

„Impotente o governo de Buenos Aires para submetter o caudilho oriental, alentou as seculares ambições dos portuguezes, iniciando no Rio de Janeiro uma longa e complicada gestão, cujo resultado foi a invasão e o apoderamento do Uruguay, por parte dos lusitanos." [112])

„Os planos de Alvear, continuados por Posadas, não se limitaram a pretender o protectorado britannico.

„Fizeram mais: deram instrucções secretas a Garcia, para que gestionasse no Rio de Janeiro a occupação da Banda Oriental pelos portuguezes, afim de não terem que lutar com Artigas e os orientaes." [113])

„E' tambem certo que a occupação da Banda Oriental foi obra conjunta de Portugal com a diplomacia dos Directorios, como meio de segurança contra Artigas." [114])

„O dr. Gregorio Tagle, que foi successivamente ministro de Alvarez Tomas e de Balcarce, aceitava decididamente o projecto de Garcia, que, entre outras vantagens, diziam seus partidarios, tinha a de suffocar a guerra civil na Banda Oriental, destruindo o poder de Artigas, que se considerava fatal para a revolução de maio." [115])

Entre as vozes que se levantaram contra Artigas salientou-se pela firmeza e eloquencia a do dr. Manuel José Garcia, que impressionou vivamente os mandatarios argentinos, evi-

---

110) *Historia de Belgrano*, cit. IV, 91, 92.

111) Idem, II, 227.

112) Orestes Araujo, *Resumen de la Historia del Uruguay*, 3.ª ed., 482. Montevidéo, 1904.

113) Victor Arreguine, *Historia del Uruguay*, 244.

114) Saldias, obra cit. 150.

115) Clemente Fregeiro, *La Batalla de Ituzaingó*, 15. Buenos Aires, 1919.

denciando, com argumentação brilhante e escaldada, o perigo que acarretaria o predominio do caudilho uruguayo.

Aconselhou, por isso, desde 1815 que o governo „não devia seguir os orientaes em sua politica selvagem e turbulenta."

„O poder que se levantou na Banda Oriental, foi olhado desde sua apparição como um tremendo contagio, que se introduzindo no coração dos povos, acabára com sua liberdade e riqueza", disse o mesmo Garcia, em junho de 1816, em uma de suas communicações, que Saldias qualifica de notavel. Depois deste juizo, escreve o applaudido historiador platino: „Quando se estuda esses dias de crueis incertezas, não se sabe o que mais deve causar admiração, se a claridade do estadista, para fixar os pontos de partida para a politica constitucional e guerreira a se desenvolver então ou a ingenua complacencia com que foi Garcia posteriormente injuriado, pelos historiadores de nossa escola autoritaria, valendo-se dos commentarios apaixonados da imprensa opposicionista daquella época." [116])

Esta amarga observação final cáe, a talho de foice, sobre muitos dos historiadores brasileiros que têm estudado nossas intervenções no Prata.

E' mais um conceito judicioso, que offerecemos á meditação dos que se documentam com informações capciosas de diplomatas boateiros ou commentarios eivados de leviandades e de odios mesquinhos, de jornalistas levianos e de politicos facciosos — os dois microbios mais subtis e damninhos, na corrupção da verdade.

Em agosto, ainda de 1816, Garcia, em longa nota advertiu Pueyrredon: „Em a resolução sobre as cousas de Portugal, deveis pensar e pense tambem o congresso que esta Nação, pelo estado de suas rendas, de sua povoação, de seus costumes e de seu governo, não póde chegar a seus fins, sem o nosso ajutorio e cooperação; que suas operações não podem passar do Uruguay; que é de seu interesse deixar-nos obrar livremente e conservar relações amistosas com nosco; e quanto a nós — que nos importa tambem desembaraçarmo-nos primeiro de nossos

116) Obra cit. 130, 131.

inimigos naturaes e empenhar essa Potencia contra elles, a custa de qualquer sacrificio."

Quando Pueyrredon, em principios de 1817, fazendo garbo de uma de suas espetaculosas attitudes bellicas, que durante e após a invasão de Lecór se manifestaram, tantas vezes, como fogos fatuos, ou quaes coriscos em tempestades de verão, Garcia o acalmou com uma nota datada de 25 de abril. A dealetica ahi manifestada pelo eminente negociador argentino, venceu a arrogancia do Director Supremo.

„Admittido que triumphemos sobre os portuguezes", interroga Garcia naquella nota, „e que os obriguemos a desalojar a Banda Oriental, teremos com isso ganho força e poder?

„Não senhor", responde categoricamente, e justifica: „O poder de Artigas apparecerá então com maior impeto e será irresistivel.

„A natureza desse poder é anarchica e é incompativel com a gloria e liberdade do paiz.

„Artigas e seus bandos são uma verdadeira calamidade."

Acalmou-se o furor bellico de Pueyrredon. Houve uma revira-volta e, em consequencia, aos 12 de outubro do mesmo anno de 1817, remettia o Director Supremo ao Congresso argentino o projecto do convenio sobre os artigos addicionaes ao armisticio de 1812 e encarecia a necessidade da prompta ratificação desse convenio, „em vista", disse, „das incalculaveis vantagens que adquirem as Provincias Unidas, quasi identificando seus interesses com os de um monarcha cuja unica visinhança era considerada como um perigo."

Disséra antes: „Chegou o momento em que se não estreitarmos com novos vinculos as relações subsistentes com o Brasil, será inevitavel uma ruptura igualmente funesta ás duas partes."

Ao terminar essa nota recommendou „as mais estreitas precauções no sentido de impedir a revelação do segredo em materia de tanta importancia."

O Congresso levando ao extremo essa recommendação, estabeleceu, além das penas que deviam soffrer os que violassem o sigillo de suas deliberações secretas, fossem essas penas aggravadas com 10 annos de desterro.

Dois deputados — Zudañez e Mazza — se manifestaram partidarios da pena de morte para o que traísse.

Aquellas penas, por proposta do deputado Pacheco, foram extensivas ao Supremo Director, aos seus ministros e a todos os que devessem intervir no assumpto e o denunciassem.

O dr. Vicente Fidel Lopez descrevendo os perigos que ameaçavam a revolução Argentina, em fins de 1815, em consequencia do triumpho das armas hespanholas em Nova Granada e Venezuela, da victoria de Sipi-Sipi, da ameaça da expedição preparada em Cadiz, sob as ordens de Murilo, salienta os males que effectivamente causava Artigas com seu federalismo e accrescenta: „Não havia remedio se não se principiasse exterminando Artigas.“ [117])

Depois de varias considerações sobre o incitamento argentino, por meio de um „agente seguro e de credito escondido, que não deixasse rastro de seus manejos“, diz que „era preciso sacrificar o caudilho e salvar a nação. Era preciso entrega-lo ao poder extrangeiro, com a parte do territorio onde tinha assento proprio seu poder pessoal.“ [118])

O „agente seguro e de credito secreto“ foi, segundo o autor transcripto, o negociante portuguez Custodio Moreira, homem excellente, diz Fidel Lopez, e muito estimado pelos magnatas platinos, por ser um „insigne presenteador de bananas“.

Estes desdourantes commentarios nos revelam que os presentes do portuguez não se limitavam ás bananas: „Para enviar Custodio Moreira ao Rio de Janeiro era indispensavel confiar-lhe muito dinheiro.

„Pauperrimo estava o erario argentino e os rumores do tempo culpam o dr. Tagle de que para levar a cabo esta grande e vexatoria commissão, empregára meios que não são faceis de justificar aos olhos da moral.“ [119])

Continua o mesmo historiador: „O resultado foi até certo ponto muito feliz.

---

[117]) *Revolución Argentina*, I, 209.
[118]) Idem, 221.
[119]) Idem, 244.

„A diplomacia portugueza discipula e sectaria de *fé punica,* acceitou as indicações de Moreira e prometteu que si Buenos Aires lhe cedesse o territorio oriental e occupasse as Provincias litoraes até as margens do Uruguay, faria entrar seu exercito contra Artigas e protegeria as costas contra qualquer expedição hespanhola, que pretendesse reabastecer-se nelles ou desembarcar para estabelecer seus centros de acção militar."[120])

Commentando o conceito de Fidel Lopez sobre a diplomacia portugueza, diz o historiador uruguayo Carlos Maria Ramirez: „Verdadeiramente, se a diplomacia portugueza era discipula e sectaria da famosa *fé punica,* não seria difficil determinar a escola e a seita a que pertencia a diplomacia do dr. Tagle."

A 9 de junho de 1816 Garcia, em carta particular, junto a uma nota official em que accentuava a necessidade que tinham as Provincias Unidas do auxilio de um poder extranho para abater a anarchia, disse a Balcarce, então á frente do governo argentino: „Recebi tudo, tudo e estamos perfeitamente de accôrdo. Creio que em breve Artigas desapparecerá dessa Provincia e quiçá de toda a Banda Oriental. A esquadra aqui está de ancora suspensa esperando o primeiro vento."

Dezeseis dias depois, annunciando officialmente, á mesma autoridade, a saída da esquadrilha portugueza, conduzindo tropas para a occupação da Banda Oriental, declarou haver chegado o momento para ser tomado um partido decisivo, porque com esse acto „desviava-se do governo de Buenos Aires o golpe que o procedimento anarchico do caudilho da Banda Oriental lhe estava preparando.

„Além disso, contribuirá para que as operações militares sobre esta Provincia se modifiquem, de maneira que sejam uteis ás demais, tanto pela aniquilação do poder anarchico de Artigas, como pela preparação de uma ordem de cousas melhor, que as que podem trazer a anarchia e que se devem esperar de uma subjugação inteiramente militar."

Ao infortunado coronel Manuel Dorrego, que foi o subchefe da expedição que sob as ordens do general Diaz Velez

120) Idem, 250.

atacou Santa Fé, em junho de 1816, o ministro Tagle, de quem era intimo amigo, disse confidencialmente, antes de sua partida para a campanha „que tudo estava accôrdado com os portuguezes, que estes só esperavam que se lhes designasse tempo para concluir com Artigas e tomar posição na Banda Oriental."

Dorrego era contrario á invasão portugueza e porque a combateu, depois, com violencia, foi desterrado.

Nas celebres *Cartas Apologeticas* que escreveu de Baltimore, ao revelar aquella confidencia, disse: „Elle (Tagle) acreditava, sem duvida, que como eu havia feito guerra a Artigas, desejava a sua ruina a todo custo."

„Apesar da reserva do enviado argentino, ha muito se repetia publicamente em Buenos Aires, que o governo portuguez havia resolvido introduzir seu exercito na Banda Oriental, para perseguir Artigas e occupar Montevidéo."

Commentando as instrucções do Congresso de Tucuman ao enviado argentino junto ao general Lecór, na parte em que essas instrucções estabeleciam a resposta que devia ser dada, quando o general lusitano reclamasse ou fizesse referencias aos auxilios bellicos que Artigas recebêra do governo argentino, diz o dr. Alberto Palomeque: „Adduzia-se um argumento escorregadio, pois o Congresso sabia, pela correspondencia de Garcia, que a invasão era um facto consumado e que seu fim não era outro sinão o de annullar o caudilho (Artigas)) e se apoderar o territorio."

O coronel Juan Baptista Maler, representante da França na côrte do Rio de Janeiro, na qualidade de Consul Geral Encarregado de Negocios, escrevia em 1816 para seu governo: „Montevidéo não recebeu e não receberá soccorro algum. Os coripheus do governo das Provincias Unidas, desejam acima de tudo a destruição de Artigas, de seu partido e de sua influencia.

No anno seguinte dizia indignado o velho coronel realista: „Congresso e Director entendem-se e por demais convem aos representantes conservarem o Sr. Pueyrredon no cargo para não fazerem, outrosim, alguns sacrificios, assim sendo que uns e outros entregaram com prazer Montevidéo

ao extrangeiro, mau grado o compromisso publico e solenne que tinham tomado de defende-la." [121])

„Antes que os soldados portuguezes houvessem transposto as fronteiras de seu reino, Tagle, Garcia e Herrera, ministro o primeiro e agente no Rio de Janeiro o segundo, do governo das Provincias, opinaram que a nação não podia de nenhum modo se defender com exito, ao mesmo tempo contra os exercitos hespanhoes e contra a anarchia sustentada e fomentada por Artigas;

que a invasão projectada vinha aggravar a situação da Republica Argentina de tal maneira que a impossibilitava de conservar a independencia por que lutava desde o anno X;

e que, como era um acontecimento inevitavel, não restava outro arbitrio que o de explora-la, com o fim de vencer o inimigo interior, que era Artigas e de crear um obstaculo poderoso á forte expedição que a Hespanha preparava contra o Rio da Prata, isto é: que se devia consentir na perda de uma provincia, com tanto que se salvasse a independencia da Republica." [122])

„Herrera por seu odio á caudilhagem de Artigas e crendo servir melhor o triumpho das idéas monarchicas por que se havia decidido, entregou-se de corpo e alma á politica do Brasil, contando ser o intermediario de futuros accôrdos entre os portuguezes e os argentinos." [123])

A personagem citada é o dr. Nicolás de Herrera. Era uruguayo. Nascêra em Montevidéo em 1775. Em 1812 fez parte da Assembléa platina „sendo um de seus membros mais conspicuos e influentes."

Foi secretario do Triumvirato exercido por Chiclana, Pueyrredon e Rivadavia.

Em março de 1813 foi ao Paraguay, na qualidade de enviado argentino, afim de conseguir que aquelle paiz enviasse deputados ao Congresso Geral das Provincias do Rio da Prata.

---

121) Officio de 13 de março de 1817.

122) F. A. Berra, *Estudios Históricos acerca de la Republica Oriental del Uruguay*, 107, 108. Montevidéo, 1882.

123) Mitre, obra cit. III, 178.

Fez parte do ministerio de Alvear e foi quem redigiu as notas que Garcia levou para o Rio de Janeiro, destinadas a Inglaterra, sendo uma ao representante deste paiz ali e a outra ao ministro das Relações Exteriores, aquem devia ser entregue por intermedio de Rivadavia e Rondeau, conforme já ficou mencionado.

Quando caíu o governo de Alvear, foi como este perseguido e, em sua companhia, se asylou no Rio de Janeiro.

Referindo-se a actuação de Herrera no Triumvirato, diz o general Mitre, depois de mencionar em linhas geraes a organisação do governo: „Ao Estatuto seguiram-se os decretos sobre as garantias individuaes e sobre a liberdade de imprensa, decretos que tiveram repercussão na Europa e que fizeram fixar a attenção dos pensadores sobre esta nova constellação que se levantava no horizonte.

Todas estas medidas, que revelavam um systema moderado de concentração robusta e de propaganda liberal ao mesmo tempo, eram inspiradas por Bernardino Rivadavia e formuladas pela penna magistral de Nicolás Herrera."[124])

A insubmissão da Banda Oriental havia de obrigar, como obrigou, o governo platino „a aceitar como uma fatalidade o benificio de extinguir por mão alheia a anarchia de Artigas, que punha em perigo a existencia da Nação Argentina." [125])

„A intervenção armada do Brasil dominou a anarchia na Banda Oriental, ante a qual se havia mostrado impotente a Republica Argentina, mas este resultado obtido a custa do decoro argentino, de seu direito, assanhou a anarchia do litoral, robustecendo a acção dissolvente de Entre Rios, Corrientes e Santa Fé, que se declararam em rebellião permanente contra o governo geral.

„Estas novas influencias, entretanto, apesar de suas tendencias anarchicas, se inspiravam em interesses e paixões argentinas, que reagiam contra os propositos anti-nacionaes do caudilho oriental." [126])

124) Idem, II, 26.
125) Idem, III, 215.
126) Idem, idem, 303, 304.

O illustrado dr. Alberto Palomeque, defendendo Rivera, de uma referencia de Quesada, com a grande sympathia que alimenta por esse caudilho, assim se expressou: „Ninguem poderá desconhecer sua virtude republicana nem seu valor guerreiro, na luta contra os portuguezes em 1816—19, contra os brasileiros em 1825—28 e contra a tyrannia argentina 1838—51.

„Quanto ao facto de haver caído redondamente [127]) com a conquista lusitana, depois de ser o ultimo em guerrea-la, até ser surprehendido e caír prisioneiro, ninguem o discute.

„Foi um facto do qual nem o Congresso de Tucuman, nem Alvear, nem Garcia, nem Pueyrredon, nem Tagle, nem Balcarce, etc., podem livrar sua responsabilidade.

„A Provincia Oriental foi invadida e entregue a Portugal pelos homens citados.

„Por isso Rivera, como Lavalleja, acataram o *facto consumado.*

„Ninguem, nem os mais conceituados homens de pensamento da época, desde o padre Larrañaga abaixo, se livram do *anathema.*" [128])

O referido dr. Alberto Palomeque, ao estudar o *Archivo de Belgrano,* assim maldisse a acção do dr. Manuel José Garcia, no desempenho da missão que lhe fôra confiada no Rio de Janeiro: „Nunca se lamentará bastante a trama urdida por este homem singular, fleugmatico, de olhar penetrante como arma afiada, de coração duro como pedra, para trazer o portuguez ao territorio uruguayo." [129])

Clemente Fregeiro, com seu alto espirito de justiça e fallando como argentino, pronuncia-se com mais serenidade: „Convencido como estava Garcia de que as provincias argentinas eram impotentes para conquistarem por si mesmas a independencia e a liberdade, concebeu o plano que já conhecemos, e considerou a occupação da Banda Oriental pelos portu-

---

127) *Hocicó* é o termo que o autor emprega.

128) *El General Alvear Joven Benemerito de la Hespanha, Documento apocrifo,* in Critica, n.º 51, pags. 64 e 65.

129) *Critica,* cit. n.º 54, pag. 55.

guezes, como o principio da estreita união entre as duas colonias e como o remedio que só de fóra podia vir, segundo elle, para impedir que o paiz se convertesse em um deserto infestado de barbaros." [130])

São do illustrado dr. Luiz Alberto de Herera os judiciosos conceitos, que vamos em seguida transcrever. Oxalá possam as suas palavras de extrangeiro, de uruguayo, cujo patriotismo é bem conhecido, servir de estimulo e orientação aos brasileiros que condemnam com os olhos fechados nossas intervenções no Uruguay.

„A intervenção do Brasil na politica do Rio da Prata, perde muitas partes de seus aspectos considerados intoleraveis, se se considera as circumstancias que as determinaram.

„O abandono de uma parte e a tenacidade firme da outra, prepararam a substituição de um peninsular por outro na Banda Oriental.

„Não nos repetiremos — é sufficiente recordar que antecedentes accumulados tiram o caracter de intruso á presença do extrangeiro na jurisdição que, com o correr dos annos, constituiria nosso patrimonio.

„E' occasião de ratificar uma verdade muitas vezes escurecida.

„Velho era o ideal de dominação; melhor, porêm, o servem nossos grandes desvarios do que as iniciativas do invasor.

„Em reiteradas occasiões se o chama, com clamor, estimulando sua intervenção officiosa nos assumptos platinos.

„Assignala antecedente expressivo a solicitação de auxilio que fez o governador Elío ao poder lusitano, quando rompeu as relações com Buenos Aires.

„Essa recordação, entretanto, fica como um simples detalhe se se a compara á pagina inaudita que escreveu a politica exterior do governo de Pueyrredon.

„Sob seus auspicios inicia e realisa o ministro Tagle a machinação que trouxe sobre o Uruguay o desastre da irrupção portugueza.

„Fracassados todos os recursos postos em acção, para

130) Obra cit. 17.

submetter o artiguismo, pede-se ao extrangeiro, como excepcional favor, mil vezes agradecido, a subjugação, a custa de sangue, da raça valorosa." [131])

Vae fallar agora o general Mitre.

Ouçamo-lo com a attenção que merece, pela sua grande intelligencia, pela sua alta e justa reputação de historiador, pela sua responsabilidade de eminente homem de Estado, pelo seu argentinismo sadio, pelo seu elevado e nobre espirito de justiça.

Ouçamo-lo com attenção: meditando sobre suas palavras, sobre seus conceitos, sobre suas conclusões — que são um manancial precioso para o julgamento do ponto historico em referencia.

„Posto que a principio o Director Pueyrredon estivesse disposto a affrontar a questão argentino-brasileira, com todas suas consequencias, o facto é que a invasão, executada com conhecimento previo do governo argentino, autorisada por sua diplomacia e não repellida de maneira alguma, uma vez realisada, revestia um caracter de conivencia ou tolerancia, que sendo depressivo da soberania argentina, compromettia a dignidade de seus poderes publicos.

„Reflectia um sinistro colorido sobre esta situação equivoca, a circumstancia de que, emquanto os orientaes lutavam e morriam defendendo o territorio argentino, o governo das Provincias Unidas mantinha relações politicas e commerciaes com a nação invasora e a mais cordial intelligencia com o general invasor." [132])

Os artigos addicionaes ao armisticio de 1812

Um dos mais interessantes e illustrativos dos documentos de origem platina, comprobatorio de empenho e do esforço do legislativo e executivo argentinos, no sentido de evitarem o desmembramento das Provincias Unidas, com a entrega da Banda Oriental ao governo portuguez, é o que contem os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812, artigos esses approvados pelo

---

131) *El Uruguay Internacional*, 95, 96. Paris, 1912.

132) Obra cit. III, 304.

Congresso em fins de 1817 e que foram assignados pelo Director Pueyrredon e seu ministro das Relações Exteriores, dr. Gregorio Tagle.

Em o artigo 2.º desse convenio se lê: „S. M. F. declara novamente que a occupação feita até aqui e da que para deante venha a fazer de pontos militares ou territorios do lado septentrional do Paraná, em perseguição do chefe Artigas, não tem outro objecto que a sua propria segurança e conservação, e que não pretende deduzir de semelhantes actos direito algum de dominio, perpetua possessão, nem muito menos de conquista e, por isso, cessado o motivo, fará a desoccupação por meio de uma convenção amigavel com o governo das Provincias Unidas, em que se estipularão condições que sejam mutuamente uteis e necessarias á futura e permanente tranquilidade de ambos os Estados visinhos."

Aquelle convenio, afim de ser assignado pelo governo portuguez, foi remettido para o Rio de Janeiro, ao dr. Garcia, pelo ministro Tagle, que depois de outras considerações declarou, na carta que a elle juntou, com data de 14 de dezembro de 1817: „Está assim sanccionado pelo Soberano Congresso destas Provincias e se julgou conveniente antecipar este acto, para pôr S. M. F., o mais prompto possivel, em completa segurança de nossas intenções. Si nos fosse indifferente manter o real animo de S. M. F. na incerteza, teriamos procurado ganhar tempo para resolver . . .

„Mas, com um Principe que se tem conduzido com relação a estas Provincias, com tanta franqueza e cujos interesses se acham identificados com o glorioso destino destes povos, seria uma perfidia empregar o ardil e a dissimulação . . .

„Nenhuma alteração substancial se fez no projecto."

Dezasete dias depois o Director Pueyrredon escrevia ao dr. Garcia, sobre aquelle convenio, almejando que seu delegado „houvesse recolhido os fructos de seus trabalhos".

Como se vê, do que ficou transcripto, o governo argentino salvaguardava, sómente, do direito de dominio ou de perpetua possessão, assegurados pela occupação lusitana, o territorio do lado septentrional do Paraná.

Este grande rio depois de um percurso em territorio brasileiro, na direcção geral N.-S,. faz uma inflexão pronunciada para O., a partir da fóz do Taquaruzú, em Candelaria, até receber o Paraguay e dahi, confundido com este, corre na direcção primitiva, até proximo do Rosario, onde faz outra inflexão, agora, para L., até sua embocadura.

Dois são, portanto, os territorios que ficam ao N. do magestoso caudal: o paraguayo, que não estava em causa, e o das provincias de Entre Rios e Corrientes, em que devia operar o exercito luso-brasileiro, em perseguição de Artigas.

O general Mitre sempre seguro em suas informações e registos, ao dar uma summula daquelles artigos, commetteu, entretanto, uma falta grave, que tem hoje fóros de cidade.

Resumindo o artigo 2.º do convenio citado, escreveu o illustre general e historiador: „A declaração por parte do Brasil que a occupação da Banda Oriental em perseguição de Artigas, não tinha outro objecto que a sua propria segurança, sem pretender deduzir deste acto direito algum de dominio, nem de conquista, compromettendo-se a tratar amigavelmente com as autoridades das Provincias Unidas os termos de sua desoccupação." [133])

O artigo referido, entretanto, conforme se vê do original do convenio existente no archivo da Familia Garcia e do qual obteve copia authenticada o dr. Saldias, que o transcreve na integra [134]), nenhuma referencia faz á *Banda Oriental* e sim á *Banda Septentrional do Paraná.*

O curioso é que o divulgador do documento menciona tambem no texto de sua obra — *Banda Oriental.* [135])

Nos primeiros annos do decennio de 1880 Vicente G. Quesada deu publicidade a esse documento, na integra [136]) e foi em 1920 transcripto em sua tumultuaria obra historica [137]).

---

133) Idem, idem, 285.

134) Obra cit. 423 a 427.

135) Idem, 155.

136) *Nueva Revista de Buenos Aires*, VI, 422 a 425.

137) *Historia Diplomatica Latino Americana*, cit. III, 143 a 145.

O artigo 2.º nessas publicações é precisamente o que se lê em Saldias.

O dr. Vicente F. Lopez estampou, em 1887, o documento em apreço em sua *Historia da Republica Argentina* [138]). O mencionado artigo 2.º ahi transcripto é *ipsis litteris* o que Quesada e Saldias publicam.

O illustrado coronel argentino Juan Beverina é ainda mais expressivo na adulteração daquelle artigo: affasta-se por completo de seu texto e modifica a versão do general Mitre, não obstante haver recorrido á obra de seu emerito confrade e distinguido camarada.

A verdade, entretanto, é que as manifestações e actos do Congresso e Governo argentinos, visavam resguardar, unicamente, do dominio extrangeiro as provincias de Entre Rios e Corrientes, como passamos a demonstrar.

Nas instrucções reservadas do Congresso de Tucuman ao enviado argentino junto ao general Lecór, foi estabelecido que „se o objectivo do gabinete portuguez era sómente de reduzir á ordem a Banda Oriental, de nenhuma maneira poderia se apoderar de Entre Rios, por ser territorio pertencente á Provincia de Buenos Aires „e ao qual o governo não havia renunciado nem cedido áquella Banda".

Commentando essa parte das instrucções diz o dr. Alberto Palomeque: „Isto importava em acatar explicitamente a conquista ou a possessão da Banda Oriental e, até, em reconhecer-lhe um caracter independente, quando fallava de não haver renunciado nem cedido áquella Banda o territorio de Entre Rios.

„Da referida Banda não fazia questão e sim tão sómente de Entre Rios." [139])

Ainda nas *Instrucções Reservadas* se lê: „A base geral de toda negociação será a liberdade e independencia das Provincias representadas no Congresso."

---

[138]) VI, 748 a 752.

[139]) *Actas Secretas del Congresso General Constituinte de 1816*, in *Critica*, n.º 36, pags. 110.

A Banda Oriental, desse modo, ficava excluida do numero das Provincias que deviam ter a liberdade e independencia respeitadas, visto que não estava representada naquelle Congresso.

Tres mezes depois dessas instrucções Pueyrredon, na qualidade de Director Supremo, confirmava o modo de pensar do congresso, relativamente á situação politica da Banda Oriental, dizendo a Miguel Barreiro: „O exercito portuguez invade o territorio oriental pela razão de sua independencia e sua separação voluntaria e reconhecida da massa geral das Provincias Unidas." [140])

Em extensa nota de 4 de abril de 1817, disse Garcia a Pueyrredon, depois de varias considerações relativamente ao assumpto de sua missão na côrte do Rio de Janeiro e sobre as vantagens de um convenio addicional ao Armisticio de 1812: „Assim, pois, poder-se-á estipular artigos addicionaes ao dito Armisticio, que poderão ser os seguintes:

„1.° — S. M. F. e o Governo de Buenos Aires declaram subsistir em toda sua força e vigor, a bôa harmonia estipulada em o Armisticio de 1812.

„2.° — S. M. F., restabelecida a ordem na Banda Oriental do Uruguay, não permittirá que suas tropas passem a Entre Rios, mas esta Provincia sujeitar-se-á ao Congresso e ao Governo das Provincias Unidas, como as demais, de sorte que o mesmo governo possa garantir a S. M. F. a tranquilidade desta fronteira."

Existem na referida nota referencias a mais tres artigos.

O 3.° versa sobre o compromisso a assumir pelo governo de S. M. F. em não contribuir directa ou indirectamente para a invasão e ataque do territorio das Provincias Unidas. O 4.°, trata da liberdade de commercio entre o Brasil e a Argentina e o 5.°, finalmente, sobre os representantes de ambos os governos para o estabelecimento do convenio.

Depois da transcripção desses artigos diz o dr. Garcia: „E' este o bosquejo que ficou hontem traçado."

Em outubro, ainda de 1817, o diplomata argentino diri-

140) Officio de 6 de dezembro de 1816.

giu-se novamente ao seu governo sobre os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812. Na discripção justificativa desses artigos nada se lê que autorize a versão do illustre autor da *Historia de Belgrano*.

Com referencia ao ponto em causa o que ali consta é, precisamente, o que foi estipulado no artigo 2.º do Convenio approvado pelo Congresso Argentino, assignado por Pueyrredon e referendado pelo seu ministro dr. Gregorio Tagle, que o enviou ao dr. Garcia, em dezembro de 1817, como já ficou dito.

Quando em 1819 se viu o governo argentino assoberbado pelas aggressões de Artigas, José Rondeau, então no alto cargo de Director Supremo, pediu ao barão da Laguna que acomettesse com suas forças e perseguisse o inimigo commum até Entre Rios e Corrientes, operando em combinação com as forças argentinas."

„Não tendo sido attendido esse pedido, Rondeau dirigiu, em 31 de outubro do mesmo anno, uma nota reservada ao seu representante no Rio de Janeiro, dizendo-lhe: „E' de absoluta necessidade que V. S. trate de obter desse gabinete ordens terminantes ao barão, para que carregue com suas tropas e tambem com a esquadrilha sobre Entre Rios e Paraná e opere em combinação com as nossas forças, sob a condição precisa de que só devem occupar aquelles pontos emquanto este governo não o fizer, ou melhor dito, que deverão deixa-los livres, tão logo este governo isto solicite."

Voltemos agora, em vista da importancia do assumpto, ás versões que o general Mitre e o coronel Beverina fazem do artigo 2.º do convenio addicional ao Armisticio de 1812.

A do primeiro dos referidos historiadores já é conhecida, a do segundo é esta: „O Brasil ratificava sua anterior declaração de que a occupação da Banda Oriental era transitoria, pois tinha como fim exclusivo a segurança de suas fronteiras continuamente ameaçadas por Artigas e se compromettia solennemente a convir em forma amigavel com as Provincias Unidas os termos da desoccupação do territorio oriental." [141])

---

141) *La Guerra contra el Imperio del Brasil*, I, 60. Buenos Aires, 1927.

Qual o fim desta mystificação historica, em que se acham envolvidos nomes de responsabilidade?

O empenho de attribuir ao Brasil a peior partilha e a maior ou toda a responsabilidade na occupação e encorporação da Cisplatina?

E' o que parece, não obstante a repugnancia que se tem em acreditar nisso porque, sendo assim, se é obrigado a attribuir a pessoas de reconhecida cultura, uma puerilidade infantil ou a ardileza imaginaria do caréca quando, reunindo umas poucas falripas que lhe restam, tapa a calva aos seus olhos deixando-a, entretanto, a amostra para toda gente.

Os artigos do convenio a que vimos nos referindo e a volumosa correspondencia do dr. Manuel José Garcia, não abonam a versão do general Mitre e desautorizam a do coronel Beverina.

O que se verifica do texto do convenio e da correspondencia do delegado argentino no Rio de Janeiro, o que ahi claramente está ao alcance de todos — são as manifestações e os actos dos congresso e governo argentinos no sentido de resguardarem do dominio lusitano, sómente as provincias de Entre Rios e Corrientes.

Impõe-se nesta altura uma analyse minuciosa do convenio mencionado, na parte referente ao ponto em estudo.

E' necessaria a analyse porque os artigos desse convenio não mereceram até hoje a attenção dos historiadores brasileiros, não obstante a importancia desses artigos para o julgamento da intervenção de nossos maiores no Uruguay.

Dezeseis são os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812.

O 1.º, não tem interesse para o ponto em debate. Refere-se á liberdade dos vassalos portuguezes presos em Lujan e á garantia de suas propriedades.

O 2.º, é o que ficou transcripto e pelo qual se verifica que foi salvaguardado do dominio portuguez o territorio da margem septentrional do Paraná e que nesse sentido nenhuma referencia se fez á Banda Oriental.

O 3.º, é importante para o assumpto em apreço e por isso vamos transcreve-lo na integra, commentando-o:

„O governo das Provincias Unidas se obriga a retirar immediatamente todas as tropas que com suas munições de guerra tenham sido mandadas em soccorro de Artigas e de seus partidarios, a não prestar-lhe (ao caudilho oriental), para o futuro, auxilio de especie alguma, sob qualquer denominação e a não admittir aquelle chefe nem seus partidarios armados no territorio da Banda *Occidental* (o gripho é nosso), que pertence ao Estado."

O general Mitre resumindo este artigo, escreveu Banda *Oriental*. E' nosso tambem o gripho.

O coronel Beverina disse em outros termos a mesma cousa. E' esta a sua versão: „O governo das Provincias Unidas, com effeito, se compromettia não só a retirar todos os elementos de guerra que houvesse proporcionado a Artigas a não facilitar-lhe ajuda alguma para o futuro, como tambem a não admittilo no proprio territorio."

Este circumloquio „no proprio territorio", quer dizer no territorio de Artigas, isto é: na Banda Oriental.

A referencia do artigo, entretanto, é claramente feita á mesopotamia argentina, como se vê da primeira parte já transcripta.

No final dessa parte existe a declaração de que o territorio da Banda Occidental pertencia ás Provincias Unidas.

Disso resulta que, se em vez de Banda *Occidental* se houvesse dito Banda *Oriental*, teria sido affirmado que a Argentina salvaguardava seus direitos sobre a Provincia Oriental.

Isso, entretanto, não o fez, embora assim não entendam os historiadores argentinos que, para cohonestarem seus pontos de vista, adulteram os termos dos artigos addicionaes ao Armisticio de 1812.

E porque, segundo o conceito de um grande pensador e psychologo, o homem é de fogo para a mentira e de gelo para a verdade, o embuste, o falso, foi sobreposto ao authentico, ao verdadeiro.

Tudo isso, porêm, não passa de uma illusão, que compromette e desprestigia os que se comprazem em alimenta-la, porque a historia que „não admitte nem a mais leve men-

tira", segundo a advertencia feita ha mais de mil e setecentos annos por Luciano de Samosate [142]), hade lavrar sua sentença definitiva e essa sentença não poderá assentar em documentos adulterados.

Vamos continuar a transcripção do artigo 3.º:

„E quando succeda que elles (Artigas e seus partidarios) entrem á força e não haja meios de os expulsar, com a maior brevidade, o dito governo das Provincias poderá solicitar a cooperação das tropas portuguezas para esse effeito; essa cooperação deverá ser pelo menos de um terço das forças com que concorrerão as Provincias Unidas e constituida por tropas auxiliares sob o commando do chefe principal das forças das mencionadas Provincias."

O artigo 4.º versa sobre a indemnisação reciproca das presas feitas desde 1812, devendo cessar os actos dos corsarios.

O 5.º, declara em pleno vigor o Armisticio de 1812.

O 6.º, pela sua importancia, vamos transcrever na integra, com os commentarios que se fizerem indispensaveis:

„Com o fim de prevenir equivocos e embaraços nas proximidades das tropas de S. M. F., fica reciprocamente estabelecido que ellas poderão perseguir Artigas e seus partidarios até a margem esquerda do Rio Uruguay, cuja linha, que será a do subsistente Armisticio no caso do artigo 2.º, não poderá ser traspassada a não ser de accôrdo com o artigo 3.º."

A parte transcripta deixa bem claro que as forças luso-brasileiras tinham plena liberdade de acção no territorio da Banda Oriental, visto que podiam sem empecilho algum por parte da Argentina, perseguir Artigas e seus partidarios até a margem esquerda do Uruguay.

Estava, pois, alijada das Provincias Unidas do Prata, a patria do „rei dos caudilhos".

E para que nenhuma duvida pairasse sobre isso, foi declarado que na mesopotamia argentina a entrada só seria permittida nas condições previstas no artigo 3.º, isto é: por solicitação do governo das Provincias Unidas e sem direito á posse, conforme ficára dito no artigo 2.º.

---

142) In *Da Maneira de escrever a historia.*

Ha mais ainda: para que ficasse expressamente assignalado qual o territorio que devia ficar defeso á posse do occupante, foi dito, como explicação, no final do artigo que estamos examinando: „Em consequencia, os territorios do Paraguay, Corrientes e Entre Rios, ficam comprehendidos expressamente dentro da linha que demarca provisoriamente a jurisdição das Provincias Unidas."

O artigo 7.º trata da garantia reciproca das partes aos habitantes dos territorios demarcados no artigo anterior.

O 8.º, estabelece que S. M. F. em reciprocidade ao compromisso assumido pelas Provincias Unidas no artigo 3.º, se obrigará a não emprehender acto hostil contra as mesmas Provincias, nem se alliar aos seus inimigos ou prestar a estes quaesquer auxilios.

O 9.º, trata da situação dos desterrados por crimes politicos.

O 10.º, versa sobre a liberdade de commercio pelos contractantes, com excepção dos rios interiores, onde só poderão os navios luso-brasileiros penetrar em perseguição dos partidarios de Artigas, de accôrdo com as condições estabelecidas no artigo 3.º.

O 11.º, estabelece o praso de 6 mezes para a renovação das hostilidades, no caso de não haver accôrdo ou este fracassar. Pelo Armisticio de 1812 esse praso era de 3 mezes.

O 12.º, se refere ao tratamento a ser dado aos criminosos, desertores e escravos fugidos.

O 13.º, estabelece que os artigos do Convenio produzirão os effeitos de um verdadeiro tratado de paz.

O 14.º, declara que sobrevindo um rompimento entre Hespanha e Portugal haveria uma alliança eventual entre os contractantes, que devia ser publicada juntamente com o reconhecimento da independencia das Provincias Unidas por Portugal.

O 15.º, estabelecia o sigillo que devia ser guardado sobre o Convenio.

O 16.º, é do seguinte têor: „Os presentes artigos addicionaes e secretos terão a mesma força e vigor, como se estives-

sem escriptos, palavra por palavra, na acta do Armisticio de 26 de maio de 1812."

O *Correio Brasiliense,* em 1820, divulgou esses artigos, tomando-os de uma publicação apparecida no Rio da Prata.

Dalli os transcreveu Pereira Pinto, em 1864 [143]) e annotou que os referidos artigos não tinham data nem assignatura, e os capitulou no periodo relativo ao Brasil-Colonia, 1808 a 1815, suppondo, sem duvida, tratar-se de acto da mesma data ou immediatamente posterior ao Armisticio de 1812.

No 2.º volume dos profusos e emmaranhados estudos diplomaticos de Vicente G. Quesada, publicados sem a indispensavel annotação pelo seu filho, o eminente dr. Ernesto Quesada, se lê: „Na mesma noite de sua chegada (de Juão Rademacker a Buenos Aires) foi assignado o armisticio de maio de 1812 e os 16 artigos addicionaes e secretos." [144])

O mesmo autor, depois de açodadas conclusões, fundadas na data que elle attribuia a esses artigos, reassevera: „Devo advertir que o convenio de armisticio firmado em 26 de maio de 1812, tem a mesma data dos artigos addicionaes e secretos, que tinham a mesma força e valor como se fossem inseridos palavra por palavra na acta daquelle armisticio." [145])

No 3.º volume, entretanto, como já ficou mencionado, transcreve integralmente os 16 artigos e diz que Pueyrredon, em 1.º de dezembro de 1817, quasi 7 annos depois daquelle armisticio, dirigiu-se ao Congresso Argentino, remettendo os mesmos artigos com pedido de approvação." [146])

O eminente dr. João Pandiá Calogeras suppoz tambem que esses artigos tivessem a mesma data do armisticio de 1812 e cáe em outro engano acreditando que elles tiveram existencia legal.

Para sermos mais explicitos, isto é: para melhor evidenciarmos a existencia da supposição de isochronismo e de lega-

---

[143]) *Apontamentos para o direito Internacional,* I, 109 a 114. Rio de Janeiro, 1864.

[144]) Obra cit. II, 35.

[145]) Idem, 64.

[146]) Idem, III, 142.

lidade internacional do acto em apreço, vamos transcrever as proprias palavras do autor: „O tenente-coronel João Rademacker negociou com o triumvirato um armisticio limitado [147]), retirando-se d. Diogo com seu exercito para o Rio Grande. Esse foi o armisticio de Buenos Aires, de 26 de maio de 1812. Nos seus artigos secretos, vinha prevista a alliança das provincias platinas com Portugal, o reconhecimento virtual da independencia daquellas, a guerra possivel á Hespanha." [148])

O anachronismo do autor está em o verbo vir desta sua affirmativa, logo depois de se referir ao armisticio citado: „Nos seus artigos secretos *vinha* prevista a alliança", etc., deixando assim expresso que os artigos acompanharam ao armisticio e que tiveram existencia legal, o que é inexacto, visto serem de 1817 e não terem recebido a assignatura de d. João VI. como mais para deante se ha de ver.

A affirmativa do autor brasileiro está de accôrdo com a de Quesada, no 2.º volume citado. Este historiador, porêm, não está entre os que aquelle menciona como consultados.

O curioso em tudo isso é a contradicção, quanto á data, com o artigo 1.º dos referidos artigos, transcriptos por Saldias, e quanto á legalidade, com o que menciona o general Mitre, ambos consultados pelo nosso talentoso e erudito compatricio.

No artigo 1.º daquelles artigos se lê: „O governo das Provincias Unidas porá immediatamente em completa liberdade os vassalos portuguezes que por effeito do bando publicado em Buenos Aires, em 2 de março do corrente anno, tenham sido removidos para a Guarda de Lujan", etc.

O bando sobre internamento de portuguezes em Lujan é de 1817, em represalia ao de Lecór de 15 de fevereiro desse mesmo anno.

Sómente essa indicação era sufficiente para determinar que os artigos em apreço são de 1817.

As correspondencias de Garcia, de Pueyrredon, de Tagle, do presidente do Congresso e as actas secretas deste, eviden-

147) Ilimitado, aliás, segundo o art. 2.º do Convenio.

148) *A Politica Exterior do Imperio*, cit. I, 424.

ciam que o assumpto principou a ser tratado em abril de 1817 e foi definitivamente approvado pelo congresso argentino e remettido para o Rio de Janeiro em dezembro ainda desse anno.

Perante o direito das gentes os artigos addicionaes não existiram, por não terem o caracteristico de um acto perfeito, visto não ter sido preenchida uma das condições intrinsecas essenciaes: o consentimento de uma das partes, expresso com a sua assignatura, motivo por que não teve a ratificação que o direito internacional publico estabelece como regra imprescindivel.

Não obstante a invalidade desses artigos como uma obrigação, elles são, entretanto, elementos preciosos para a historia, porque evidenciam o ponto de vista politico dos governantes e dos representantes do povo argentino.

Na publicação do *Correio Brasiliense,* transcripta por Pereira Pinto, além de algumas incorrecções que não interessam o ponto em estudo, a redacção do artigo 2.º apresenta uma variante do original e da versão do general Mitre.

Ali se lê: margem *oriental do Rio da Prata,* em vez de margem *setentrional do Paraná,* como está no original, com as assignaturas de Pueyrredon e de Tagle ou de *Banda Oriental* simplesmente, segundo o historiador da *Vida de Belgrano.*

Além de tudo isso, está em desaccôrdo com a geographia, porque nenhuma das margens do Rio da Prata fica ao oriente.

Os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812, não foram, como já dissemos, assignados por d. João VI, pelos motivos que adeante vão expostos e que obrigaram a declaração feita, em julho de 1818, por Thomas Antonio Villanova Portugal, então ministro das Relações Exteriores, de que a occupação do territorio da Banda Oriental, fôra uma medida provisoria para conseguir a paz e por isso o general Laguna tinha ordem para se conter na linha do Uruguay.

Essa declaração partiu do Brasil quando a Argentina, por intermedio de um convenio tratava de resguardar sómente as Provincias de Entre Rios e Corrientes, o que, para a historia, como já dissemos, é de grande importancia, porque evidencia até

onde chegou o incitamento platino na côrte de d. João VI, para a occupação da Banda Oriental.

O leitor que já conhece o objectivo da occupação desse territorio pelo exercito luso-brasileiro, perguntará, naturalmente, como se explica que o governo de d. João VI desistisse, com aquella declaração, do movel de suas acções bellicas, no momento em que era posto ao seu inteiro dispôr, por meio de um convenio, aquillo que se esforçava por obter a custa de tantos sacrificios.

E' facil a explicação.

O protesto das cinco grandes potencias europeas que constituiam a Santa Alliança e que um historiador brasileiro diz ter sido de todos os povos civilizados, reduzindo estes áquelle numero ou ampliando, por sua conta e risco, a quantidade dos protestantes, não tem a significação que se lhe attribue.

Não foi, como já deixamos dito, contra a occupação de parte ou de todo de um paiz livre da America, que se levantou aquelle protesto — o que com elle se teve em mira foi a defesa do territorio de uma colonia de um Estado europeu.

Não era a liberdade dos povos hispano-americanos que se resguardava, mas o direito de senhorio da Europa sobre esses povos ou a recolonisação da America Hespanhola.

O protesto da França, Inglaterra, Austria, Prussia e Russia, foi feito em nome dos direitos de Hespanha.

Essas potencias reprovavam a invasão da Banda Oriental, por julgarem-na „incompativel com a tranquilidade do mundo e por isso apoiariam a Hespanha na justiça de sua causa, para reivindicar seus direitos territoriaes e obter reparação dos aggravos que soffreu."

Esse protesto motivou um entendimento de Portugal com a Santa Alliança, que então dispunha dos destinos da Europa, e desse entendimento resultou a mediação da mesma na questão da Banda Oriental, sobre a base da entrega desse territorio em troca da devolução de Olivença e pagamento pela Hespanha dos gastos feitos na expedição portugueza contra Artigas.

Em meio dessa negociação Portugal foi accusado de haver

firmado um convenio secreto com o governo das Provincias Unidas do Rio da Prata.

Essa denuncia causou pessima impressão entre os representantes das grandes potencias reunidos em Paris.

Nessa conjectura o duque de Palmella, representante de Portugal, desmentiu categoricamente a existencia do convenio denunciado.

Foi este o motivo por que o governo de d. João VI declarou provisoria a occupação da Banda Oriental, em vez de firmar o convenio já approvado e assignado pelos poderes legislativo e executivo das Provincias Unidas.

A Hespanha além da demora em resolver o assumpto se recusou a indemnizar as despezas com a expedição contra Artigas.

Esse procedimento acarretou-lhe a má vontade da Santa Alliança e valeu a Portugal as sympathias desta, graças aos talentos diplomaticos e á finura de espirito do grande duque de Palmella, que soube tirar partido da situação engenhosa que creára.

Tem se feito no Prata, daquella declaração do ministro do Exterior de d. João VI, o ponto de apoio dos ataques contra a encorporação da Cisplatina.

A situação politica das Provincias Unidas perante as potencias europeas, das quaes Portugal fazia parte, não admittia a existencia do Convenio addicional ao Armisticio de 1812. Além disso o artigo 14.º desse convenio previa a alliança contra Hespanha com reconhecimento da independencia das referidas provincias, consideradas ainda como simples colonias hespanholas.

A declaração de Thomaz Antonio se impunha, pois, como confirmação das affirmativas do duque de Palmella.

O objectivo verdadeiro da occupação perdurava, entretanto, aguardando occasião azada.

Esse objectivo, como já deixamos consignado, fôra communicado pelo general Lecór ao Director Supremo das Provincias Unidas, em nota, e ao coronel Nicolás Vedia, de viva vóz, quando este, na qualidade de representante do governo argentino, o entrevistára em novembro de 1816.

A declaração do ministro portuguez fôra previamente combinada com o representante do governo das Provincias Unidas no Rio de Janeiro — o dr. Manuel José Garcia — conforme se vê de uma nota deste áquelle ministro.

Nessa nota estão mencionados os tres pontos principaes da declaração firmada por Villa Nova Portugal: a vigencia do armisticio de 1812; „neutralidade na guerra actual" e que as tropas de S. M. F. se manteriam na linha delimitada pelo rio Uruguay ou segundo os termos da nota serviria „o Uruguay de linha de demarcação da occupação militar das tropas de S. M. F."

„Estas declarações", disse Garcia, „com as que S. M. F. já tem feito por meio de seu ministro em Paris, a respeito da natureza e objecto da mesma occupação, não deixarão, quiça, mais que desejar nas actuaes circumstancias." [149])

Notae bem: as declarações eram para as *actuaes circumstancias.*

Para quem tiver pleno conhecimento da propaganda monarchica dos platinos; para quem conhecer a fundo a actuação de Garcia no Rio de Janeiro, em prol da occupação do territorio oriental pelas tropas luso-brasileiras; para quem estiver inteirado do empenho do governo das Provincias Unidas do Rio da Prata em manter a integridade territorial dessas Provincias, com sacrificio da Banda Oriental, que para isso a declarára independente e a olhava como um elemento perigoso e a parte, extranho: a declaração combinada e expressa pelo ministro das Relações Exteriores de d. João VI em a nota de 23 de julho de 1818, era um simples paliativo, um véo sobre as verdadeiras intenções, um desses recursos communs, que constituem o telhado de vidro das representações diplomaticas de todos os paizes e, por isso, pela pratica delles, nenhum teme as pedradas dos outros.

---

149) Nota de 16 de julho de 1818, existente no archivo do Itamaraty e que é, como outras que alli consultamos e ainda não divulgadas, do proprio punho de Garcia e escripta em portuguez.

Instigações argentinas

2) Procedimento do Congresso

a) Completo conhecimento da Missão Garcia no Rio de Janeiro.
b) Entrega da Banda Oriental.
c) Entendimento com Artigas e Lecór, ao mesmo tempo.
d) Imposturas.

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Procedimento do Congresso - Completo conhecimento da Missão Garcia no Rio de Janeiro - Communicações de Garcia sobre a invasão portugueza - Garcia amplamento autorizado a agir - Governo e Congresso scientes de tudo - Sessões secretas para tomar conhecimento da correspondencia de Garcia - Reconhecimento de d. João VI como monarcha platino.

Enquadram-se nas causas estudadas neste capitulo, as attitudes mantidas pelo Director Supremo das Provincias Unidas — Juan Martin Pueyrredon — e pelo Congresso argentino, antes, durante e depois da occupação da Banda Oriental pelas forças luso-brasileiras.

A analyse dessas attitudes, á luz dos documentos, das circumstancias da occasião e dos factos que a ellas se prendem, revelará muita surpresa aos que conhecem-nas através de narrativas parciaes ou tendenciosas e até deshonestas, que são as mais divulgadas e as que em maior numero existem.

O exame dos quatro aspectos, que caracterizam o procedimento do Congresso argentino, no periodo acima indicado, e o empenho do mesmo em guardar sob o maior segredo seus verdadeiros actos e pensamentos, proclamando falsas intenções, é indispensavel para um julgamento criterioso da occupação, na-

quella época, do territorio que hoje constitue a bella e brilhante Republica Oriental do Uruguay.

a) Conhecimento da occupação.

Não é serio tomar-se a serio esta declaração feita, em setembro de 1816, pelo Congresso reunido em Tucuman, em officio dirigido a Pueyrredon: „Não se póde mais duvidar de que zarpou do Rio de Janeiro uma expedição portugueza, sob o commando do tenente general Frederico Lecór, com direcção ás aguas do Rio da Prata, sem que se saiba seu destino."

Essa declaração, que tinha um objectivo occulto, que será mencionado quando tratarmos do quarto aspecto do procedimento do Congresso, não era sincera.

O Congresso de Tucuman estava minuciosamente informado de todos os passos do dr. Manuel José Garcia no Rio de Janeiro, por meio das communicações deste aos Directores Supremos Alvarez, Balcarce e Pueyrredon, que depois de inteirados das mesmas as enviavam ao referido Congresso.

Entre as communicações do emissario argentino no Rio de Janeiro, no decorrer do anno de 1815, salientam-se as de 27 de abril, 24 de novembro, 15 e 29 de dezembro.

Em a penultima citada se lê esta participação que, pela simplicidade com que foi feita, evidencia até onde já íam as combinações para a invasão da Banda Oriental: „Nenhuma novidade occorreu desde a minha ultima a não ser a marcha proxima da primeira divisão portugueza á Santa Catharina."

„A importancia destes communicações", observa Vicente Fidel Lopez, [150]) „toma um caracter mais preciso quando o commissionado indica claramente que a base essencial do pacto que devia unir o Governo Argentino ao Governo Portuguez — é a de não fazer causa commum com Artigas nem questionar a possessão e propriedade da Banda Oriental."

Em 27 de setembro de 1815 era a missão Garcia no Rio de Janeiro reconhecida officialmente pelo Director Supremo

150) *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 107.

das Provincias Unidas, depois de elogiosas referencias aos importantes serviços, que o illustre delegado vinha prestando á patria.

Nesse despacho foi dada autorização ampla a Garcia para agir junto de Sua Alteza o Principe Regente de Portugal, segundo se vê de seu agradecimento por tão alta confiança, em tão subida missão. [151])

Em 6 de março de 1816 o Director Supremo, depois de referir o fracasso da missão Rivadavia em procura de um rei nas côrtes européas, disse ao Congresso: „Theatro de mais solidas esperanças apresenta-nos o novo reino do Brasil, onde temos como deputado o dr. Manuel José Garcia."

Em a longa nota, de 5 de abril, do enviado argentino a Alvarez Tomas, suppondo-o ainda no governo e que foi recebida pelo novo Director Antonio Balcarce, lêm-se estes periodos: „Por occasião da saída da sumaca *Pepa*, em 1.° do corrente, escrevi-lhe dando meu parecer sobre a necessidade de não transigirmos a não ser em ultimo caso e nunca com os hespanhoes immediatamente, visto ser sabido que nada se cumpre do que em taes casos se offerece a não ser que um motivo forte e respeitavel contenha os partidos que transigem, o que nos faltará inteiramente emquanto não tivermos a mediação de um Poder Extrangeiro."

Depois de citar exemplos da falta de cumprimento do pactuado e de referir que o primeiro objecto a adquirir era a terminação da guerra, estuda a situação das côrtes de Hespanha e de Portugal, accrescentando que „esta côrte se acha muito disposta a fixar-se aqui e principia a olhar com attenção os interesses deste Continente."

Faz em seguida considerações sobre o temor que corria em Portugal de que a côrte se fixasse definitivamente no Rio de Janeiro e diz, visando o unico meio de salvação apontado no inicio de sua nota: „Neste estado de cousas posso assegurar, com aquella certeza que é possivel em tão obscura e intrincada materia e segundo minhas idéas adquiridas em repetidas conferencias com as principaes pessoas do Conselho, que S. M. F. acei-

151) Nota de 5 de fevereiro de 1816.

tará a mediação, porque ella é absolutamente interessante aos seus actuaes empenhos e ás suas vistas para o futuro."

Meditem sobre estas palavras os que, com despreso destes elementos, têm, arvorando-se em tribunaes de ultima instancia, proferido sentenças condemnatorias, sobre o procedimento de nossos maiores no Rio da Prata, no agitado periodo de 1815 a 1828.

Meditem alguns minutos, porque essas palavras representam o rastilho que havia de communicar o incendio que lavrou na Banda Oriental e em cujas labaredas a Argentina, simplesmente chamuscada e isso mesmo quando mais alimentava o igneo elemento, viu arder o poder anarchico que ameaçava sua integridade e poude, á luz desse sinistro, consolidar sua união.

Foi o sacrificio do appendice, em favor da saude de todo o corpo util.

Um mez depois do recebimento daquella nota, dizia Balcarce ao enviado argentino no Rio de Janeiro: „O Governo tem dado parte ao Congresso do estado que tomam as nossas relações exteriores e de vossas communicações sobre o que se póde estabelecer nessa côrte.

„O Congresso tem mostrado as mais favoraveis disposições a respeito e acredita que os vinculos que cheguem a estreitar estas Provincias com essa Nação, serão o melhor asylo que teremos em nossos conflictos.

„O assumpto é tratado com interesse e com uma reserva que quasi parece incrivel, no critico estado de nossas cousas.

„No desempenho de vossa commissão deveis aproveitar os instantes e tratar deste particular com absoluta preferencia, remettendo informações detalhadas do quanto nos exijam e das vantagens que offereçam ao nosso paiz.

„Indicae tambem todos os meios que devam ser adoptados por este Governo em combinação com esse Ministerio, para aplainar os obstaculos que possam oppor-se ao que seja razoavel.

„Averiguae se Artigas tem algumas relações com essa côrte e de que genero, pois sua conducta nos parece suspeitosa." [152])

[152]) Nota de 4 de maio de 1816.

Respondendo ao alvitre de Garcia de que fosse nomeado outro representante argentino para que verificasse no Rio de Janeiro a veracidade de suas affirmativas, disse Balcarce no officio que estamos extractando: „O Governo descança completamente em vosso zelo e patriotismo. Os povos estão, de qualquer modo, resolvidos a não soffrer outra vez o ferreo jugo dos hespanhoes e a não tratar com elles especie alguma de conciliação.

„Esta convicção deve dirigir todos os vossos passos ao estreitar vossas relações com esse governo.

„Todas as pessoas de juizo contam — além dos esforços que nos restam por fazer na luta — com os principios liberaes que manifestou S. M. F. o Sr. D. João VI e fundam suas esperanças nos propositos magnanimos que deve inspirar á S. M. a aproximação de nossas Provincias."

Em carta particular que acompanhou ao officio do Director Supremo, o ministro do Exterior, dr. Gregorio Tagle, reforçou nestes termos os conceitos transcriptos: „Ha necessidade de tomarmos medidas urgentes, para fixarmos com fructo nossa sorte e, assim, não perca occasião de conseguir isso.

„Tudo ameaça dissolução geral.

„O Congresso está conforme com tudo que garanta a independencia e a segurança do paiz e vos previne que deveis obrar sob tal garantia com franqueza e empenho."

Na mesma data que de Buenos Aires se pediam inspirações a Garcia e se lhe davão amplos poderes para agir, o enviado argentino escrevia do Rio de Janeiro: „Nada ha que temer agora deste gabinete, estando, quiçá, em nossas mãos termos muito que esperar. Tenho motivos fortes para o dizer." [153])

Em 9 de junho seguinte disse prazenteiramente: „Recebi tudo, tudo e estamos perfeitamente de accôrdo.

---

153) Carta de 4 de maio de 1816.

„Creio que em breve desapparecerá Artigas dessa Provincia e talvez de toda a Banda Oriental.

„A esquadra está de ancora suspensa, esperando o primeiro vento.

„Vá pensando V. Ex. na pessoa que ha de tratar com o general e com Herrera, o que deve ser feito sem ruido. Bastam meras credencias. Tenha em vista V. Ex. que o enviado não seja homem assustadiço nem daquelles que tudo querem em um abrir e fechar de olhos. Que seja homem manso, calado e negociador.

„Vou mandar-lhe minhas notas apontando-lhe sobre que base póde ser feito este negocio; não o faço agora porque não sei das novidades que ahi occorreram depois de sua ultima carta."

As outras referidas foram enviadas logo depois com a informação do objectivo da invasão, conforme se evidencia deste communicado de Garcia a Balcarce, de 25 ainda de junho: „O objectivo da expedição (Lecór) já indiquei a V. Ex., assim como tambem que nada havia que recear a respeito das provincias occidentaes, sujeitas ao governo de Buenos Aires, o que tenho a satisfação de repetir novamente."

A Commissão de Relações Exteriores do Congresso, tinha sciencia de tudo e agia secretamente.

Um de seus membros —o deputado Serrano — quando em julho de 1816 teve conhecimento do officio da Junta de Observação de Buenos Aires, communicando a futura invasão portugueza e estranhando a apathia que se notava nos preparativos para a defesa, consultou a seus pares „se devia ser revelado o segredo das negociações ou continuar contestando as communicações recebidas ultimamente." [154])

Commentando essa consulta disse o illustrado dr. Alberto Palomeque: „Resulta, pois, que no Congresso se conhecia tudo o que se fazia no Rio de Janeiro por nosso plenipo-

154) Acta da sessão secreta de 23 de julho de 1816.

tenciario dr. Manuel José Garcia, antes de 23 de julho de 1816 e que existia uma commissão encarregada exclusivamente desse assumpto, a qual tudo levava sob o maior segredo até, segundo parece, para os demais membros do Congresso.

„Isto demonstra que não é verdadeira a affirmativa de que sómente Tagle e Garcia conheciam esse movimento subterraneo e que sobre a correspondencia do ultimo com o governo se guardava a maior reserva, pois este dava della conhecimento ao Congresso e a Commissão se encarregava da resposta ás communicações." [155])

Seis foram os documentos relativos á missão Garcia que a Commissão de Relações Exteriores tomou conhecimento nessa sessão de 23 de julho de 1816: dois officios do Director interino Ignacio Alvarez, datados de 6 de março de 1816; duas copias de officios da Commissão ao mesmo Director, sendo uma accusando o recebimento daquelles officios e a outra com a resposta ao assumpto tratado em um delles; um officio do brigadeiro Balcarce, na qualidade de Director Supremo, de 1.º de julho de 1816, acompanhado de uma carta de Garcia.

Na sessão de 25 de agosto o congresso tomou conhecimento de mais seis documentos, referentes tambem á Missão Garcia.

Estava sob numero 1 a nota de 9 de junho em que o emissario argentino dizia ao Director Supremo, em alvoroçamento de alegria e desabafo: „Recebi tudo, tudo e estamos perfeitamente de accôrdo."

O de numero 4 era o officio de 25 tambem de junho, reaffirmando que nada se devia recear da expedição de Lecór, relativamente ás provincias occidentaes, visto que o objectivo da invasão era o já anteriormente mencionado e que devia constar de duas cartas reservadas dirigidas a Balcarce e que figuravam sob numeros 2 e 3. Nesse officio se lê esta informação positiva sobre o destino das forças invasoras: „A expedição deve tocar em Santa Catharina para receber a brigada de

155) *Critica*, cit. XI, 292.

artilharia e mais algumas tropas. Seu destino é as costas de Maldonado e Montevidéo. A maior parte da cavallaria européa e as melhores milicias desta arma, devem operar nas fronteiras da Banda Oriental em combinação com as tropas de desembarque e todas ás ordens do general Frederico Lecór."

Sob numero 5 figurava o officio de 1.º de julho, onde se lêm estas observações: „E' de grande utilidade não esquecer a doutrina aceita por todos os publicistas, que quando uma nação depois de haver destruido seu governo se divide em fracções — seu estado é de uma verdadeira dissolução. Deixa de existir a nação, desapparecem os vinculos sociaes, para dar logar a individuos abandonados e sem freio a todo o furor de suas paixões." Terminou essas observações dizendo que só havia dois caminhos para evitar que as Provincias Unidas caíssem no abysmo da anarchia — „O Rei de Portugal com suas amigaveis disposições ou S. M. C., com regresso ao estado de colonia."

O documento de numero 6 era a carta de 2 de julho a Balcarce, onde Garcia lamentava com estas palavras a situação das Provincias Unidas: „São tão tristes as noticias que recebemos successivamente desse paiz que não será de admirar que acabem com elle seus proprios filhos."

Depois de fazer referencias á entrevista que tivéra com o representante de Hespanha, no mesmo dia em que zarpava do Rio de Janeiro, rumo ao Sul, a esquadrilha lusa, e apontando o Brasil como um refugio amigo, accrescentou: „Em situação calamitosa nossos compatriotas terão sempre um asylo neste reino."

Estes antecedentes autorizam a declarar e o fazemos, em nome da verdade historica, que o Congresso reunido em Tucuman praticou uma impostura quando affirmou ignorar o destino da expedição de Lecór.

Essa impostura, entretanto, tem sido aproveitada em beneficio da Argentina e contra o Brasil, á falsa fé e, de bôo fé.

Entre os primeiros, figuram os interessados em salvar o decoro dos mandatarios argentinos e, entre os segundos, os que

por terem em conta secundaria ou desprezivel a tarefa que a heuristica exige ou por falta de bossa para a caça dos documentos de que fallava Alpheu ou por serem simples dilettantes em assumptos historicos, se satifazem com as fórmulas feitas e por isso se utilisam de dados que de momento ou fortuitamente se lhes deparam, para versar assumptos em que ainda é preciso, é indispensavel, é dever, mergulhar nas fontes primitivas e estuda-las a fundo.

Vem desse dilettantismo o escandalo de alguns brasileiros estudando as nossas relações com os platinos, se fazerem éco de ataques injustos aos nossos maiores e até de grapharem em castelhano ou á moda uzada no Prata, o nome de localidades do Brasil.

Nem a integridade de nossa toponimia, especial, unica e tão bella, respeitam!

O peior ignorante de nossa historia não é, como já tivemos occasião de dizer, o analphabeto e sim o letrado que a desconhecendo quer versa-la sem criterio historico.

Prova-se ainda a importancia do Congresso argentino pelo que esse mesmo congresso estabeleceu nas *Instrucções Reservadas* que deviam ser dadas a Miguel Irigoyen, na qualidade de enviado das Provincias Unidas junto ao general invasor.

Ali, no artigo 6.º, como uma justificação particular, do enganoso pedido de explicações daquillo que era sabido e resabido, foi dito: „Far-lhe-á ver que os povos receosos das miras que possa ter o Gabinete Portuguez sobre esta Banda, se agitam demasiado e esta agitação faz-lhes expressar o desejo de auxiliar o general Artigas, por cujo motivo o Governo destas Provincias queria provas da sinceridade e bons sentimentos daquelle Gabinete, capazes de aquietar o receio dos habitantes e sómente com este objecto de os tranquilizar envio Miguel Irigoyen junto a pessoa do general Lecór, para pedir-lhe explicações sobre as miras da expedição portugueza, para que com este véo possa cobrir o objectivo de sua missão reservada.“ [156])

---

156) Acta das sessões secretas de 4 de setembro e 27 de outubro de 1816.

Essa missão reservada era a entrega da Banda Oriental, em troca da integridade e protecção das demais provincias e até, se o exigisse o invasor, a formação por todas as Provincias platinas de um Estado distincto do Brasil, mas que reconheceria como seu monarcha a d. João VI, emquanto mantivesse sua côrte neste Continente, como se lê nas *Instrucções Reservadissimas,* approvadas pelo referido Congresso, na celebre sessão de 4 de setembro de 1816.

Ainda como prova reveladora do conhecimento e da cumplicidade do Congresso argentino, quanto á invasão luso-brasileira, existe a acta da sessão secreta de 27 de agosto de 1816, onde se lê que um deputado propoz se dissesse ao „Director que devia pedir explicações ao general portuguez, enviando o negociador indicado por Garcia", isto é: „um homem que não seja assustadiço nem daquelles que tudo querem em um abrir e fechar de olhos".

Instigações argentinas

2) *Procedimento do Congresso*

b) *Entrega da Banda Oriental*

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Procedimento do Congresso - Entrega da Banda Oriental - Comprovação desse procedimento - Interesses argentinos e interesses uruguayos - Manobras diplomaticas - A Argentina offerece indemnizações territoriaes.

Na imminencia de uma dissolução das Provincias Unidas, provocada pela anarchia, que era o terror dos que pensavam em positivar a independencia e consolida-la sob a ordem, o governo argentino via unicamente um meio de salvação e a elle recorreu resoluto: a renuncia da Banda Oriental, que era o fóco principal da rebellião [157]), deixando-a entregue á sua sorte e aos seus recursos, depois de expo-la á cobiça de quem a desejava.

Não é um exemplo na historia contemporanea, teve imitadores: premida pelas mesmas circumstancias e visando o mesmo objectivo, a Italia cedeu á França, em troco de sua unificação, os condados de Nice e Saboia, que foram encorporados ao territorio francez pelo mesmo modo por que o fôra ao brasileiro a Cisplatina.

A entrega da Banda Oriental, no segundo decennio do seculo passado, não obstante a suspicacia com que a Argentina depois tentou rehave-la, é um acto positivo e de facil compro-

---

157) „Esse fóco de anarchia que fórma e conserva Artigas, nos devorará irremediavelmente, se o não extinguirmos com presteza." (Carta de Garcia ao governo argentino.)

vação, visto que os meios de prova são os mais decisivos: documentação abundante, embora pouco divulgada; depoimentos de contemporaneos, uns favoraveis, outros contrarios áquelle acto; narrativas de historiadores qualificados.

„Em 1816 a diplomacia argentina entrou em accôrdo com a diplomacia portugueza e desse accôrdo surgiu a conquista do territorio uruguayo." [158])

„No que respeita á Banda Oriental, o governo de Buenos Aires se encontrava em perfeita e justificada liberdade.

„Essa provincia, antes argentina, se havia armado contra a Nação e se achava politica e juridicamente separada das demais em governo commum ou nacional.

„Subvertia a ordem social, incitando o alçamento voraz das massas selvagens que habitavam os mattos e os campos do litoral e tinha bandeira propria levantada contra as autoridades nacionaes residentes na capital.

„Os poderes publicos haviam declarado independente todo o territorio oriental, deixando-o entregue aos seus proprios caudilhos, com todos os direitos e com todas as responsabilidades, por consequencia, que competem a um poder extrangeiro." [159])

Artigas ameaçava o governo argentino e este „se achava desarmado e completamente impotente para conter as brutaes aspirações deste inimigo foraneo.

„Portugal podia, pois, se quizesse, agora, apossar-se da Banda Oriental, que estava ao alcance de seu braço.

„Deste lado do Prata ninguem o podia impedir e nenhum interesse mais urgente existia que o de tirar as garras que um barbaro, sem juizo nem coração, tinha cravadas nas costas do paiz culto, para assim poder empregar em defesa de sua independencia os ultimos recursos que ainda lhe restavam disponiveis." [160])

Estudando o inicio da negociação Garcia disse o autor

---

158) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 23.
159) Vicente Fidel Lopez, *Historia*, cit. VI, 72.
160) Idem, idem, 73.

recem citado: „A importancia destas indicações toma um caracter mais preciso, quando o commissionado indica claramente que a base essencial do pacto que deve unir o Governo Argentino ao Governo Portuguez — é a de não fazer causa commum com Artigas, nem questionar-se a possessão e propriedade da Banda Oriental."

Dois formidaveis inimigos ameaçavam a independencia e a integridade das Provincias Unidas do Rio da Prata: a Hespanha com a persistencia de conservar seu jugo colonial e Artigas com seu federalismo *sui generis,* disseminando a anarchia.

Contra esses inimigos o governo argentino procureu alliança e protecção no Rio de Janeiro, onde existiam meios propicios ao seu objectivo e por isso Portugal, como observa Fidel Lopez, podia em troca de seu auxilio, apossar-se do territorio que lhe convinha.

E' ainda do mesmo autor esta explicação do pensamento de Garcia quando procurava precaver-se contra aquelles inimigos, pensamento esse que tem sido deturpado: „O commissionado entendia que o governo argentino devia resignar-se á separação definitiva do territorio oriental, não só porque não podia mais recupera-lo, como tambem porque em nenhum caso — nem ainda podendo — lhe convinha empenhar-se em uma absorpção contraria á sua prosperidade futura e á solidez de sua ordem interna." [161])

Consoante com esses pontos de vista a Assembléa de Tucuman approvou, em 4 de setembro de 1816, as *Instrucções Reservadas,* nas quaes estabelecia, de inicio: „A base geral de toda negociação, será a liberdade e independencia das Provincias representadas no Congresso, que este publicou solennemente e aquellas juraram defender a todo custo."

A Banda Oriental não estava representada nesse congresso, porque Artigas substituira os principios politicos estabelecidos nas Instrucções de 24 de outubro de 1812, para eleição de deputados, pelo seu dedo de mandão autoritario, indicando imperiosamente os seus representantes, que foram, por isso, recusados naquelle cenaculo, onde se apresentaram sem diploma legal.

---

[161]) Idem, 135.

Commentando aquelle dispositivo das *Instrucções Reservadas*, disse Fidel Lopez em 1887: „Esse procedimento demonstra claramente que o Congresso abandonava a Banda Oriental á sua propria sorte, na contenda de Artigas com Portugal." [162])

Quarenta annos depois escreveu o dr. Alberto Palomeque sobre o mesmo assumpto: „Era uma judiciosa e politica declaração, em presença dos factos desenrolados, posto que só se referisse ás Provincias representadas no Congresso, onde brilhava por sua ausencia a Banda Oriental.

„Parecia calculada esta manifestação para impedir que o invasor levasse suas hostes além do Uruguay e se apoderasse de todo o seu litoral até attingir as aguas do Paraná." [163])

Ainda nas referidas *Instrucções Reservadas* se lê este artigo que evidencia a despreoccupação pelos destinos da Banda Oriental, por ser territorio separado das Provincias Unidas, para só mostrar interesse pela parte integrante destas, que deviam ficar defesas á posse dos invasores: „Far-lhe-á entender que se o objectivo do Gabinete Portuguez é sómente reduzir á ordem a Banda Oriental, de nenhuma maneira poderá se apoderar de Entre Rios, por ser este pertencente á Provincia de Buenos Aires, que até agora não o renunciou nem o cedeu áquella Banda."

„O exposto nestas instrucções, commenta o dr. Alberto Palomeque, prova exhuberantemente que o Congresso estava em tudo de accôrdo com o pensamento de Garcia de deixar os orientaes entregues aos seus unicos esforços." [164])

E' do mesmo historiador este julgamento, depois de declarar que a invasão estava consumada na Banda Oriental: „Seus abnegados defensores lutariam *pro domo sua*, o Director e o Congresso se preoccupariam sómente em impedir que aquelle se estendesse á Banda Occidental." [165])

São ainda do illustre commentador das *Actas Secretas do Congresso Geral Constituinte*, estes juizos incisivos, ao criticar

---

[162]) Idem, 358.

[163]) *Critica, cit.* XII, 232.

[164]) Idem, XIII, 101.

[165]) Idem, XV, 311.

a affectação do Congresso sobre o verdadeiro objectivo da expedição luso-brasileira: „Muito candido se mostra o Congresso, especialmente quanto á invasão, pois ninguem melhor do que elle conhecia as causas productoras desse phenomeno politico.

„A invasão havia sido impellida por Garcia, segundo se verifica de suas epistolas lidas no Congresso, com o duplo proposito de concluir com Artigas e entregar a Banda Oriental ao portuguez, que respeitaria a Occidental, como succedeu." [166])

„Decidido o Governo portenho — emanação monarchica do Congresso de Tucuman — a terminar com Artigas e não o podendo fazer só, pactua com o Brasil a entrega da Banda Oriental." [167])

E' opportuna aqui a transcripção deste depoimento de Bauzá: „Alvarez Tomas offereceu a Artigas a independencia da Banda Oriental em 1814, com o plano de exclui-la do consorcio das Provincias Unidas e entrega-la aos portuguezes, em pagamento da cooperação destes para assegurar a monarchia no Rio da Prata e com esse objectivo mandou ao Rio de Janeiro o famoso diplomata argentino Manuel José Garcia." [168])

O autor transcripto era filho do coronel Rufino Bauzá que, em 1817, acompanhado pelos Oribes e outros distinguidos officiaes, abandonou, acompanhado do batalhão de Libertos, as hostes artiguenhas, entregando-se a Lecór, que os mandou transportar para Buenos Aires, onde se apresentaram a Pueyrredon, aquem o referido coronel Bauzá declarou, em carta, haver abandonado as fileiras orientaes porque se convencêra que „a causa pessoal de Artigas não era a da Patria".

Manuel Oribe teve esta phrase amarga e prophetica para justificar aquelle seu acto: „Não quero servir ás ordens de um tyranno que, vencedor, reduzirá o paiz á barbarie e, vencido, o abandonará."

Assim aconteceu e desse modo o famoso caudilho, como pondera Bauzá, demonstrou ser inferior á radical attitude que

166) Idem, XVII, 84.

167)) Alberto Zum Felde, *Proceso Histórico del Uruguay*, 82. Montevidéo, 1919.

168) Francisco Bauzá, *História de la Dominación Española en el Uruguay*, III, 565.

proclamára e que só admittia a victoria ou a morte, visto que não soube vencer nem morrer na contenda." [169])

E desse modo, os 30 annos de uma vida de renuncia ao passado, curtida no isolamento paraguayo, a principio, em Mercedes, como anachoreta forçado e por isto sem direito a um logar naquelle céo planetario, que Dante descreve sob Saturno; depois, em Curuguati, como prisioneiro, vivendo de parca pensão e na indigencia, quando o soccorro lhe foi retirado; e, por ultimo, em Ibiray, em liberdade, mas em verdadeira penuria, attenuada por esmolas colhidas nas tristes peregrinações de Ansina — aquelle negro de alma grande, fiel e dedicado e o unico a chorar-lhe a morte no exilio: confirmaram a predicção terrivel de Oribe, que foi um grande conhecedor dos homens de seu tempo e por isso, poude sempre contraminar os planos dos caudilhos mais alarifes, dos quaes é typo classico Fructuoso Rivera.

Pareceu-nos conveniente, ao terminarmos esta accidental referencia a Artigas, chamarmos a attenção do leitor para o *artiguismo brasileiro,* que desavisadamente vem sendo tolerado entre nós, ao ponto de encontrar guarida em publicações officiaes, não obstante ser uma offensa, um mal, um crime — com toda as aggravantes do *lopismo indigena,* porque, como este, detrae nosso passado, falseando a historia, para cobrir-nos de baldões.

Depois de consumada a invasão e da entrada de Lecór em Montevidéo, sob os applausos e as preces da população, onze mezes depois disso, o Congresso, ainda consequente com as Instrucções de 4 de setembro do anno anterior, approvava os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812.

Nesses artigos predomina a idéa de resguardar sómente da invasão e consequente posse, o territorio da margem occidental do Uruguay, como já ficou demonstrado quando tratámos desse assumpto.

Os entendimentos do Governo argentino com Artigas e as explosivas attitudes de Pueyrredon, quando os delegados de Barreiro firmaram a celebre acta de reincorporação da Banda Ori-

169) Obra cit. Appendice critico do III vol.

ental, que Artigas depois desautorizou com grande escandalo, causaram serios desgostos a Garcia que com a sinceridade e a dialectica que lhe eram peculiares, reprovou aquelles procedimentos, em nota ao proprio Pueyrredon, dizendo-lhe: „Deviam ter pensado que a doutrina do tudo ou nada, póde ser excusavel ou admissivel em um individuo, que póde, se quizer, jogar sua fortuna no lance de um lado, porêm um governo, encarregado da sorte dos povos, não terá desculpa se envidar em um naipe ou em um dado, a vida, a liberdade de seus concidadãos e a existencia do Estado.

„Tenho tomado todas as garantias para os interesses estrictamente argentinos.

„Quanto aos interesses orientaes, não ignoro que podem haver aqui segundas intenções, mas ahi se deve ter presente:

„1.º — que o governo argentino se declarou, por lei do anno de 1814, separado e alheio a elles;

„2.º — que esses interesses não estão em nossas mãos e sim nas do caudilho barbaro que ali impera e que é um inimigo nacional intransigente, do que devem agora ahi ter o mais completo e vergonhoso testemunho;

„3.º — finalmente, que passadas as condições angustiosas do presente, teremos tempo para tratar diplomaticamente esta questão ou toma-la em outro sentido: o que promette deixar salvo aqui."

Em 1818, quando a phantastica expedição dos *20.000 de Cádiz* apavorava o governo e o congresso argentinos, este ultimo poder approvou Instrucções que foram enviadas a Garcia no Rio de Janeiro, para conseguir alliança do Brasil contra Hespanha.

Nessas instrucções se lê: „Afiançadas então do modo mais firme as nossas relações amigaveis, quasi identificados os interesses reciprocos de um e outro Estado, disfructará o Brasil vantagens commerciaes nos direitos de entrada e saída deste porto; conceder-se-lhe-ão indemnisações territoriaes e se ajustarão amigavelmente os limites de um e outro Estado em termos vantajosos para S. M. F."

Dizia-se isto em outubro de 1818, depois da declaração de Villanova Portugal de que a occupação da Banda Oriental tinha o caracter provisorio.

Esta declaração, é verdade, como já ficou consignado, era um simples palliativo, um véo sobre as verdadeiras intenções, um disfarce perante a Santa Alliança, era, emfim, como disse Garcia — para as circumstancias do momento.

E porque assim era, lá estava escripto, em a mesma nota em que ella se fazia, que Pueyrredon „tinha a gloria de haver conhecido melhor que outros muitos homens de Estado, as verdadeiras intenções de S. M. F."

A Santa Alliança, porêm, ouvindo reclamações fundadas da Hespanha a respeito da invasão da Banda Oriental e da necessidade da submissão de suas colonias na America, interviéra. Era, pois, necessario, agir com habilidade, para contrariar com proveito, as reclamações hespanholas, e d'ahi esta outra declaração de Villanova Portugal, na mencionada nota: „O respeito com que S. M. deve tratar a potencia, tão respeitaveis o fez suspender — notae bem, *suspender* — qualquer outro passo politico, por mais interessante que elle fosse, para não dar o mais leve motivo a dissabores que venham prejudicar o fim principal da pacificação que S. M. sobretudo deseja."

Em reconhecimento dessas declarações, que desviavam um formidavel golpe da Hespanha contra a independencia das Provincias Unidas e de accôrdo com as combinações anteriores, o congresso argentino offerecia a Portugal em troca de sua alliança effectiva, indemnisações territoriaes e ajuste de limites em condições vantajosas para S. M. F.

Era a confirmação do anteriormente pactuado, era a Entrega da Banda Oriental, que a Argentina por meio de seus representantes promettia.

Essa entrega, se não foi feita ostensivamente com o auxilio material das tropas argentinas, queimando escorvas hombro a hombro com as nossas, foi, entretanto, preparada pelas armas das Provincias Unidas, na expedição de Diaz Velez, auxiliada com o aliciamento para o abandono das fileiras artiguenhas

pelos seus chefes mais representativos e pelas suas melhores tropas, como aconteceu com Bauzá e os Oribes, occurrencia essa em que o Director Supremo teve papel saliente; e, finalmente, permittida pelo encolhimento, em face da invasão, pelo contentamento mordaz com que Pueyrredon assistia e proclamava intimamente as derrotas de Artigas e pelo indifferentismo com que viam os orientaes se fazerem matar, em verdadeiro fetichismo pelo maioral ou se submetterem ao invasor, cansados de correrias, vencidos pelos martyrios, desenganados do idolo, sedentes de liberdade, impellidos pelo instincto de conservação, que nas sociedades incipientes póde mais que as ideologias.

Instigações argentinas

2) Procedimento do Congresso

c) Entendimentos com Artigas e Lecór

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Procedimento do Congresso - Entendimentos com Artigas e Lecór ao mesmo tempo - Provas desse procedimento.

Onde mais alto se manifesta o estonteamento do congresso argentino e do Director Supremo, ou a falta de sinceridade e de nobreza, porque deixa de ser ardil para se revestir do caracter de fé punica — é no entendimento, ao mesmo tempo e em sentido contrario, com Artigas e com Lecór.

Em maio de 1816 o congresso reunido em Tucuman declarava a Balcarce, então no alto cargo de Director Supremo, e este communicava a Garcia, no Rio de Janeiro, que os vinculos que as Provincias Unidas pudessem estreitar com o Brasil, seriam o melhor asylo que poderiam ter em seus conflictos. Em junho do mesmo anno, entretanto, enviava um de seus memros, o illustre dr. Miguel Corro, ao acampamento de Purificación, afim de ahi solicitar de Artigas e „das Provincias que se achavam sob seu mando e direcção que, com a brevidade possivel, concorressem, com os irmãos que aspiravam o mesmo fim, a cimentar por sua parte a grande obra da nossa independencia e liberdade, ajudando com suas luzes a eleição de um systema geral e da constituição que nos ha de reger".

Em resposta a um officio de Pueyrredon, de agosto de 1816, resolveu o Congresso, em sessão secreta de 28 do mesmo mez, dar ao Director Supremo instrucções para agir, recommendando-lhe quatro pontos capitaes, que deviam ser rigorosamente observados.

O terceiro estava assim expresso: „Tome todas as precauções que indica Garcia, em sua correspondencia e, sob toda a segurança, remetta os documentos de que falla o citado Gar-

cia, em suas cartas ao brigadeiro Balcarce, de 9 de junho, 4 de maio, com os antecedentes pedidos em officio de 25 de julho."

A quarta recommendação era esta: „Solicite a união do general Artigas, inspirando-lhe confiança e dando-lhe os auxilios possiveis, sem expor a segurança desta Banda e procedendo na parte relativa a este ponto sem aventurar nem comprometter o exito da negociação."

A negociação aqui referida era a que estava a cargo de Garcia. Para não comprometter seu exito, fôra declarado ao enviado argentino no Rio de Janeiro que a invasão podia ser feita „sem temor nem preoccupação alguma", porque „quaesquer que fossem os aparatos de desgosto que fizesse o governo de Buenos Aires, jamais faria causa commum com Artigas, desde que o general invasor tivesse ordem para não permittir desembarque de tropas hespanholas nos portos ou territorios platinos". „Essa ordem, lá estava nas Instrucções dadas a Lecór. Além da declaração citada, o Congresso estabelecêra nas *Instrucções Reservadas,* de 4 de setembro, que se o general portuguez reclamasse contra os soccorros dados a Artigas pelo governo argentino, se lhe dissesse que isso fôra feito para não excitar as desconfianças dos povos e evitar que estes entrassem em convulsão geral frustrando „os objectos de ambos os Governos, de pôrem em paz estas Provincias e fixarem as bases de sua eterna felicidade, estreitando as relações de um e outro Estado e identificando seus interesses do modo mais conforme ás suas circumstancias".

Cumprindo a primeira parte da quarta recommendação, Pueyrredon entrou em entendimento com Miguel Barreiro, representante de Artigas em Montevidéo, offerecendo-lhe auxilios em homens e em armas e munições, em troca da submissão ao Directorio.

Barreiro aceitou o offerecimento e enviou tres dos mais illustres e acatados dos orientaes presentes na capital, os quaes assignaram, em nome dos uruguayos, a reencorporação da Banda Oriental ás Provincias Unidas, o que foi, logo depois, com grande escandalo, desapprovado por Artigas, com invectivas terriveis ao governo argentino, como será mencionado quando estudarmos as attitudes de Pueyrredon.

Instigações argentinas

2) *Procedimento do Congresso*

d) Imposturas

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Procedimento do Congresso - Imposturas - Risum teneatis? - Jogando com pau de dois bicos.

O primeiro passo em falso dos poderes legislativo e executivo argentinos, no terreno escorregadio e emmaranhado da politica exterior, em busca de um poder extranho, contra a anarchia que se alastrava pelas provincias, ameaçando o desmembramento destas, havia de conduzi-los, como os conduziu, a artimanhas, a deslizes, em procura de uma saída, em cata de um abrigo, para desviarem um golpe, para não serem colhidos por uma tempestade fatal — e d'ahi a pratica de imposturas, sobresaíndo entre estas o embaimento do povo, com o fingimento de attitudes hostis em face da invasão luso-brasileira, attitudes essas que são, hoje, á luz dos documentos, de um comico lamentavel. Existem, entretanto, escriptores que as tomam a serio e as proclamam como gestos heroicos e de elevado patriotismo e por isso, quando se os lê, não se póde deixar de pensar naquella expressão de Horacio em o v. 5 de sua *Arte Poetica,* depois de traçar o perfil de um monstro grotesco, que elle compara a um máu poeta e que, neste caso, são os historiadores máus ou ingenuos.

Quando, em agosto de 1816, a vanguarda de Lecór occupou o forte de Santa Thereza, o coronel Manuel Dorrego, que sabía, por uma confidencia de Tagle, do verdadeiro fim da ex-

pedição, incitou o povo, auxiliado por outros agitadores, entre elles o jornalista Vicente Paso Silva, a repellir a invasão e denunciou a conivencia do governo. Este, indignado, tomou uma medida radical e violenta — deportou os agitadores.

O Congresso, então, tomou o expediente de embair o povo em exaltação. Realiza, para isso, sessões secretas e depois de longas discussões resolve, em 4 de setembro, officiar ao Director Supremo dizendo que „já não duvidava da saída de uma expedição portugueza com destino ás aguas do Rio da Prata e que, sendo ignorado o objectivo dessa expedição, era necessario que o ministro da guerra, coronel Florencio Terrada, fosse ao encontro do general invasor e lhe reclamasse o cumprimento do Armisticio de 26 de maio de 1812, pedindo ao mesmo tempo explicações sobre o objectivo da expedição."

Este acto do Congresso era de pura mystificação e por isso foi determinado, com o fim de „acalmar os alarmes que pareciam assomar, por parecer que se estava em negociação com o Brasil", segundo os termos da acta secreta, que tivesse publicidade e logo depois era estampado no *Redactor del Congresso Nacional.*

Nas *Instrucções Reservadissimas,* entretanto, informava-se, ao mesmo tempo, o general Lecór que o pedido de explicações era exclusivamente para tranquilizar os povos alarmados pelos inimigos do governo e tambem „para que com este véo pudesse o enviado cobrir o objectivo de sua missão reservada".

Além disso, Garcia já havia declarado no Rio de Janeiro que não deviam ser tomados em consideração os aparatos — foi este o termo empregado — de desgosto que manifestasse o governo de Buenos Aires, como já ficou mencionado.

Em janeiro de 1817 o Congresso commissionou tres de seus membros para um entendimento directo com o Director Supremo, attendendo a solicitações de enviado argentino no Rio de Janeiro.

Nas instrucções dadas aos seus representantes, com data de 8 daquelle mez, recommendava, para acalmar o povo contra a invasão portugueza, que o Director devia „empenhar todo seu zelo, efficaz intelligencia e os melhores esforços de sua illustra-

ção e patriotismo, com o fim de rectificar a opinião publica naquella parte, fazendo presente:

„1.º — os immensos males em que se veria o paiz envolto por um rompimento prematuro;

2.º — a necessidade de ser tomado tempo para que a guerra pudesse ser sustentada com dignidade e successo;

3.º — a absoluta impossibilidade de auxiliar, por falta de tropas disponiveis, á Provincia Oriental de modo efficaz para rechassar a aggressão."

Era essa a face que os janos de Tucuman mostravam aos seus compatriotas em sobresalto, por intermedio do protheu que em Buenos Aires dirigia os destinos do paiz.

Perante o invasor e na côrte do Rio de Janeiro apresentavam a outra, atravez desta recommendação a Pueyrredon, pessoa qualificada para isso: Devia continuar a negociação secreta na côrte do Brasil" [170]), devendo a conducta nesse negocio ser regulada pelas *Instrucções Reservadas e Reservadissimas,* de 4 de setembro de 1816, no que não estivessem em contrario com o disposto nas que eram agora expedidas e cujos pontos capitaes eram estes:

„Reconhecimento solenne da independencia politica das Provincias Unidas da America do Sul, attendo-se a que, se razões particulares impedissem fosse antecipado o reconhecimento publico da independencia, devia o delegado argentino se esforçar para conseguir, ao menos, uma promessa secreta, garantida pela Inglaterra ou America do Norte, de que fosse aquillo verificado logo que se concluissem os negocios."

Exigia-se tambem garantia por escripto de que „o governo do Brasil não cooperaria nem auxiliaria directa ou indirectamente ao de Hespanha para a subjugação destas Provincias." [171])

Estabeleciam ainda as instrucções referidas que devia ser pedido explicações precisas dos fins da invasão.

Referindo-se a este ponto diz o dr. Alberto Palomeque, ironicamente, que havia muita candidez da parte do Congresso,

---

170) Instrucções de 11 de agosto de 1817.

171) Instrucções supra citadas.

„pois que ninguem melhor do que elle conhecia as causas productoras deste phenomeno politico.“ [172])

O que houve na realidade foi um engano: usaram nas relações exteriores a cara destinada a ser exhibida quando tratavam da politica interna. Foi um simples engano dessa natureza, que o paragrapho seguinte põe em evidencia, desculpando a publicação das reclamações feitas pelo Director Supremo ao general Lecór, dizendo que Pueyrredon a isso fôra obrigado „para aquietar o alarme geral que já causava a approximação das tropas portuguezas e satisfazer o clamor publico“.

Quando em meados de 1817 foi divulgado em Buenos Aires, com os effeitos de uma bomba que de subito explodisse, o famoso *Libello de Baltimore,* assignado por Pedro Agrelo, Manuel Moreno e Vicente Paso, o Director Supremo enviou, em 25 de agosto, um exemplar ao Congresso e pediu providencias sobre os pesados insultos dos libellistas.

O Congresso fôra contrario ao desterro destes. Sua desapprovação, entretanto, não passára de mero acto nominal, inocuo, visto ter sido manifestada reservadamente a Pueyrredon, como simples modo de ver o assumpto e não como resolução publica e valiosa contra a expatriação.

O Congresso devolveu o libello ao „Director Supremo do Estado para que o remettesse á Junta Protectora da Liberdade da Imprensa, com vistas ao Ministerio Fiscal.“

Importou isto, pondera o dr. Alberto Palomeque, „em declarar ao Director que sendo elle o unico autor do facto, nada tinha que fazer o Congresso sobre o assumpto e que se o mesmo Director se considerava offendido, que accusasse como qualquer particular ante a justiça ordinaria.“ [173])

Tudo isso, entretanto, foi feito em caracter reservado e ficou occulto ao povo, que continuou sendo mystificado.

Na sessão secreta de 30 de setembro, em que foi tomada essa resolução, ficou tambem assentado que se nomeasse uma commissão para que, em vista „dos documentos relativos á invasão portugueza e sem comprometter o sigillo das relações

---

172) *Critica*, cit. XVII, 84.

173) Idem, XV, 241.

exteriores neste ponto, fizesse um Manifesto aos povos, annulando as accusações de Moreno, Agrelo e Paso".

O illustrado historiador argentino coronel Juan Beverina estudando as determinações do Congresso de Tucuman ao Director Supremo, relativamente á invasão luso- brasileira, diz que a tarefa a ser desempenhada pelo poder executivo se revestia deste duplo caracter: *preparação militar do paiz,* como medida preventiva, para salvaguardar os direitos e os interesses das Provincias Unidas e a *acção diplomatica,* que sería o primeiro passo executivo, se a temida invasão chegasse a se produzir, violando os termos do armisticio illimitado, celebrado em 26 de maio de 1812." [174])

Havia effectivamente um duplo caracter nas determinações do Congresso, mas essa dualidade foi assim executada: *preparação do ambiente nacional,* como medida preventiva, pelo embaimento do povo, para evitar que este se revoltasse contra a invasão preparada no Rio de Janeiro e que ía salvaguardar os direitos e os interesses das Provincias Unidas, mantendo-lhes a integridade e *acção diplomatica,* com o primeiro passo executivo do accôrdo com a almejada invasão, traduzido na entrega da Banda Oriental, que se collocára, com sua rebeldia e pelo arvoramento de bandeira propria, fóra das garantias do armisticio illimitado, celebrado em 26 de maio de 1812.

Fôra isso que determinára o Congresso. Foi isso o que o Director Supremo executou. E' isso o que os factos attestam e positivam.

Para desfazer a illusão que alimenta o historiador recem citado, quanto á sinceridade e as verdadeiras intenções do Congresso nas recommendações publicas ao Director Supremo e dos gestos ostensivos deste, em face da invasão luso-brasileira, vamos transcrever sobre o assumpto o juizo imparcial e fundamentado do illustre general Mitre: „O povo adivinhou que a inercia do governo de Buenos Aires ante a proxima invasão portugueza, que então se annunciou (junho de 1816), importava em uma cumplicidade com ella. Havia inercia effectivamente, posto que, como já se viu, estava o governo perfeita-

174) Obra cit. I, 34.

mente imposto desde 1815 das miras do governo do Brasil e não ignorava que as tropas portuguezas marchavão a occupar Montevidéo, sem que até então houvesse demonstrado pensar si quer em se prevenir contra qualquer emergencia ou ao menos para garantir a integridade territorial do povo argentino."

Commentando, em seguida, a espalhafatosa proclamação do governo portenho, de 8 de julho de 1816, que terminava com este brado alarmante e convocativo dos patriotas, „A Patria está em perigo, salvemo-la!", accrescentou o eminente estadista, philosopho e historiador supracitado: „Comparando-se esta ambigua manifestação com os conhecimentos exactos que o governo tinha desde o anno anterior, se vê claramente que era um papel que representava e não um dever sério que se preparava para cumprir." [175])

Estudando os actos dos mandatarios argentinos, atravez das Actas Secretas do Congresso Geral Constituinte de 1816, teceu o dr. Alberto Palomeque este commentario: „Quem lê tudo isto pergunta a si mesmo se o Congresso usava de ironia ao pedir explicação de um acontecimento eloquente, que conhecia em todos os seus menores detalhes ou se realmente ignorava o que constava de suas proprias actas e toda a documentação enviada pelos governantes a tão alta corporação do Estado. Parecia ignorar que a invasão fôra para concluir com o poder do caudilho Artigas e perpetuar-se na conquista da Banda Oriental." [176])

Nem ironia nem ignorancia do que constava das actas e da correspondencia, representa aquelle acto do Congresso e sim, simplesmente uma impostura, como já ficou dito.

Era preciso acalmar o povo, para não comprometter a continuidade do governo, ameaçada por meia duzia de agitadores e era necessario dar explicações ao invasor, chamado com instancia, para não perder sua protecção, que importava em evitar a dissolução geral que era, effectivamente, naquelle momento, o maior de todos os males — e d'ahi aquelle passo esconso de quem furta ou atraiçôa.

---

[175]) *Historia de Belgrano*, cit. III, 192.

[176]) *Critica*, cit. XII, 325.

Neste particular, no embaímento do povo, a maioria da elite argentina procedia com segurança e perfeito conhecimento da psychologia das multidões.

Não se arreceou, por isso, de ludibriar a massa popular. Conhecia sua volubilidade. Não temeu, por consequencia, as suas iras nem seus ataques, quando tudo fosse esclarecido. Chegou mesmo a uma provocação quando, em seguida a entrada dos invasores, mais recrudesceram as objurgatorias dos agitadores, deportando estes.

Foi um acto audacioso e de energia, cujos effeitos e repercussão atemorizou o povo e o fez encolher-se, com precaução, desconcertado e, por falta de agitadores, amainou e se submetteu.

Foi um acto, aquelle, de quem tinha, no momento, a comprehensão perfeita da verdade muitos annos depois proclamada por Gustavo Le Bon, na *Psychologia das Revoluções,* sobre o valor de um pequeno grupo actuando e dirigindo as assembléas revolucionarias.

Aquillo que parecia uma questão patriotica, de vida ou morte, para a turba em alvoroço ou para quem quizesse julgar os acontecimentos apenas pelas manifestações da massa popular, passou a ser uma simples questão politica, de transigencia.

Instigações argentinas

3) Attitudes de Pueyrredon

a) Conhecimento da negociação Garcia no Rio de Janeiro
b) Tramas com os uruguayos á revelia de Artigas
c) Pro e contra Artigas
d) Gestos thetraes e imposturas

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Attitudes de Pueyrredon - Conhecimento da negociação Garcia no Rio de Janeiro - Missão diplomatica do padre Gregorio Funes em Santa Fé - Governo e Congresso scientes da invasão portugueza - O perigo que temiam os platinos - A inexistencia desse perigo - Os 20 000 de Cadiz - Fogos fatuos.

O procedimento do Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata, no momento em que se realisava a invasão luso-brasileira, correspondeu perfeitamente aos intentos do Congresso argentino.

Podiam, pois, as attitudes do detentor do poder executivo, ter sido estudadas juntamente com as do legislativo e sob os mesmos aspectos.

Preferimos, porêm, examina-las em separado, embora repisando factos, para melhor evidenciarmos que os gestos do farfalhoso argentino não têm o cunho que se lhe attribue.

Queremos tambem deixar demonstrado que se afastam da verdade aquelles que exaltam Pueyrredon pelos seus actos publicos affectando defesa dos uruguayos, e, ao mesmo tempo, atacam os nossos maiores, pela persistencia na invasão da Banda Oriental, com despreso dos protestos ostensivos do futuro solitario de Santo Izidro.

a) Conhecimento da negociação Garcia

O que ficou registado ao examinarmos o procedimento do Congresso com relação a este ponto, bem evidenciado deixou que tanto o legislativo como o executivo argentinos estavam plenamente informados e de inteiro accôrdo com as negociações de Garcia no Rio de Janeiro.

Pueyrredon não podia desconhecer a correspondencia do enviado argentino junto ao governo portuguez desde o anno de 1815. Meditára, sem duvida, sobre os documentos examinados pelo Congresso em sessão secreta de 23 de julho de 1816. Fôra elle quem, depois de ler e reler, enviára para Tucuman, com seu officio, sem menção de dia, mas referente ao mez de agosto, seis documentos relativos á missão Garcia, examinados pelo Congresso, tambem em sessão secreta, a 25 desse mesmo mez.

Nesses documentos Garcia demonstrava, formalmente, a inexistencia do unico perigo que os argentinos temiam relativamente á invasão portugueza: que esta se produzisse de combinação com Hespanha.

Sobre esse assumpto reaffirmou [177]) o enviado argentino em um daquelles documentos, a nota de 25 de junho, que nada se devia temer da expedição de Lecór com relação ás provincias occidentaes, visto que o objectivo da invasão era o já anteriormente mencionado e, noticiando a partida da esquadrilha portugueza adeantou: „Seu destino é as costas de Maldonado e Montevidéo."

No officio de 2 de julho, que figurava entre os documentos enviados ao Congresso por Pueyrredon, Garcia, depois de referir a entrevista que tivéra com o ministro hespanhol no Rio de Janeiro e apontando o Brasil como um refugio, disse: „Em situação calamitosa os nossos compatriotas terão sempre um

---

177) Empregamos o verbo *reaffirmar* porque o enviado argentino disséra em seu officio de 4 de maio anterior: „Nada ha que temer agora deste Gabinete, estando, quiça, em nossas mãos termos muito que esperar.

„Tenho motivos fortes para o dizer."

asylo neste reino." E para melhor positivar suas affirmativas accrescentou, nesse mesmo officio: „E' mui digna de louvores a conducta generosa que tem S. M. comnosco e devemos ser-lhe reconhecidos e bem assim aos seus ministros.

Este escorso, reavivando o conhecimento em que se achava o governo argentino das negociações do Rio de Janeiro e da certeza que tinha da invasão luso-brasileira, foi feito para que o leitor melhor possa ajuizar sobre o procedimento de Pueyrredon, procurando attrahir as provincias alçadas contra o Directorio.

Entre essas provincias figurava Santa Fé.

Com o fim de conseguir uma reconciliação Pueyrredon enviou o padre Gregorio Funes em missão especial junto a Mariano Vera.

Nas instrucções dadas ao illustre sacerdote cordobez e que têm a data de 26 de agosto de 1816, se lêm estes periodos, reveladores da falta de sinceridade do governante argentino: „Necessitamos uma prompta conciliação e por isso insisto nos mesmos principios da missão anterior confiada ao dr. Alejo Castex, accrescentando a elles novos e mais poderosos motivos, com os recentes conhecimentos das vistas e planos hostís da nação limitrophe.

„Estou informado de que seu projecto é occupar a margem oriental do Rio da Prata, por cessão e convenio dos hespanhoes, que por sua vez deverão ser auxiliados para submetter ao antigo jugo estas provincias.

„Um perigo deste tamanho, me faz superior a todas as differenças com o chefe dos orientaes para enviar-lhe, independente de solicitação, e ao Cabildo de Montevidéo, em virtude de pedido, auxilios em animaes e arreiamentos e bem assim polvora, fuzis, artilharia, offerecendo-lhes, sem reserva, todos os recursos que estejam ao meu alcance proporcionar-lhes."

Pueyrredon estava, entretanto, positivamente informado de que não havia, em absoluto, harmonia entre Portugal e Hespanha para a entrada das tropas lusas na Banda Oriental;

que a occupação deste territorio era feita á revelia e contra os interesses do gabinete de Madrid e de pleno accôrdo com o governo das Provincias Unidas.

Pelos entendimentos então existentes entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, sabia-se na capital brasileira que não haveria alliança entre Artigas e as Provincias Unidas e certeza havia na da Argentina que as tropas lusas se opporiam ao desembarque de forças castelhanas em Montevidéo.

Os maiores e os mais temiveis inimigos da independencia e integridade daquellas provincias eram, no momento, a Hespanha e Artígas.

Havia, pois, necessidade de precaver-se contra elles: fechando os portos da Banda Oriental á fallada expedição hespanhola e expulsando Artigas do territorio que elle tinha sob seu dominio. Visando isso, o enviado argentino declarára ao governo portuguez que a invasão podia ser feita „sem temor nem preoccupação alguma, porque quaesquer que fossem os apparatos de desgosto que fizesse o governo de Buenos Aires, jámais faria causa commum com Artigas, desde que o general invasor tivesse ordem para não permittir desembarque de tropas hespanholas nos portos ou territorios da Banda Oriental."

Essa ordem fôra dada. Nas instrucções ao general Lecór, de 4 de junho de 1816, se estabelecêra: „Succedendo o caso de que o governo de Buenos Aires se offereça a ajudar V. Ex. na sua commissão com tropas ou navios, V. Ex. os recusará absolutamente e da mesma sorte não admittirá tropas de qualquer Nação que seja no territorio que fica ás suas ordens e acontecendo apresentar-se-lhes, responderá com firmeza que não o permitte sem ordem expressa de sua côrte."

Posteriormente foram mais explicitas essas recommendações, isto é: foram reiteradas visando expressamente a Hespanha. Não traziam mais aquella expressão generica — qualquer Nação — e sim esta: „V. Ex. não permittirá que força alguma hespanhola desembarque em Maldonado ou em Montevidéo e se alguma ou algumas se apresentem dir-lhes-á que somos protectores daquellas praças e de seus territorios."

Quanto ás relações com as Provincias Unidas estava recommendado nas citadas Instrucções de 4 de junho: „V. Ex. conservará com o governo de Buenos Aires a mais estricta

neutralidade, não se misturando de forma alguma com os seus negocios internos e no caso de lhe ser pedida alguma explicação sobre o objecto de sua commissão, fará entender que não ha de passar á outra margem do Rio da Prata, fazendo, porêm, todas as explicações com reserva e delicadeza."

E' de crer que o padre Funes tivesse conhecimento de tudo isso. Admittido, porêm, que o ignorasse, não desconhecia, entretanto, como deputado, que a invasão portugueza se realizava de accôrdo com o Congresso e com o governo que elle representava e que nada havia a temer de Hespanha.

Em 4 de maio de 1816 fez o Director Supremo esta communicação ao seu representante no Rio de Janeiro: „O governo tem dado parte ao Congresso do estado que tomam as nossas relações exteriores e de vossas communicações sobre o que se póde estabelecer nessa Côrte.

„O Congresso tem mostrado as mais favoraveis disposições a respeito e accredita que os vinculos que cheguem a estreitar estas Provincias com essa Nação serão o melhor asylo que teremos em nossos conflictos."

O eminente e talentoso padre Funes, como *leader* do Governo, não ignorava isso indubitavelmente, entretanto, reforçou a insinceridade de Pueyrredon, declarando, em acto solenne: „Acho-me na obrigação de fazer saber a VV. SS. o perfido concerto da Côrte de Portugal com a de Madrid, pelo qual, cedendo, esta, a Banda Oriental, do Rio da Prata, adquire, em recompensa, a ajuda e protecção daquella, para fazer-nos voltar ao seu jugo." [178])

Quarenta e tres dias antes dessa declaração Garcia informára ao governo argentino: „Estou autorizado a dizer que não

---

178) Acta da conferencia realizada em Santa Fé, aos 5 de outubro de 1816, entre o dr. Gregorio Funes por parte do Supremo Governo de Buenos Aires e Francisco Antonio Quintana e Estanislau Lopez, por parte do governo de Santa Fé e José Elias Galisten e dr. Pedro Aldan por parte do Cabildo da Cidade, *in El Dean Funes en la História Argentina*, segunda edição, por Mariano Vedia y Mitre.

existe nenhuma especie de tratado ou convenio nem compromisso entre Portugal e Hespanha ou outra qualquer potencia relativamente á America do Sul." [179])

Lendo isto o leitor interrogará, naturalmente: como se explica então o procedimento de Pueyrredon, vallendo-se de um perigo que não havia e cuja inexistencia ficaria provada?

A explicação reside em tres pontos capitaes.

Um delles era o segredo absoluto, de morte, com que eram feitas as negociações no Rio de Janeiro, por parte da Argentina.

Na sessão secreta do Congresso de Tucuman, de 23 de julho de 1816, os deputados argentinos prestaram o „juramento especial de guardar o mais profundo e inviolavel sigillo sobre as negociações com ós portuguezes e de que no caso de ser violado esse sigillo, averiguada a infracção e ouvido e convencido o réo em juizo summario, seria expulso do seio do Congresso com a declaração de que jamais poderia obter em sua vida commissão alguma, sendo publicado o decreto de seu castigo." [180])

Essas penas deviam attingir ao Director Supremo, aos seus ministros e ás pessoas que tivessem conhecimento do assumpto e o revelassem.

Tal era o temor de que fosse desvendado o segredo que, em 1817, quando se discutiam os artigos addicionaes ao Armisticio de 1812, foi aggravada aquella pena com 10 annos de desterro. Ao ser isso posto em votos, os deputados Masa e Zudañez apresentaram uma emenda estabelecendo a pena de morte. [181])

Um dos outros pontos era o temor de que o povo estava possuido pela annunciada expedição dos „20.000 de Cádiz", que chegou a ser uma obcessão. A isso, pois, com finura, re-

---

[179]) Nota de 23 de agosto de 1816.

[180]) Acta da sessão secreta realizada na manhã de 23 de julho de 1816.

[181]) Acta da sessão secreta de 5 de dezembro de 1817.

corria o Director Supremo, como a um toque de reunir, para a defesa commum.

O terceiro ponto, finalmente, era a perplexidade de Pueyrredon, em face da invasão portugueza e das manifestações do povo incitado contra essa invasão por alguns agitadores pertinazes e inimigos ferrenhos do governo.

E' o proprio governante argentino quem revela esse seu estado de alma, dizendo ao Congresso a impossibilidade em que se achava para cumprir as instrucções que lhe tinham sido dadas, em vista „das ultimas occurrencias da encorporação dos orientaes — referia-se ao acto logo depois desapprovado por Artigas — que haviam mudado o caracter das relações diplomaticas com a potencia portugueza; que os sentimentos publicos eram pela cessação das hostilidades ou pelas represalias; que não queria perder a fama e a reputação que gozava no paiz; que não se considerava autorizado a obrigar Martin Irigoyen a cumprir a missão que lhe fôra confiada pelas instrucções de 4 de setembro."

Tudo isso, terminou confessando, influiu „na perplexidade em que me acho".

Vicente Fidel Lopez que teve informações exactas dessas occurrencias, por intermedio de seu illustre genitor, que fazia parte do governo, e tinha effectiva e alta actuação nessa época, desenhou nestes termos um quadro nitido daquelles acontecimentos: „Os rumores da situação haviam exacerbado de tal modo o frenesi desse conjuncto anonymo e informe que nos momentos de grande agitação se move em alvoroço com o nome ficticio de povo, que o tumulto apaixonado parecia disposto a tudo contra o recente governo (de Pueyrredon), se não acudisse com animo e rapidez em defeza da immunidade do territorio uruguayo.

„Era crença geral que o exercito portuguez invadia preparando a entrada das tropas hespanholas e, na realidade, apresentava tantas duvidas e havia tanta cousa problematica a proposito de seu objectivo, que o governo de Buenos Aires, mais por prudencia e por preoccupação com os sacudimentos que podiam produzir a effervescencia dos animos entoxicados com

a idéa de que se estava fazendo uma traição á patria, do que ver como realmente hostil e perigosa a politica portugueza e suas operações militares contra Artigas — tomou uma attitude espectante, para não dizer ambigua." [182])

Pueyrredon que fôra recebido em Buenos Aires, nos ultimos dias de julho, de 1816, como um Messias, caíu logo no conceito publico, pela desillusão que causaram seus primeiros actos.

Vendo que desagradára e aturdido com a situação, resolveu-se a affectar uma attitude heroica contra os invasores e d'ahi aquella proclamação espalhafatosa que alguns historiadores se dão ao desfructo de tomar a serio e onde se lêm estes periodos: „Chamo a vossa attenção para as operações da nação limitrophe, que com mão armada penetra no territorio oriental, occultando seus futuros designios, os principios em que funda sua aggressão, a conivencia que tenha com os nossos inimigos naturaes, affectando o tom altivo de dictar a lei aos povos nossos irmãos, impondo-lhes seu jugo e occultando, talvez, a intenção de levar mais adeante suas miras, invadindo até esta capital, se a sorte e as noticias de nossas debilidades o façam conceber esperanças de exito em sua empreza."

O eminente general Mitre desfez todo esse barulho com estas seis linhas incisivas, que mais uma vez evidenciam o pleno conhecimento em que Pueyrredon estava da invasão portugueza e do objectivo desta: „O Director sabia muito bem como devia proceder com relação ás miras da politica brasilico-portugueza que, no momento pelo menos, não ía além da Banda Oriental.

„Tinha ou devia ter consciencia de que depois do resultado do Congresso de Vienna, não era possivel alliança entre Portugal e Hespanha." [183])

E para melhor positivar suas affirmativas accrescentou o historiador recemcitado: „O Brasil invadia a Banda Oriental

---

[182]) *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 195.
[183]) *História de Belgrano*, cit. III, 194, 195.

de accôrdo com o enviado argentino no Rio de Janeiro, que desde 1815 havia cooperado para isso, sem que em tempo algum fosse desautorizado pelo seu governo." [184])

Referindo-se áquella proclamação peccaminosa pelas insidias que continha, disse Fidel Lopez, com pleno conhecimento do assumpto: „Que o Supremo Director não tinha as duvidas nem os temores referidos e que a sua linguagem era calculada para produzir effeito nas ruas da capital — é cousa que cáe pelo seu proprio peso, visto que estava de tudo inteirado por Garcia que ao dar-lhe conta das operações, cujo caracter fingia ignorar, havia dito categoricamente o fim que tinham e qual o seu limite." [185])

---

184) Idem, idem, 202.

185) *Historia, supra* cit. VI, 352.

Instigações argentinas

3) Attitudes de Pueyrredon

b) Tramas com os uruguayos á revelia de Artigas

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Attitudes de Pueyrredon - Tramas com os uruguayos á revelia de Artigas - Um poderoso senhor feudal transformado em humilde pedinte - Entendimentos de Pueyrredon com uma delegação uruguaya - Um convenio sobre a encorporação da Banda Oriental ás Provincias Unidas - São queimados em praça publica, por ordem de Artigas, os exemplares desse convenio - Fructuoso Rivera nega seu mestre.

Artigas era indominavel: sua natureza dominadora, seus pendores para o despotismo, sua ambição de mando — eram contrarios á submissão, não toleravam poder algum.

Queria ser sempre o chefe, com autoridade illimitada.

A obediencia e a disciplina, tinham sobre elle o effeito de verdadeiras algemas, de pesados grilhões; eram como barreiras a limitar-lhes a acção ou quaes ferreas grades de um carcere prendendo-lhe os instinctos irrefreaveis; eram como uma tetrica visão da cella que a ironia cruel do destino reservou no convento de Mercedes, no Paraguay, para abafar seus gemidos, nos dias aziagos do occaso sombrio de seu imperio caudilhesco e sem lei.

Ahi a nostalgia se transformou em tão profunda aversão ao theatro de suas façanhas e aos homens de sua terra, que não quiz mais rever aquellas paragens e se recusou terminantemente a ouvir a voz daquella gente.

O orgulho e a bravura inexcedivel do campeador galhardo e imperioso e do gaucho livre e mandão, se transmudaram em

humildade no presente e em phobia ao seu passado e a tudo que o recordasse: de poderoso passou a pedinte e morreu como mendigo em terra extranha.

Quando simples capitão desertou das fileiras de Muesas, para se subtrahir de um castigo em consequencia de um acto de insubordinação.

Violára, com escandalo e insolentemente, o armisticio de outubro de 1811, para se collocar como senhor unico á frente dos orientaes, com o titulo de protector, que se arrogára como a evidenciar seus assomos autoritarios.

Visando o mando absoluto se fez defensor ferrenho de um systema politico, que rotulou com o nome de *federalismo*, mas que era no fundo *feudalismo* puro, visto que tudo submettia ao seu poder discricionario e independente.

Altaneiro e desconfiado, intelligente e ambicioso, orgulhoso e bravo — evitava com desdem os Directores Supremos e seus satellites e não perdia occasião de proclamar que havia de substituir aquelles por um charrua na curul directorial.

Os governantes argentinos temiam-no e não sem motivo, visto que já haviam soffrido diversos revezes nas investidas contra suas hostes.

Conhecedor de tudo isso Pueyrredon julgou mais prudente combater o famoso e temido caudilho, de modo seguro, embora desleal — á socapa, recorrendo para isso ao mimetismo de que era dotado.

O primeiro passo nesse terreno foi no sentido de um entendimento directo com Artigas, por intermedio de uma nota que lhe enviou, ao mesmo tempo que se dirigia, tambem por escripto, a Barreiro, delegado de Artigas em Montevidéo, ao Cabildo desta cidade e ao general Carlos Frederico Lecór, commandante das tropas luso-brasileiras. [186])

Naquella nota Pueyrredon dava conhecimento ao chefe dos orientaes do protesto ostensivo que mandava ao general invasor.

---

[186]) *Historia de Belgrano*, cit. III, 198; Orestes Araujo — *Resumen de la História del Uruguay*, 3.ª ed., 491; Vicente Fidel Lopez — *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 378.

O animoso caudilho evitou a cilada declarando rudemente „que nada esperava dos esforços theatraes de Pueyrredon", por que tinham como objectivo „encobrir sua notoria cumplicidade com os portuguezes". [187])

Repulsado assim o Director Supremo redobrou em labias junto ao governador de Montevidéo. Barreiro, ante as derrotas de Quarahy e India Muerta e na imminencia da occupação da capital pelos invasores, que se haviam movido de Santa Thereza, reuniu o Cabildo e de accôrdo com este e sem audiencia de Artigas nomeou uma commissão para entendimento com o Director Supremo das Provincias Unidas.

A nomeação recaiu em tres cidadãos prestigiosos e abastados: Juan José Duran, alcaide de primeiro voto, Juan Francisco Giró, regedor e juiz de menores e José Vidal, regedor, thesoureiro e juiz de mercado.

A 7 de dezembro de 1816 partiram para Buenos Aires, munidos de uma credencial assignada por Barreiro e na qual, este, dizendo-se delegado de Artigas expressára: „Faculto amplamente e sem limitação nenhuma aos ditos senhores para que em meu nome tratem, estipulem e convenham com o Governo Supremo das Provincias Unidas da America do Sul, tudo que se relacione com a defesa da praça e seus incidentes."

Em longa nota da mesma data, dirigida ao governo argentino, procurou Barreiro, como se agisse sob a suggestão hypnotica de Pueyrredon, desculpar as objurgatorias de Artigas e depois disso accrescentou: „A defesa commum é o que deve inspirar-nos: afoguemos tudo que possa prejudica-la.

„E' este o supremo interesse e a suprema lei. Exija. Tudo está feito.

„Ahi vae uma deputação formal. Não percamos um instante. Rogo-vos, pela voz sagrada da Patria, para que fique tudo ajustado.

„Juro-vos, outra vez, em nome de meu chefe, que será restabelecida em breve a confiança e a mais sincera amisade que deve existir entre irmãos; que serão removidos os motivos que recentemente turbaram nossa proxima reconciliação.

---

187) Orestes Araujo, obra cit. 491.

„As garantias que prometto, sempre que V. Ex. se preste a fazer causa commum com esta Provincia contra o exercito portuguez que a invade, são provas nada equivocas do quanto distante estou de pensar em outra cousa que não seja a união."

Além dessas positivas declarações officiaes, Barreiro, como que para dissipar qualquer duvida que por ventura ainda pudesse perdurar no espirito de Pueyrredon, disse-lhe em carta particular e confidencial: „Os auxilios de V. Ex. são inteiramente necessarios. Eu os admitto do modo por que V. Ex. os queira franquear, sem pôr-lhes o menor entrave."

Os delegados uruguayos chegaram a 8 em Buenos Aires.

Pueyrredon viu assim corôadas suas intenções. Podia agora impôr seus desejos.

Entraram em seguida em confabulações. O Director Supremo declarou em tom cathegorico „que só entraria officialmente na guerra, guarnecendo Montevidéo com tropas argentinas e pondo um exercito na campanha oriental, sobre a base solenne do reconhecimento por Artigas e pelos orientaes do Congresso Geral e da Autoridade Suprema do Chefe da Nação."

Os uruguayos fizeram objecções. Pueyrredon manteve-se inflexivel e triumphou. A's duas horas do mesmo dia era assignado um convenio, onde entre outras clausulas se estabeleciam estas:

„Obediencia jurada ao Soberano Congresso e ao Supremo Director, pela Provincia Oriental, entrando esta na União como uma das tantas provincias que a formam.

„Juramento da independencia nacional proclamada pelo Congresso, arvorando a Bandeira argentina e enviando immediatamente deputados ao Congresso, de accôrdo com a sua população.

„Remessa de forças e auxilios para a defesa e para a guerra."

O laconismo deste artigo devia ser explicado. Com este fim foi estabelecido outro convenio secreto e pelo qual ficou estipulado que „o governo argentino se compromettia a mandar com toda urgencia á praça de Montevidéo um corpo de 1.000 homens, 200 quintaes de polvora, 100.000 cartuchos, 1.000 fu-

zis, 8 canhões de bronze e 6 trens volantes com lanchas para a retirada das familias."

O povo recebeu com alegria delirante a noticia do Convenio.

A *Cronica Argentina* noticiando o ajuste, em longo editorial, accentuou: „Hoje a Patria adquiriu nova vida."

Pueyrredon em explosão bellicosa proclamou guerra aos portuguezes. Dez horas depois, entretanto, mais calmo e reflectindo sobre esse gesto, protellava a verdadeira declaração de guerra.

Artigas tão logo teve conhecimento do convenio, determinou que em Montevidéo, em Entre Rios e em todas suas dependencias fossem queimados em praça publica os exemplares do convenio e fez referencias injuriosas a Pueyrredon e aos portenhos.

Em vista disso, segundo informaram os delegados de Barreiro, „aquelle prazer geral que reinava entre todos e de mil modos se procura insinuar, se converteu subitamente em furor e em resentimentos inapagaveis." [188])

Esses tres respeitaveis uruguayos, no auge da indignação e cheios de vergonha disseram a Barreiro: „V. Ex. não se dignou approvar a acta de 8. Sem questionar se ha ou não motivo para isso, fazemos, entretanto, sentir que toca ás raias do incrivel o facto de pretender V. Ex. que os commissionados excederam-se.

„Recorde V. Ex. o teor das credenciaes com que fomos habilitados e as instrucções verbaes, e verá que não podia ser mais conforme a ellas nossa conducta."

Barreiro, com a frieza passiva e com o desfibramento proprio dos auxiliares dos tyrannos, limitou-se a dizer: „Desapprovei a acta porque devia desapprova-la.

„Não me é possivel comprehender qual de minhas instrucções ou dos poderes conferidos, tenham influido para que a assignassem.

„Este indulgente Cabildo e eu temos uma representação subalterna e qualquer que fossem as faculdades com que hou-

188) Officio de 12 de dezembro de 1816.

vessemos investido a VV. SS. jámais podiam ter outro caracter que esse."

Respondendo a uma longa, justa, altiva, criteriosa e nobre nota justificativa daquelles tres uruguayos, Artigas disse-lhes, com o desplante autoritario que lhe era proprio: „Por precisos que fossem os momentos do conflicto, por plenos que tenham sido os poderes, jámais deveriam VV. SS. julgarem-se bastantes para sellar os interesses de tantos povos, sem meu consentimento." (sic.)

Não nos foi possivel apurar positivamente se Pueyrredon previra este desfecho, se fôra pensando nesse procedimento do chefe oriental, que requestára Barreiro. E', entretanto, de se crer que assim fosse. Era este o unico resultado que lhe convinha.

Era-lhe bem conhecida a natural e indomavel rebeldia de Artigas, a animosidade deste caudilho contra o systema unitario e o odio que alimentava pelos portenhos e especialmente contra o governo argentino, por estar convencido da conivencia deste com o invasor, como já havia proclamado em termos vehementes em 16 de novembro de 1816.

Em vista desses antecedentes pensamos que Pueyrredon tinha certeza que Artigas não se submetteria á sua autoridade. Cremos, por isso, que ao entender-se com Barreiro, offerecendo-lhe recursos em troca da declaração immediata e formal da encorporação da Banda Oriental ás demais provincias, visára lançar scisão entre os uruguayos.

Previra, sem duvida, a adhesão de muitos, depois de abandonarem a causa de Artigas.

A recusa certa deste, elle havia de utilizar em proveito de sua situação politica.

Assim effectivamente aconteceu.

O acto do chefe uruguayo desapprovando violentamente o que haviam pactuado os emissarios de Barreiro, lançou desharmonia e confusão entre os principaes elementos que o apoiavam na defesa da terra natal e chamou, ao mesmo tempo, a attenção para a attitude apparente do governo argentino, que passou a ser olhado com sympathia pelo povo, por parecer a este que o Director commungava com suas idéas.

Pueyrredon, assim prestigiado, continuou em suas sestrosas tramas contra Artigas, por meio de entendimentos com prestigiosos chefes uruguayos.

Suas seducções chegaram até o seio do exercito, onde abriram brecha fatal, com a deserção do coronel Rufino Bauzá juntamente com os irmãos Oribes e outros distinctos officiaes, que arrastaram o Batalhão de Libertos e algumas peças de artilharia, entregando-se, todos, a Lecór, em vista da combinação existente entre o general portuguez, o governo argentino e aquelles chefes.

Antes estivera o camaleão do aprazivel retiro de Santo Izidro, em entendimentos alliciatorios com Rivera, a quem, depois do rompimento formal com Artigas em dezembro de 1816, enviára soccorros bellicos, com o fim de attrahi-lo á união argentina.

Já estava „adeantada a negociação nesse sentido quando a derrota de Catalan obrigou Rivera a acudir Artigas, com parte de suas forças." [189])

Foi desse modo retardada a traição que o „rei dos caudilhos" amargurou mais tarde, com o abandono de suas fileiras pelo seu discipulo dilecto que, para cumulo de sua felonia, logo depois negava o mestre considerando-o como „o mais sanguinario perseguidor da humanidade". [190])

Daquelles entendimentos de Rivera com Pueyrredon ha provas no seguinte topico de uma carta do governante argentino a San Martin: „Nada sei de Artigas a não ser que se acha no Hervidero, fazendo novas reuniões para novos sacrificios. „Estou me entendendo com Frutos Rivera." [191])

---

189) *Historia de Belgrano,* cit. 278.

190) Carta de Fructuoso Rivera a Francisco Ramirez, de 5 de junho de 1820.

191) Citação de Eduardo Acevedo *in Historia del Uruguay,* I. 340.

Instigações argentinas

3) Attitudes de Pueyrredon

c) Pro e contra Artigas

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Attitudes de Pueyrredon - Pró e contra Artigas - Insidias de Pueyrredon - Apostrophes de Artigas a Pueyrredon.

Para se firmar um juizo sobre as attitudes de um homem publico, cheio de nuances, como Juan Martin Pueyrredon, é indispensavel um estudo previo de todos os aspectos de sua multipla personalidade, considerando, com a maxima attenção, todos os acontecimentos em que directa ou indirectamente fez sentir sua influencia e filiar tudo isso á documentação da época, que deve ser esmerilhada a fundo, porque nos escaninhos dos papeis secretos se encontra a decifração de certos enigmas da politica dos povos em geral e das attitudes apparentemente inexplicaveis de certos homens publicos.

E' preciso ser Edipo ás portas de Thebas.

Quem assim não proceder enganar-se-á, como se enganam os que accreditam na sinceridade de Pueyrredon quando soccorria os orientaes com alguns petrechos bellicos e procurava reconciliação com Artigas.

O governante argentino nunca pensou sinceramente que pudesse manter bôas relações com o caudilho uruguayo, a quem considerava indesejavel e muito temia e pòr isso, precisamente, no momento em que a elle se dirigia, em tom amistoso, gosava, no intimo e com mordacidade, as derrotas que as hostes orientaes soffriam.

As contradicções de Pueyrredon são flagrantes.

Dizia, em 2 de dezembro, que por sua parte „provocava a guerra ao chefe dos portuguezes, sem outro motivo que o da invasão da Banda Oriental" e solicitava, nessa occasião, que Barreiro e o Cabildo de Montevidéo intercedessem junto a Artigas para que este modificasse suas idéas e tomasse medidas contra os actos de hostilidade que havia determinado, afim de não obrigar o governo argentino a usar do direito de represalias, „com grande escandalo dos povos e prejuizo da conciliação que era necessaria para a salvação commum."

Pueyrredon precisamente nesse mesmo dia, mez e anno, escreveu a San Martin: „Os portuguezes conseguem vantagens por toda parte sobre Artigas, este genio infernal acaba de embargar todos os navios desta banda e fechar seus portos sob o pretexto de que não tomamos parte em sua guerra."

Esse duplo e contradictorio procedimento suggeriu ao general Mitre este juizo: „A verdade é que o Director no que menos pensava era comprometter uma guerra nacional com um alliado nas condições de Artigas, tão inhabil como militar e tão perigoso como politico, e por isso se felicitava de suas derrotas, como das de um inimigo commum, como com effeito o era." [192])

Posteriormente ao acto de Artigas desapprovando a encorporação da Banda Oriental ás Provincias Unidas, Pueyrredon forneceu recursos bellicos ás forças orientaes.

O objectivo desse soccorro assim o expressa o general Mitre: „Depois do rompimento definitivo com Artigas auxiliou com armas e petrechos bellicos a Rivera e Otorguez, não para que melhor lutassem contra os portuguezes e sim contra Artigas."

As occurrencias autorizavam esta affirmativa e confirmaram-na depois.

A recusa do caudilho indesejavel fôra aspera e formal.

Interrogára elle aos delegados uruguayos:

„Firmavam VV. SS. com mão serena a acta de 8 de dezembro?"

---

192) *Historia de Belgrano*, cit. III, 221.

Dá, em seguida, as razões dessa pergunta: „E' preciso suppor que VV. SS. desconheçam a historia de nossos successos ou que devam ser julgados menos interessados em conservar os nossos sagrados direitos, para que subscrevessem pactos que envilecem o merito de nossa justiça e cobrem de ignominia o sangue de nossos defensores.

„Tenham VV. SS. a bondade de repetir em meu nome á esse governo a segurança de minha pouca satisfação em a liberalidade de suas idéas, em vista da mesquinhez de seus sentimentos."

A razão, neste ponto, estava com Artigas.

Pueyrredon agia com fé punica.

A certeza absoluta disso não tardou e o caudilho oriental a proclamou em nota violenta ao proprio Director Supremo, crivando-o com estas mordazes interrogações:

„Não são os portuguezes deste anno os mesmos do anno passado?

Não subsistem mais as mesmas differenças?

Confesse V. Ex. que sómente para realizar suas intrigas, representou em publico o papel de neutro.

„O Supremo Director de Buenos Aires não deve e não póde se-lo.

Não protestou V. Ex. sobre a conducta do general Lecór contra os Orientaes?"

E, despejando sobre Pueyrredon os raios de sua colera, forjados pelo padre Monterrozo, disse-lhe: „Eu, em campanha, repetindo as sangrentas scenas da guerra, contra os injustos invasores, e V. Ex. debilitando nossa energia, com a pratica de certos negocios que não deixam de excitar fundadas suspeitas.

„Eu, empenhado em repellir os portuguezes e V. Ex. em favorece-los.

„V. Ex. não cessa de irritar minha moderação e minha honra reclama reivindicação.

„V. Ex. é um criminoso indigno da menor consideração.

„Pesará a V. Ex. ouvir estas verdades, mas pesará muito mais have-las motivado: ellas vão estampadas com o caracter da justiça e da sinceridade.

„Fallarei desta vez para sempre: V. Ex. é responsavel perante as aras da Patria, pela inacção ou malicia com relação aos interesses communs.

Dia virá em que o tribunal severo da Nação se ha de levantar para ministrar-lhe justiça."[193])

Pueyrredon, estonteado, dirige-se ao Congresso, deixando registada esta confissão de seu accôrdo com o invasor: „Artigas se propõe a transformar os principios politicos do Governo relativos a harmonia subsistente com os portuguezes, envolvendo a ambos os Estados em uma guerra." [194])

E' innegavel a conivencia de Pueyrredon com os invassores contra Artigas.

A's innumeras e valiosas provas já apresentadas, vamos accrescentar aqui um depoimento que conta 78 annos e de grande valia por ser de Justo Maeso, nas annotações a obra de Woodbine Parish.[195])

A' pagina 127 do 1.º volume diz o publicista platino que Pueyrredon „contribuiu para que o general portuguez Lecór invadisse a Banda Oriental, para destruir Artigas."

---

[193]) Nota de 13 de novembro de 1816.

[194]) Nota de 12 de dezembro de 1817.

[195]) Buenos Aires y las Provincias del Rio de la Plata, edição de 1852.

Instigações argentinas

3) Attitudes de Pueyrredon

d) Gestos theatraes e imposturas

Causas predisponentes - Instigações argentinas - Attitudes de Pueyrredon - Gestos theatraes e imposturas - Perante o Congresso e Garcia - Contradições indecorosas - A face do invasor - Protestos inocuos e insidiosos - A resposta de Lecór - O bando de Lecór de 15 de fevereiro de 1817 - Julgamentos injustos e apaixonados - O bando de Uriburú de setembro de 1930 - Um confronto que se impõe - Deante do povo.

Pueyrredon, com a theatralidade de seus gestos publicos e com os disfarces de suas tramas á socapa, se revelou um eximio comediante.

Existe, entretanto, ainda hoje quem tome a serio seus protestos contra a invasão luso-brasileira, a despeito da contradição flagrante entre o dito e o feito e não obstante a verdade insophismavel que jorra da documentação secreta já revelada.

Pondo de lado autores apaixonados, como Adolfo I. Baez, que se caracteriza pela laudatoria formula que emprega dedicando ao dr. Hipolito Irigoyen, quando presidente da Republica Argentina, seu estudo — *Convención Preliminar de Paz entre el Imperio del Brasil y la Republica Argentina,* vamos deixar aqui registado o juizo de um escriptor illustre — o coronel Juan Beverina, cuja erudição nestes assumptos é assáz conhecida, e que, entretanto, diz, com uma simplicidade que nos parece affectada, que lhe não fica bem, porque gera desconfianças: „Apezar da resistencia armada que oppuzéra Artigas e seus tenentes e dos energicos protestos do Director

Pueyrredon, a expedição lusitana se apoderou de Montevideo."[196])

A falta de sinceridade de Pueyrredon se revelou perante o Congresso e Garcia, á face do invasor e diante do povo.

Obedecendo á orientação até aqui seguida, vamos desenvolver estes pontos apoiados em historiadores, testemunhos e documentos de origem platina.

Refutaremos de preferencia o que, offendendo a verdade, têm dito os nossos visinhos, calando o que a esse respeito enxameia em autores brasileiros porque estes, nesse particular, reflectem o pensamento daquelles.

Perante o Congresso e Garcia

Ao ter conhecimento das *Instrucções Reservadas e Reservadissimas,* de 4 de setembro, Pueyrredon explodiu contra o Congresso reunido em Tucuman, traçando nas seguintes palavras, segundo o dizer do general Mitre, „com tanta arrogancia como pouco juizo, o plano da politica què se devia seguir: „A honra, a justiça, a liberdade, a segurança individual e publica, exigem outra energia e outra dignidade nos passos que devem ser dados, para que o exito de uma negociação com a potencia limitrophe, não aventure a perda de bens que podemos conservar, apesar de todos os obstaculos, sem necessidade de encommendar a outras mãos nossos destinos.

„O Rei de Portugal, antes de entrar em qualquer tratado com estas Provincias, deve reconhecer nossa independencia, em termos que se tornem publicos a todos os povos.

„Qualquer outro rumo que se dê a este negocio eu o considero impolitico, ignominioso, contrario aos nossos interesses, á vontade do povo e aos nossos juramentos."[197]) E depois de declarar que não se faria „agente de opprobio executando as Instrucções Reservadas e Reservadissimas", accrescentou: „Caso razões superiores dictem ao Congresso que deve insistir em planos contrarios aos que exponho, eu supplico que me

196) *La Guerra contra el Imperio del Brasil,* cit. II, 169.

197) Nota de 18 de novembro de 1816.

exhima de ter parte nelles, constituindo outra pessoa que julgue compativel com seus deveres o desempenho de um encargo que comprometteria inutilmente minha segurança, minha consciencia e minha reputação."

Em nota complementar, no dia seguinte, declarou-se positivamente contrario á missão reservada que devia ir ao Brasil e ao encontro do general Lecór, „porque isto sería indecoroso á dignidade de uma nação independente, visto que um general á frente de suas legiões não é á quem devem occorrer os povos livres para assegurar, por um tratado mutuamente benefico, sua liberdade e interesses e que por isso havia despachado o coronel Vedia, na qualidade de parlamentario militar, sem missão diplomatica."[198])

Quatro eram os pontos capitaes desta communicação:

1.° — O reconhecimento publico da independencia das Provincias Unidas pelo Governo portuguez, como ponto de partida para tratar de qualquer accôrdo.

2.° — O não cumprimento das Instrucções Reservadas e Reservadissimas de 4 de setembro.

3.° — Substituição no cargo de Director Supremo, caso se continuasse em relações com Portugal, contra o modo que indicava.

4.° — Negociar na Côrte brasileira por meio de um representante publico e mandar ao encontro de Lecór um parlamentario militar em vez de um representante diplomatico.

O Congresso replicou tudo isso com energia e impiedade.

Quanto ao primeiro ponto, assim se manifestou, segundo o resumo de sua resposta feito pelo general Mitre: „Posto que mais digno e patriotico na fórma, o plano politico do Director, não é entretanto, mais coherente que o do Congresso.

„O Brasil invade a Banda Oriental de accôrdo com o enviado argentino no Rio de Janeiro, que desde 1815 vem cooperando nesse sentido, sem que em tempo algum houvesse sido desautorizado pelo seu governo.

---

198) Nota de 19 de novembro de 1816.

„O Director Supremo sabe que Portugal, ainda que com interesses differentes dos de Hespanha, não póde reconhecer a independencia de nenhuma colonia americana, sem se pôr em pugna contra seus poderosos alliados na Europa.

„A exigencia previa, portanto, carece de sentido pratico."

Pueyrredon capitulou, visto que continuou prestigiando e acceitando o que Garcia pactuava e pactuou no Rio de Janeiro, sem a condição que estabelecêra como imprescindivel para essa negociação — incorrendo assim no procedimento que considerára impolitico, ignominioso, contrario aos interesses argentinos, á vontade do povo e aos seus juramentos.

Com referencia ao segundo ponto — o não cumprimento das Instrucções de 4 de setembro, para não se fazer agente de opprobio, disse o Director Supremo, 21 dias mais tarde, que havia „dado ordem a Miguel Irigoyen para que se dispuzesse a cumprir a commissão de que estava encarregado."[199])

E dias depois accrescentava que „havia ordenado ao referido Irigoyen, em 10 do corrente, que se dispuzesse a cumprir sua commissão sem demora, como já tive a honra de avisar a V. S., em officio n.º 22."[200])

Resulta destas reiteradas determinações que Pueyrredon porfiou em ser agente de opprobio.

Aquellas instrucções só não foram immediatamente executadas, em consequencia da recusa de Irigoyen em desempenhar a missão que lhe fôra confiada.

Relativamente ao terceiro ponto, é sufficiente recordar que Pueyrredon continuou como Director Supremo até junho de 1819 e que durante esses tres annos que permaneceu no governo, depois daquella declaração, teve entendimentos directos com a côrte do Rio de Janeiro, obedecendo a instrucções e propositos do Congresso, que eram os mesmos que elle julgára compromettedores de sua segurança, de sua consciencia e de sua reputação.

Chegou até a se fazer paladino desses pontos de vista.

---

199) Officio ao Presidente do Congresso de 9 de dezembro de 1816.
200) Idem, de 14 de dezembro de 1816.

Em longo officio dirigido ao Congresso em 1.º de dezembro de 1817, pedindo a approvação urgente dos artigos addicionaes ao Armisticio de 1812, disse: „Cumprindo finalmente as instrucções do Congresso tenho deferido até aqui a conclusão de tratados com a côrte do Brasil, sem comprometter a bôa harmonia, nem engendrar distancias entre os governos de ambos os Estados.

„Chegou, porêm, o momento em que se não estreitarmos com novos vinculos as relações subsistentes, será inevitavel uma ruptura funesta ás duas partes.

„O projecto que tenho a honra de submetter a Vossa Soberania será admittido pela côrte do Brasil e eu supplico a Vossa Soberania que queira considerar a importancia que adquirem estas Provincias quasi identificando seus interesses com os de um monarcha, cuja simples visinhança era considerada um perigo."

Eis como procedeu Pueyrredon até renunciar o poder.

Seis mezes depois desse acto foi expatriado e procurou abrigo sob o pavilhão portuguez em Montevideo, onde Lecór o recebeu em bonhomia.

Sobre o quarto ponto assim se manifestou o Congresso, em a resposta citada: „O despacho de um commissionado publico junto á côrte do Rio de Janeiro em nada modifica o estado de cousas, visto que pelos principios reguladores das relações diplomaticas das nações, não poderá ser recebido e isso servirá sómente para complicar a situação.

„A ída de um parlamentario junto ao general portuguez, será méra satisfação ostensiva á opinião publica e não poderá ter nenhuma ulterioridade, visto que nada se tem preparado, nem estamos prevenidos para o caso em que o exercito invasor não se detenha em suas marchas."

Foi precisamente o que aconteceu: Lecór não ligou a minima importancia á intimação, proseguiu em suas marchas e o dr. Manuel José Garcia continuou, sem caracter publico, na metropole brasileira, com applauso do proprio Pueyrredon, a representar as Provincias Unidas do Rio da Prata.

E, para cumulo das contradições de Pueyrredon entrou este depois em negociações com Lecór, para assegurar um tra-

tado „mutuamente benefico á liberdade e aos interesses" da Argentina e do Brasil, estando o general portuguez á frente de suas legiões, situação esta que o governante argentino considerára impropria para entendimento, por julga-la „indecorosa á dignidade de uma Nação independente."

Era este o cunho dos gestos do farfalhoso camaleão de Santo Izidro, em sua correspondencia ostensiva com o Congresso.

Fidel Lopez, bem informado da causa do procedimento de Pueyrredon, porque seu pae era secretario do governo nesse periodo, presta este depoimento: „Deixa a responsabilidade dos actos anteriores e o compromisso da negociação sobre os hombros de Garcia, emquanto elle, para não comprometter sua posição, se dirige ao Congresso, avançando duvidas, desconfianças, embaraços e escrupulos que não os tinha e que eram apenas habil e destra maneira de evitar que o empurrassem para um ou outro lado do terreno escorregadio e angustioso que tinha a atravessar, até que chegasse a ser dono de si mesmo."[201])

As duvidas, as desconfianças, os maus juizos occultos de Pueyrredon sobre o dr. Manuel José Garcia foram divulgados, em 1820, intencionalmente, pela paixão politica de Sarratea.

Nessa occasião os melindres do eminente delegado argentino no Rio de Janeiro, dictaram-lhe um procedimento a altura de sua dignidade: cortou radicalmente suas relações com o ex-Director Supremo, recusando-se, obstinadamente, a aceitar explicações, não obstante a intervenção de Rivadavia e do general Las Heras, e não mais mencionou o nome de Pueyrredon.

Foi o que se póde chamar o castigo olympico de um homem nobre, contra quem ousára pôr em duvida sua honestidade; contra quem o lisongeava confidencialmente e ao mesmo tempo o detraía perante os outros homens.

---

[201]) *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 351.

Á face do invasor

O protesto que por intermedio do então coronel Nicolás Vedia foi entregue ao general Lecór, em novembro de 1816, era uma farça.

Não tem, pois, o cunho nobre e o valor *persuasivo* que lhe attribue o illustrado historiador argentino coronel Juan Beverina.[202])

Vamos comprovar nossa affirmativa escudados em documentos, nos factos e em revelações de autores de nomeada.

Ouçamos em primeiro logar a voz autorizada de Adolfo Saldias: „O Director Pueyrredon, sem prejuizo de proseguir na negociação com o côrte do Rio de Janeiro, por intermedio do deputado Garcia, designou o coronel Nicolás Vedia para entrevistar o general Lecór."[203])

Vae fallar agora um filho do então secretario do Director Supremo: „Pueyrredon poz de lado as instrucções do Congresso, como cousa de pouca importancia, e tomou uma medida de puro apparato: mais ruidosa que séria, porêm melhor calculada para produzir illuzão no animo innocente do povo e para favorecer ao mesmo tempo a prudente espectativa em que desejava se manter.

„Essa medida foi commissionar o coronel Nicolás Vedia não para colher informações, mas para entregar ao general portuguez uma reclamação energica que tinha todo o caracter de um *ultimatum* e que terminava com estas palavras: „Afim de evitar um rompimento requeiro de V. Ex. disponha que o exercito de seu mando suspenda suas marchas e retrograde a seus limites."

Observa o autor citado, depois dessa transcripção: „Sómente isto bastará para que se comprehenda que a commissão do sr Vedia tinha pouca importancia. O general Lecór agia por ordem de seu rei, que lhe determinára occupasse militarmente a Banda Oriental e a praça de Montevideo.

---

202) Obra cit. I, 52.
203) Obra cit. 148.

„A ninguem, pois, podia occorrer que retrocedesse por uma simples ordem de um governo extranho.

„O Supremo Director se desviava notoriamente com este procedimento das regras elementares do caso.

„Devia ter dirigido o *ultimatum* ao governo a ordem de quem se fazia a invasão e retirar immediatamentes o agente que tinha acreditado junto a esse governo para manter com elle bôas relações.

„A commissão do sr. Vedia era, pois, uma simples manifestação mais intencionada para os partidos internos do que adequada para produzir effeito sobre as operações portuguezas."[204])

O erudito publicista uruguayo Carlos Maria Ramirez criticando, em 1882, o *Bosquejo Histórico* do eminente dr. Francisco Berra, por haver este autor „tomado como um acto sério o protesto de Pueyrredon contra a invasão," disse que isso fôra „na realidade um simples acto de conivencia aconselhado reiteradamente pelo gentil diplomata do Rio de Janeiro (Garcia), em suas communicações secretas com os Directores das Provincias Unidas."

Accrescenta em seguida o mesmo autor, escudado em Fidel Lopez: „Uma das incumbencias do coronel Vedia era explicar ao general portuguez o estado dos animos em Buenos Aires e a necessidade em que o governo se via de salvar as apparencias, com protestos e com outros actos de estylo vehemente, que não podiam ser evitados." [205])

Está de pleno accôrdo com o que ficou transcripto, este depoimento de Orestes Araujo: „Inteirado o generalissimo portuguez do escripto de Pueyrredon e de que o dito protesto não tinha outro alcance que o de cobrir as apparencias, limitou-se a contestar que a invasão da Banda Oriental era feita por ordem de seu governo e que só em virtude de contra ordem do mesmo suspenderia suas marchas; que não fazia guerra ao povo oriental e sim a Artigas." [206])

---

204) Vicente Fidel Lopez — *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 377, 378.

205) *Juicio Crítico*, cit. 71, 72.

206) *Resumen de la História del Uruguay*, cit. 491.

As provas adduzidas são por si sós sufficientes para comprovar nossa affirmativa de que era uma farça a intimação do governo argentino ao general Lecór. Vamos, entretanto, accrescentar a essas provas mais duas. A primeira consta das Instrucções do Congresso a Garcia, em 11 de janeiro de 1817, que passaram pelas mãos de Pueyrredon, dois mezes depois daquelle *ultimatum* e não foram pelo Director Supremo impugnadas — ao contrario, deu-lhes andamento.

Recommendava-se nessas instrucções que fosse scientificado o governo portuguez da necessidade em que se víra „o Supremo Director de publicar sua reclamação ao general Lecór e communicações com a Banda Oriental, para aquietar o alarme geral que já causava a aproximação das tropas portuguezas e satisfazer o clamor publico."

A segunda é este depoimento de um autor moderno de nomeada: „Pueyrredon, comediante então, contestou o bando de Lecór com outro que ameaçava ao generalissimo portuguez de exercer represalias na razão de trez portuguezes para cada oriental offendido, se recusasse fazer a guerra conforme o direito das gentes.

„Ao mesmo tempo, porêm, escrevia reservadamente ao Congresso de Tucuman, declarando que sua replica ao dito bando não passava de uma monobra, para calmar os clamores dos povos exaltados." [207])

O coronel Vedia foi recebido com gentileza e apparato pelo general Lecór, a 24 de novembro.

Ao receber a nota argentina, das mãos de Vedia, o general portuguez com a distincção diplomatica que lhe era peculiar e com o garbo militar que tanta imponencia lhe dava, se poz de pé e nessa postura leu o documento.

Duas foram as suas respostas ao *ultimatum:* uma de viva voz ao parlamentario e a outra por escripto ao governo argentino.

Ambas ficaram consignadas no capitulo I e por isso nos excusamos de repeti-las aqui.

---

207) Hugo Barbagelata, obra cit. 151.

Eram formaes essas declarações — positivavam sem refolhos o objectivo da invasão. Pueyrredon, entretanto, sem a menor preoccupação com o julgamento da historia, sem olhar para o futuro, vendo sómente as circumstancias do momento, dizia ao povo, em manifesto publico: „Sabei de certo, que o governo não fez pacto algum com potencia alguma e que relativamente aos portuguezes não poude ser instruido de seus planos."

O bando publicado pelo general Lecór, em 15 de fevereiro de 1817, deu azo a nova scena bellica de Pueyrredon.

O edito continha medidas preventivas, de segurança, de defesa, de ordem e de humanidade.

O acolhimento que teve o general Lecór em Montevideo, onde foi recebido pela população entre demonstrações de jubilo, irritou aos sitiadores da praça, que passaram a praticar actos de vandalismo, de selvageria, de ferocidade, contra os habitantes da capital e dos suburbios.

Foi aos autores desses delictos que Lecór ameaçou com os castigos constantes do bando de 15 de fevereiro.

Este documento é um dos mais adulterados pelos historiadores.

Todos ou quasi todos que a elle se referem emprestam-lhe um caracter que não tinha e lhe attribuem materia que não contem.

Para que o leitor possa avaliar os deslizes, a falta de sinceridade ou os desleixos a esse respeito, vamos transcrever o referido documento na integra e mencionar em seguida o que sobre elle dizem diversos escriptores:

„Art. 1.º — Os individuos que compuzerem partidas inimigas, que roubem ou matem algum habitante ou habitantes tranquillos e indefesos, em sua casa ou visinhança, não serão tratados como prisioneiros de guerra e sim como salteadores de caminhos e perturbadores da ordem e socego publicos.

„Art. 2.º — Quando as partidas depois de haverem commettido algum attentado contra os habitantes que se achem sob

a protecção das armas portuguezas, não possam ser aprehendidas, far-se-á a mais severa represalia nas familias e bens dos chefes e individuos das ditas partidas, para o que saírão fortes destacamentos do exercito portuguez a queimar suas estancias e conduzir suas familias a bordo da esquadra.

„Art. 3.° — Um numero sufficiente de pessoas de toda confiança será empregado em velar sobre a segurança e repouso dos habitantes e de dar uma noticia individual aos commandantes mais proximos e estes ao quartel general, de todos os excessos que commettam as partidas inimigas, para tomar, em consequencia as providencias opportunas.

„Art. 4.° — O presente edito se communicará e será publicado em todas as povoações que estão sob a protecção das armas portuguezas. *Carlos Frederico Lecór,* Commandante em Chefe. — Montevideo, 15 de fevereiro de 1817."

Como se vê do que ficou transcripto, dependia do inimigo a não execução dos castigos referidos no bando portuguez, visto que taes castigos só seriam applicados como represalias, isto é: em consequencia de actos criminosos dos orientaes contra habitantes pacificos e indefesos.

Vejamos, entretanto, o que sobre o assumpto dizem alguns historiadores:

„Lecór tentou vencer a resistencia por meio do terror. D'ahi seu sensacional decreto de março [208]) de 1817: os prisioneiros artiguistas seriam considerados como salteadores de caminho e perturbadores do socego publico; suas estancias seriam queimadas; suas familias seriam conduzidas a bordo da esquadra." [209])

O autor commette aqui o feio delicto de infidelidade.

O bando do general invasor, como se vê de seu artigo 1.°, não tinha caracter absoluto, não visava os prisioneiros em geral e sim os que matassem ou roubassem os habitantes pacificos e indefesos. Sómente sobre os bens e familias desses

208) Fevereiro, aliás.

209) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 336.

criminosos seriam exercidas represalias — é o que positivamente está escripto no art. 2.°.

„Coincidiu com esta noticia" — a victoria de Chacabuco — „a de um barbaro edito expedido por Lecór, a 15 de fevereiro, declarando que os individuos das partidas orientaes que roubassem (retirassem recursos da praça) não seriam tratados como prisioneiros de guerra, mas como salteadores de caminhos e que não podendo ser aprehendidos, far-se-ião severas represalias sobre as familias e bens dos mesmos individuos."[210])

O documento que está em causa é, nestes assumptos, como que a pedra de toque da parcialidade dos historiadores platinos.

O ultimo autor transcripto é um dos mais illustres e dos que mais se impõem pela seriedade com que versa os assumptos. Aqui, entretanto, claudicou addicionando, entre parenthesis uma explicação capciosa, e dando, tambem, caracter generico aos prisioneiros que deviam soffrer as penas consignadas no bando.

„Poucos dias depois Lecór expediu um bando do estylo dos que davam e dão os generaes de potencias civilisadas quando occupam territorios barbaros, no qual declarava que os orientaes que se apoderassem de seus proprios recursos de guerra, seriam tratados como salteadores de caminhos e no caso de não serem aprehendidos far-se-ião severas represalias em suas familias e seus bens." [211]))

A imaginação deste autor attribue o castigo aos *orientaes que se apoderassem de seus proprios recursos de guerra,* confundindo assim, com esses recursos o roubo e o assassinio de individuos pacificos e indefesos.

„Os patriotas orientaes foram perseguidos como salteadores e bandidos e condemnados a morte pelo bando infame do general Lecór, sem outra causa que a do patriotismo com que defendiam sua provincia e os interesses nacionaes."[212])

Para este a causa era outra: a defesa da provincia e dos interesses nacionaes, como se para tão elevados objectivos fosse

---

210) General Mitre — *Historia de Belgrano,* cit. III, 241.

211) Adolfo Saldias, obra cit. 153, 154.

212) Martin Ruiz Moreno, *Estudio sobre la Vida del General Francisco Ramirez.*

necessario descer ao roubo e á immolação de pessoas pacificas e inermes.

„Lecór enfurecido por alguns golpes audazes que recebeu deu, a 15 de fevereiro, um bando em que declarava salteadores de caminhos os *montoneros* orientaes e annunciando que exerceria represalias em suas familias, as quaes encarcerou."[213])

Este, alem de attribuir o castigo aos prisioneiros em geral levou sua macabra phantasia mais longe, accrescentando que foram encarceradas as familias dos orientaes em armas contra os invasores.

O exemplar de onde fizemos a trascripção acima nos foi offerecido pelo respectivo autor, que rectificou alguns de seus conceitos, em notas de seu proprio punho, lançadas nas paginas desse exemplar.

Nessas rectificações classificou seus juizos offensivos aos brasileiros como „sobradamente duros y tambien injustos."[214])

Nenhuma nota poz á pagina em que se refere ao bando de Lecór, mas aquella sua rectificação applica-se perfeitamente a este caso.

„O general Lecór incorreu no erro imperdoavel de não meditar que sua autoridade sobre o paiz invadido era recente, intruza e externa e sem ter presente que nestes casos o povo que luta contra o extrangeiro não tem nem tempo nem meios de se arregimentar ou de tomar uniforme em linhas regulares, commetteu o attentado de promulgar um edito brutal de morte, não só contra os prisioneiros que sem uniforme e sem numero de corpo caíssem em suas mãos, mas tambem contra as familias dos que assim andavam em armas." [215])

A phantasia deste autor sobre a causa do documento tantas vezes referido, chega ás raias da extravagancia e do rediculo.

Felizmente tudo que tem estes caracteristicos, dá por si só idéa completa do que é.

---

213) Saturnino Uteda — *Vida Militar de Dorrego*, cit. 305.

214) Nota assignada pelo autor citado á pag. 309.

215) Vicente Fidel Lopez — *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 232.

Limitamo-nos, por isso, á transcripção feita, visto o leitor já conhecer o edito na integra, podendo, desse modo, avaliar, facilmente, o criterio que ditou a narrativa recem citada.

„Para atemorizar e submetter os orientaes em armas, cuja resistencia augmentava bravamente, cada vez mais, o generalissimo ditou então um terrivel bando, em o qual punha fóra da lei, como salteadores de caminhos, aos que heroicamente defendiam a sua liberdade.

„Ameaçava-os tambem, no caso de não serem aprehendidos, de exercer rigorosas represalias sobre seus bens e familias."[216])

A falta de escrupulo deste autor, na condemnação do acto do general lusitado, é mais flagrante que a dos anteriormente citados, porque elle proprio nos fornece a contra prova do que assevera, transcrevendo o documento incriminado.

Desse modo, na mesma pagina onde affirma que eram postos „fóra da lei, como salteadores de caminhos, os que heroicamente defendiam a sua liberdade", se lê que assim deviam ser considerados não os combatentes em geral mas, simplesmente, os individuos que matassem ou roubassem os habitantes pacificos e indefesos.

„Aquelles golpes, nunca contraproducentes quando obedecem a causas justas, provocaram as iras de Lecór, que publicou um decreto terrivel, que tanto elle como o brigadeiro Chagas Santos cumpriram com zelo digno de melhor causa." [217])

Este autor, na ansia de atacar a torto e a direito, não cita nenhuma das disposições que malsina, limitando-se a classificar o bando de terrivel decreto.

Firma assim um juizo historico sobre assumpto de alta monta, com uma leveza que não condiz com a autoridade de seu nome.

A melhor resposta a todos os malsinadores do edito a que vimos nos referindo e a mais cabal justificativa da razão de ser desse documento, acaba de ser dada pelo general Uriburú, após o triumpho da revolução que depoz o presidente Irigoyen,

---

216) H. D. — *Ensayo de História Patria*, 3.ª ed., 389.

217) Hugo Barbagelada, obra cit. 150.

em setembro de 1930, publicando em nome das mais absolutas garantias da vida, da propriedade e da segurança dos habitantes da Nação, um bando assim concebido: „1.° Todo individuo que fôr surprehendido em flagrante delicto contra a segurança e bens dos habitantes ou attente contra a segurança e bens publicos, será passado pela armas sem fórma alguma de processo.

„2.° — As forças que tiverem a seu cargo o cumprimento deste bando, só poderão agir sob ordem e responsabilidade de um official do exercito de mar e terra da Nação. Os suboffi-ciaes que surprehenderem qualquer individuo nas condições supra mencionadas deverão dete-lo e o submetter em seguida á disposição do primeiro official a seu alcance, para que seja executado." [218])

Se agora, em um paiz culto, como a Argentina actual, são necessarios, nas épocas anormaes, bandos dessa natureza para impôr respeito á ordem, á propriedade e á vida humana — ocioso se torna apresentar argumentos justificando o edito com que o general Lecór procurou, ha 123 annos, defender os habitantes inermes e pacificos da Banda Oriental, dos ataques brutaes das hordas artiguenhas.

Referindo-se a essas tropelias selvagens, disse o general Mitre: „Os males da guerra nada eram em comparação com os que produziam a barbara tyrannia do caudilho oriental e as iniquidades de seus tenentes.

„Onde mais se faziâm sentir esses males, em toda a sua crueza, era na linha do sitio de Montevideo." [219])

O bando de Lecór, como já ficou dito, proporcionou a Pueyrredon mais uma occasião para suas duplas manifestações: em publico, protestou com vehemencia contra as medidas de represalias e, secretamente, scientificou ao general portuguez que aquelle protesto era um simples recurso perante o povo e que não devia, por isso, ser tomado a serio.

Alem de outras fontes autorizadas e de documentos positivos sobre esse ponto, existe prova de nossa affirmativa na

---

218) *La Nación*, de Buenos Aires, de 7 de setembro de 1930.

219) *Historia de Belgrano*, cit. III, 278.

correspondencia do consul francez no Rio de Janeiro — Jean Baptiste Maler — dirigida ao seu governo:

„Para satisfazer o sentimento popular de patriotismo, publicou, comtudo, Pueyrredon, a 2 de março de 1817, um manifesto contra as medidas do general portuguez, fazendo, porêm, simultaneamente chegar ás mãos deste, junto com o documento ostensivo, uma carta confidencial, para roga-lo de não tomar demasiado a sério ou não se melindrar com essa publicação e providencias annunciadas, pois não passavam de phrases que, como governante, fôra compellido a assignar em tal conjectura e lhe não deviam dar, por isso, a menor inquietação."[220])

Um autor moderno confirma integralmente a informação do representante da França: „Pueyrredon representava uma nova comedia ou melhor — o segundo acto da que iniciára o anno anterior em proveito de suas combinações politicas, mofando dos infortunios de um povo certamente digno de melhor sorte, procedimento esse que se não póde pôr em duvida. Elle mesmo o prova claramente quando, escrevendo reservadamente ao Congresso de Tucuman, declara que a replica ao bando portuguez não passava de uma manobra para calmar os clamores dos povos exaltados.

„Ao mesmo tempo que assim procedia, approvava um projecto de alliança offensiva e defensiva com a côrte do Rio de Janeiro contra Artigas com a condição de que a conquista portugueza não transpuzesse os limites da Provincia Oriental."[221])

O motivo do protesto de Pueyrredon divulgado pelo representante da França, é tambem confirmado por outro historiador uruguayo — o dr. Eduardo Acevedo — nestes termos: „A noticia deste barbaro decreto — o bando — chegou a Buenos Aires justamente com a parte da victoria de Chacabuco.

„O povo da capital, movido por um acontecimento que exaltava seu patriotismo até o delirio, voltou a exigir medidas contra os portuguezes.

„O Director não teve outro remedio a não ser o de saír de seu silencio.

---

220) Officio de 8 de abril e de 18 de abril de 1817, citado por Oliveira Lima *in D. João VI no Brasil.*

221) H. D., obra cit. 390.

„Dirigiu, então, uma mensagem ao Congresso, um manifesto ao paiz e um officio a Lecór.“ [222])

A occurrencia mais importante entre Pueyrredon e o invasor, depois daquelle protesto, foi o accôrdo para o acolhimento em Montevideo do coronel Bauzá com o Batalhão de Libertos.

Referindo-se a isso, disse o general Mitre: „Vê-se por isto que a rajada guerreira do Director havia passado e que o vento soprava do lado da paz com o Brasil.

„Assim effectivamente era: ao mesmo tempo que Bauzá negociava com Lecór a passagem das tropas por Montevideo, procurando abrigo sob o bando contra o qual protestára o Director, o enviado argentino no Rio de Janeiro negociava com o Brasil um tratado de paz e amizade, uma liga offensiva e defensiva contra Artigas e uma alliança eventual contra a Hespanha.“[223])

Em seu protesto contra o bando de Lecór disséra Pueyrre- „Os orientaes sustentam sua independencia e dos povos occidentaes ao mesmo tempo e por isso foram e serão constantemente auxiliados desta capital, até que V. Ex. desaloge o territorio de que se apoderou com violencia.“

Dois mezes depois era nomeado o dr. Gregorio Tagle ministro das relações exteriores.

„Esta nomeação“, diz o general Mitre, „indicava que o vento se fixava do lado da paz com os portuguezes e, como consequencia immediata disso, contemporizar com a occupação da Banda Oriental e fazer causa commum com os invasores contra Artigas, considerando este inimigo de ambos e do genero humano.“ [224])

Maler, condemnando o procedimento do Director argentino por declarar em suas proclamações que mandaria auxilio aos orientaes, quando na realidade o auxilio era aos invasores, citava como confirmação de sua affirmativa „o facto de, querendo se mostrar mais ligado ao rei de Portugal e Brasil do que

---

222) *História del Uruguay*, cit. I, 336.

223) *Historia de Belgrano*, cit. III, 382.

224) Idem, idem, 283.

aos principios de independencia que pretendia professar, haver se pronunciado abertamente contra os acontecimentos de Pernambuco."

Foi com pleno conhecimento de tudo isso que o eminente general Mitre externou este juizo sobre as attitudes de Pueyrredon: „Eis aqui explicado o tom bellico da intimação de 1.º de fevereiro a Lecór e do manifesto de 2 de janeiro, em que por segunda e terceira vez ameaçava com a guerra, dirigindo um verdadeiro *ultimatum*.

„Dizia-se escudado na Gran Bretanha, quando pelas communicações de Garcia e de Rivadavia, constava-lhe o contrario.

„Fazia alarde de um grande interesse pela causa de Artigas, quando secretamente se felicitava pelas suas derrotas.

„Fazia tres communicações fulminantes, que importavam em outras tantas declarações de guerra, para satisfazer ostensivamente as exigencias da opinião publica, e ficava tão quieto ou mais que antes, abrindo em seguida hostilidades contra Artigas, suscitando insurreições e promovendo deserção em suas fileiras.

„Fallava de guerra contra Portugal, quando estava convencido de que era impossivel faze-la sem Artigas e com Artigas em dissidencia e quando não podia com a pobre provincia de Santa Fé.

Dava-se por surprehendido das miras de annexão do Brasil, quando fôra Garcia que as havia fomentado e o Congresso as aceitára como um remedio extremo.

„Pretendia conter, sem fazer esforços nem resistencia, as uzurpações do Brasil, contando para isso com a Hespanha, quando a occupação da Banda Oriental pelos portuguezes era, precisamente, o que fazia impossivel a expedição hespanhola ao Rio da Prata.

„Este procedimento leviano tinha seu correctivo em sua propria inconsistencia e na calma com que os portuguezes deixavam correr os papeis, emquanto as intimações não passavam de palavras." [225])

E' lamentavel que o illustre professor da Universidade de Buenos Aires, Mariano de Vedia y Mitre, houvesse despresado

[225]) Idem, 246, 247.

este jugamento criterioso, imparcial e fundamentado de seu eminente pae, quando escreveu seu estudo sobre o padre Funes,[226]) preferindo tomar a serio um acto que como tal não devia ser considerado, segundo seu proprio autor, isto é: os embustes de Pueyrredon.

Assim se manifesta Eduardo Acevedo sobre os actos bellicos do protheu de Santo Izidro: „Tudo quanto se fazia, em plena luz do dia, pelo Congresso e pelo Director Pueyrredon, contra a invasão portugueza, eram simples jogos de artificio para tranquilizar o paiz, emquanto proseguia a negociação tenebrosa encaminhada para assegurar a conquista da Banda Oriental e a creação de uma monarchia com séde em Buenos Aires." [227])

„Todos os protestos de Pueyrredon deviam perder-se e se perdiam no vacuo, visto que correspondiam ao plano de impedir a insurreição nacional, encaminhada pelo proprio povo de Buenos Aires.

„Tinham pleno exito, entretanto, os trabalhos do Director para facilitar a acção dos portuguezes." [228])

E' este o julgamento de Saturnino Uteda sobre o assumpto em referencia: „Não existe declaração nenhuma do Director Pueyrredon contra os portuguezes em cuja sinceridade se possa crer: ellas foram frequentes, publicas e privadas, feitas em proclamações, em decretos e em cartas intimas, tinham, porêm, como unico objectivo aplacar a irritação popular, que era grande e pôr seu nome ao amparo das criticas de seus proprios amigos." [229])

Deante do povo

A exposição de como Pueyrredon se portou á face do invasor, deixou claramente demonstrado como se manifestava deante do povo sob seu governo.

Desnecessario é, pois, repetir este seu duplo e contra-

---

226) *El Dean Funes en la História Argentina.* Vide a contradicção a que nos referimos, entre o que se diz ás paginas 107 e 108 desta obra e ás 246 e 247 do III volume da *Historia de Belgrano.*

227) *História del Uruguay,* cit. I, 294.

228) Idem, idem, 338.

229) Obra cit. 305, 306.

dictorio procedimento. Pareceu-nos, entretanto, conveniente deixar aqui consignado o juizo feito sobre esse proceder por alguns publicistas platinos.

O encomiado manifesto de 2 de janeiro de 1817 mereceu de Mario Falcão Espalter, este julgamento, depois de uma meticulosa analyse: „Poucos documentos conhecemos que se possa comparar com este rosario de embustes evidentes, annexo a uma refinada malicia." [230])

Alludindo ao citado manifesto disse outro eminente publicista, compatriota do recem citado: „O novo Director — Pueyrredon — como seus antecessores, pretendia adormecer a opinião publica com proclamações artificiosas e de certo modo falazes, porque havia entre as palavras e os factos um contraste tal, que aquellas só conseguiam dar a estes o colorido de uma traição." [231])

„Este documento historico", diz o eminente general Mitre, „era mais artificioso do que franco e valente, visto que fôra dado á publicidade quando se negociava secretamente em contrario do que nelle se affirmava." [232])

Eis a que se reduzem os meritos que Carlos M. Urien attribue, em interessante estudo, [233]) aos protestos de Pueyrredon contra a invasão da Banda Oriental pela tropas luso-brasileiras.

Esses gestos não merecem, pois, o qualificativo de formoso que lhes dá o dr. Alberto Palomeque.

E' formoso, no sentido empregado pelo illustre polygrapho uruguayo, o que é puro, nobre, distincto.

Os actos de Pueyrredon, na época em apreço, como evidenciado ficou, não se revestiam de pureza, porque estavão eivados de malicia;

não eram nobres, porque lhes faltava elevação moral;

carecião de distincção, por serem macchiavelicos.

---

230) *La Vigia Lecór*, 15.

231) Carlos Maria Ramirez, obra cit. 84.

232) *Historia de Belgrano*, cit. III, 239.

233) *Caudilhos Argentinos — QUIROGA — Estudio Histórico Constitucional*, 339. Buenos Aires, 1907.

CAPITULO III

Causas efficientes ou accessorias - Contra a autoridade de Artigas - Governo autoritario e sem lei - A revolta da elite uruguaya contra o oppressor - Artigas renega a patria e seus compatriotas.

Causas efficientes ou accessorias

I) — *Contra a autoridade de Artigas.*

II) — *Preferencia dos uruguayos pelo dominio brasileiro.*

III) — *Aggressões de Artigas.*

A *causa final* e as *causas predisponentes* da occupação da Banda Oriental, pelas tropas luso-brasileiras, no segundo decennio do seculo passado, já estudadas, eram como que os pólos de duas correntes electricas contrarias.

A ligação desses dois corpos produziu um curto circuito.

O contacto foi estabelecido pelas causas efficientes.

Este elemento intermediario foi Artigas quem introduziu com o seu asphixiante autoritarismo, gerador de revoltas contra sua autoridade e creador de preferencias pelo dominio brasileiro e suas aggressões, antes de atacado.

Das tres causas efficientes principaes, acima mencionadas, as duas primeiras podiam ter sido enquadradas entre as predisponentes, mas como seus effeitos se fizeram sentir com mais intensidade nos actos immediatos da invasão, preferimos estuda-las neste capitulo.

I) Contra a autoridade de Artigas

Os actos de selvageria e de brutalidade praticados por Artigas e pelos seus subalternos, longamente enumerados nas causas predisponentes, geraram uma profunda revolta no espirito dos sacrificados.

A fraqueza material e o temor a maiores supplicios, obrigava essas victimas a supportarem o martyrio, encolhidas, a espera do momento azado para desabafarem e por isso, quando perceberam os preparativos contra o flagello, na Argentina e no Brasil, fizeram causa commum contra os inimigos do caudilho, outr'ora, applaudido por toda parte e seguido como um deus e, agora, temido e evitado como um demonio.

E' na vasta documentação da época, no manancial dos factos então occorridos e na volumosa bibliographia platina, que encontrámos a comprovação desta causa.

Vamos, pois, estuda-la com minuciosidade, para que resaltem as influencias que foram ao encontro do desejo da côrte do Rio de Janeiro, de fixar seus limites pelo Rio da Prata.

„Artigas governava com despreso das fórmas de governo adoptadas até então pelos povos civilisados.

„Sua vontade, variavel a cada momento, era tudo: poder legislativo, poder judiciario, poder executivo.

„Havia leis, porêm Artigas as desconhecia.

„Havia governos e cabildos, mas sem autoridade propria, meros executantes das ordens que recebiam do chefe.

„Havia povo e se convocava sua vontade em certas circumstancias, porêm esse povo carecia de significação politica, porque estava absolutamente submettido ao poder de seu caudilho.

„Não havia sombra de democracia ou de figura republicana; não havia um simples arremedo das fórmas monarchicas: o governo de Artigas representava o typo da autocracia mais acabadamente unipessoal e aboluta — era a negação de

qualquer organismo politico, por mais embryonario que se o conceba." [1])

„Verificado pelo Director Supremo das Provincias Unidas do Rio da Prata que as pretenções de Portugal se limitavam a occupação da Banda Oriental e que a expedição hespanhola não encontrava apoio na côrte brasileira — dirigiu seu empenho em sublevar a opinião de Santa Fé, Entre Rios e Corrientes contra a prepotencia de Artigas.

„Esses trabalhos e o despotismo barbaro com que o caudilho oriental havia abrumado os povos occidentaes, o descredito em que caíu depois de suas derrotas e a atmosphera desfavoravel que se produziu ao considerar-se que os desastres que soffria eram devidos á soberba insensatez com que havia rechassado o tratado de concordia celebrado com os deputados de Barreiro: foram causas da diminuição do prestigio de Artigas nas provincias litoraneas de que caudilhos como Lopez Heñerú e Ramirez principiassem a attrahir a adhesão da campanha e pensassem em substituir o seu *Protector*." [2])

„Varios chefes artiguistas cansados de lutar contra os portuguezes e contra a fome e as mais dolorosas privações, se abateram e, arriando a bandeira da liberdade, pactuaram com Lecór, uns, a passagem para Buenos Aires e outros a encorporação ao exercito invasor.

„Cheias estão as *caixas documentaes* do Archivo Geral, de officios que nos fallam das diarias deserções da officialidade oriental e, o que é mais triste, da vergonhosa paga que solicitavam e obtinham do Capitão General intruso."[3])

„Os militares mais illustres da guerra da Independencia, os homens civis mais proeminentes da Assembléa de 1825, os Constituintes de 1827 e os de 1830, foram contestes em que Artigas era um desses malvados que os povos não pódem supportar e constituem o açoite das sociedades civilisadas." [4])

---

[1]) Berra — *Bosquejo Historico*, cit. 149, 150.

[2]) Idem, 177.

[3]) Mario Falcão Espalter — *La Vigia Lecór*, cit. 101.

[4]) Ariosto Gonzales *El Centenario de la Independencia Nacional*, 58, Montevidéo, 1921.

Rufino Bauzá, como é sabido, abandona as fileiras orientaes, com o batalhão de seu commando, declarando que assim procedia „porque se convencêra que a causa pessoal de Artigas não era a da Patria, barbarisada pela tyrannia desse caudilho e que não era possivel fundar a ordem com homens que a detestavam por profissão."

Manuel Oribe declarou que fôra solidario com Bauzá „porque não queria servir ás ordens de um tyranno como Artigas que, vencedor, reduziria o paiz a barbarie e, vencido, o abandonaria."

Os coroneis Fernando Candia, chefe do Departamento de Canelones, e Simon del Pino, commandante de linha, e outros officiaes se submetteram ao dominio portuguez, por estarem „convencidos de que sob a direcção dos caudilhos de José Artigas se destruia a prosperidade da Provincia."

„Povoações e gente de respeitabilidade cansados do *protector dos povos livres,* de Artigas, concluiram chamando os portuguezes." [5])

A 9 de dezembro de 1817 dizia Pueyrredon em carta a San Martin: „Heñerú está já em movimento contra Artigas e espero que brevemente o estará todo Entre Rios. Mandei-lhes armas e munições."

Quinze dias depois accrescentava em estylo pitoresco: „Já começou o baile na Banda Oriental: Heñerú negou obediencia a Artigas. O mesmo fizeram outros chefes e povos de Entre Rios.

„Pediram-me auxilios, por que Artigas os ameaça de morte. Já fiz saír uma divisão de 600 homens em socorro."

Quando o cabildo de Montevideo resolveu, em janeiro de 1817, entregar as chaves da cidade ao general invasor, um de seus membros — Pio Bianchi — declarou que „deviam ser tomadas algumas medidas, visto ter sido abandonada a praça pela força armada que opprimia seus habitantes e que livres dessa oppressão os capitulares se achavam no caso de declarar

5) Carlos M. Urien, obra cit. 36.

e demonstrar publicamente que a violencia fôra o motivo por que haviam tolerado e obedecido a Artigas."

Em virtude dessa declaração foi consignado em acta que „havendo desapparecido o tempo em que a representação do Cabildo estava ultrajada, seus votos despresados e obrigados seus membros a agir da maneira que a força armada dispunha — proclamavam, agora, os verdadeiros sentimentos de que estavam animados, pedindo e admittindo a protecção das armas de Sua Magestade Fidelissima, que marchavam para a praça."

Referindo-se aos desgostos dos orientaes pelos atropellos que soffriam dos elementos obedientes a Artigas, assim se expressa um illustre historiador argentino: „As primeiras consequencias funestas desta desunião entre os orientaes, que se accentuaria cada vez mais até crear um pronunciado antagonismo entre o elemento civilisado da povoação e as turbas desenfreadas dos caudilhetes de Artigas, não tardaram em se produzir, favorecendo, em alto gráo ,a acção posterior dos invasores.

Foi consequencia disso a entrega sem resistencia a uma esquadrilha portugueza da praça da Colonia, que constituiria para o futuro uma excellente base no rio Uruguay; teve essa mesma origem a defecção de um batalhão de 600 negros libertos e de 3 peças de artilharia, que integravam as tropas bloqueadoras de Montevideo ás ordens do feroz caudilho Otorguez e que se offereceram, em forma incondicional, ao serviço do Director Supremo das Provincias Unidas, abandonando as fileiras de Artigas.

„Sob a bandeira portugueza vivia-se com tranquilidade e os que estavão acostumados aos horrores de Artigas e de seus satellites, bemdizião ao principe D. João, que os livrára de tamanhos males." [6])

„A invasão fôra promovida pelo partido monarchista do Rio da Prata, pelos emigrados orientaes no Rio de Janeiro, pela loja creada sob a direcção de Pueyrredon e pelos que temiam mais as crueldades de Artigas do que o dominio portuguez." [7])

Um idolatra de Artigas, nas attenuantes que apresenta em

[6]) Antonio Deodoro Pascual, obra cit. I, 57.

[7]) Vicente G. Quesada, obra cit. II, 73.

defesa do „rei dos caudilhos", estampa a confissão dos crimes que pesam sobre seu idolo.

Ouçamo-lo: „Considerando-se a educação e a vida de Artigas, a composição das forças que operavam sob as suas ordens, a escura estirpe de quasi todos os seus tenentes, o acossamento incessante em que o tiveram as suas multiplas contendas, o perigoso exemplo que déra a Revolução com as immolações de Cordova, em 1810 e de Buenos Aires, em 1812: não é difficil comprehender-se que deve haver um grande fundo de verdade em tudo que se disse sobre as desordens e crueldades das hostes de Artigas." [8])

„A União Nacional posto que não fosse precisamente popular, tinha proselitos na parte sã da população da Banda Oriental e em parte das massas fatigadas pela dura tyrannia de Artigas e que gemiam sob seu terrorismo."[9])

„Os males da guerra, nada eram em comparação com os que produzira a barbara tyrannia do caudilho oriental e as iniquidades de seus tenentes.

„Os orientaes fustigados por esta barbarie, sem previsão, sem caridade e sem moral — preferiam o jugo brando do extrangeiro ao do tyranno e seus asseclas, que os atormentavam.

„Foram os proprios orientaes que entregaram a uma esquadrilha portugueza a importante praça da Colonia, passando-se em massa toda a milicia do departamento.

„Os officiaes orientaes de alguma educação que até então haviam militado sob a bandeira de Artigas sentiram sua consciencia sublevar ante aquella espantosa desordem, que antecipando a ruina e a deshonra do paiz, devia terminar necessariamente por uma vergonhosa derrota." [10])

Depois de mencionar „a desesperação que Artigas causava aos homens de Montevideo e aos demais povos orientaes, pelo jugo atroz que sobre elles fazia pezar", accrescenta Fidel Lopez: „Toda a juventude e com ella a parte culta da classe militar procurava levantar-se contra o caudilho e aplainar

---

8) Carlos Maria Ramirez, obra cit. 28.

9) General Mitre — *Historia de Belgrano*, cit. III, 226.

10) Idem, idem, 280.

desse modo, patrioticamente, os obstaculos da reencorporação argentina.

„Muitos outros habitantes, especialmente as pessoas pacificas da campanha, desesperadas do mesmo modo, começaram a se entregar e a dar tambem seus serviços aos portuguezes. Os nomes, notorios, dessas pessoas podem hoje ser verificados em documentos publicos.“ [11])

Parece que todos attendiam então o brado angustioso e alarmante de Cavia contra Artigas: „A's armas! ás armas! seres racionaes, contra este barbaro Charybdes destruidor da especie humana.“

Ouçamos, por fim, o juizo de Rivera: „Todos os homens, todos os patriotas, devem se sacrificar até que logrem destruir inteiramente a José Artigas.

„Os males que tem causado ao systema de liberdade e independencia, são demasiado conhecidos, para nossa desgraça e parece escusado que se os commente, porque mencionando o monstro parece que se os recapitulam.

„O systema de Artigas é o da desordem, da fereza e do despotismo.[12])

„Para que o tão desejado restabelecimento do commercio não seja perturbado no futuro, é necessario dissolver as forças do general Artigas, principio este de que emanarão os bens geraes e particulares de todas as provincias e, ao mesmo tempo, será salva a humanidade do mais sanguinario de seus perseguidores.“[13])

Foi, certamente, o conhecimento desses conceitos que gerou no intimo de Artigas uma aversão eterna ao seu discipulo dilecto e um horror ao sólo patrio, ao ponto de não querer ouvir os enviados de Rivera em 1840 e nem ao menos tocar na correspondencia em que o chamavam ao Uruguay.

---

11) *História de la Republica Argentina*, cit. VI, 406.

12) Carta de Fructuoso Rivera a Francisco Ramirez, de 13 de junho de 1820.

13) Idem, idem, de 5 de junho de 1829.

II) — Preferencia dos uruguayos pelo dominio brasileiro

Causas efficientes ou accessorias - Preferencia dos uruguayos pelo dominio brasileiro - Comprovação dessa preferencia e as razões da mesma.

Essa causa decorre da que acabámos de estudar e com ella se mescla.

O que já ficou exposto é sufficiente para comprova-la.

Vamos, entretanto, transcrever alguns depoimentos que a positivam, por precisarem expressamente a preferencia pelo dominio brasileiro.

Nas declarações feitas pelo Cabildo de Montevideo, nas vesperas de acceitar o dominio portuguez e, portanto, quando ainda lhe era possivel se furtar a esse dominio, abandonando a praça, como fizéra Barreiro com a respectiva guarnição, se lê este topico: „Admitte-se a protecção que a bondade de Sua Magestade Fidelissima offerece por meio do illustrissimo general Lecór a estes miseraveis paizes, desolados pela anarchia em que foram envoltos ha tres annos."

Vamos ouvir agora os conceitos do eminente dr. Berra: „O monarcha portuguez induzido principalmente pelo estado de suas questões com Hespanha e alentado, segundo dizem os brasileiros, por Lucas Herrera [14]) (oriental), segundo outros por Manuel José Garcia (argentino) e sobre tudo pela disposição de muitas pessoas da Provincia que preferiam ser parte de Portugal a viver na anarchia ou sob o dominio de Hespanha: decidira-se, em 1815, a tomar posse da Banda Oriental." [15])

„Não se explica a maneira como as populações receberam o invasor, a não ser pelo desejo immenso de terem em segurança

---

[14]) Nicolás, aliás.

[15]) *Bosquejo Histórico*, cit. 152, 153.

a honra, a vida, os bens, a tranquilidade — direitos esses que haviam sido constantemente atropellados durante o dominio dos caudilhos.

„Lecór, já pelos habitos civis que tinha, já porque convinha aos pontos de vista de seu governo, estabeleceu ordem onde suas tropas dominavam, inspirou confiança e não tardou em parecer necessario aos que passavam assim a desfructar os gosos de uma vida segura." [16])

O general lusitano, accrescenta o autor recem citado „teve, dentro de poucos dias, sob suas ordens um corpo de mais de 500 guerrilheiros uruguayos, que neutralizavam em parte a acção das partidas artiguistas, pelos serviços que prestavam ao exercito portuguez." [17])

„A annexação da Banda Oriental ao Brasil, não se fez contra a vontade de todo o paiz — é mister reconhece-lo, qualquer que seja o juizo que o facto mereça: uma parte consideravel, talvez a mais importante pela condição pessoal e pelo numero, adheriu á annexação expontanea e sinceramente, não porque seus sentimentos se inclinassem mais ao Brasil que a Buenos Aires, nem porque reconhecessem na constituição monarchica excellencias que não tinha a republicana, mas porque se sentiam compellidos por circumstancias imperiosas.

„O Brasil era uma nação relativamente poderosa; sua côrte era brilhante, o governo era exercido com regularidade pelo respeito em que o tinham os povos..

„A fusão com o Brasil asseguraria, pois, aos orientaes, a paz e a tranquilidade, que era o que mais desejavam, visto que era o menos que haviam gosado.

Não se apresentava, por consequencia, outro partido mais acceitavel que o de se encorporar ao imperio e participar de sua existencia." [18])

„Tres annos de lutas e de violencias haviam posto uma grande parte dos patriotas orientaes na dura necessidade de acceitar como um beneficio a dominação portugueza." [19])

---

16) Idem, 170, 171.

17) Ibidem.

18) Idem, 260, 261.

19) D. Barros Arana — *História de America*, 507.

O coronel Juan Beverina conceituou a dominação brasileira na Cisplatina como „um martyrio prolongado e um doloroso captiveiro.“ [20])

E ao historiar a missão Valentin Gomez diz que „os orientaes trabalharam para um levantamento contra seus oppressores.“ [21])

Vamos contradictar esses juizos com os proprios conceitos do autor citado.

Referindo-se aos crimes praticados pelos chefes das hostes artiguenhas diz o coronel Beverina que esses chefes „se fizeram odiosos aos habitantes, por seus frequentes atropellos e pelas expoliações que praticavam, chegando, por isso, os orientaes a preferir o jugo brando dos povos dominadores ao dos tyrannos que os atormentavam.“ [22])

O autor, desse modo, quasi copia o general Mitre. Foi assim, entretanto, mais feliz do que quando divulgou o conceito anteriormente citado, copiando, talvez, um maldizente qualquer.

E' ainda o illustre coronel Beverina que vamos ler: „Os habitantes de Montevideo e dos principaes centros de povoação, onde existiam guarnições e autoridades portuguezas, haviam se acostumado insensivelmente á presença espetaculosa e ao governo manso destes novos conquistadores, cuja moderação no mando, respeito ás propriedades e prodigalidade em dinheiro e em honras com os que desejavam attrahir, formavam um contraste mui pronunciado com os methodos despoticos e sanguinarios que haviam empregado anteriormente os delegados de Artigas com seus proprios concidadãos.

„Brando era o jugo extrangeiro, que não arrebatava os gados, respeitava os lares e as propriedades e não compellia aos homens validos a empunharem as armas para a defesa de sua causa.“ [23])

Fazendo referencias ás circumstancias favoraveis ao predominio brasileiro na Cisplatina, escreve o autor que acaba-

20) *La Guerra contra el Imperio del Brasil*, cit. I. 64.
21) Idem, 87.
22) Idem, 59.
23) Idem, 67.

mos de citar: „Os proprios orientaes pareciam se resignar com o novo estado de cousas, visto que a tranquilidade e a moderação haviam succedido a um longo periodo de lutas e de atropellos. Até os mais tenazes adversarios dos conquistadores acudiam agora pressurosos a solicitar um posto nas fileiras das mesmas forças contra as quaes haviam combatido com singular encarniçamento." [24])

„A dominação portugueza foi momentaneamente aceita por alguns cidadãos, como um respiro e unico meio de fazer um parenthesis em a desesperação reinante, pela anarchia com que Artigas havia atormentado a Provincia."[25])

Referindo-se á necessidade de um refugio ao abrigo da tyrannia escreveu o autor recem citado: „Os cidadãos mais probos, os varões mais fortes, civis e militares, procuraram uma tregua na dominação portugueza, para robustecer, na paz e na tranquilidade, as forças exgotadas na guerra civil promovida por Artigas." [26])

Tomamos a liberdade de chamar, para o que ficou transcripto, de historiadores argentinos e uruguayos, todos de nomeada, a attenção de nosso illustre compatriota autor de *Duas Grandes Intrigas,* que affirma andar „a mentira tão enroscada com o relato de nossa indesculpavel aventura, que até ha quem pinte nossa entrada, como o humanitario desfecho de uma época de retrocedimento ao barbarismo, interrompidos todos os progressos de Uruguay, em meio de uma selvagem desenvoltura dos asseclas de um tyranno sem alma." [27])

A's duas citações vagas a que o autor recorre para amparar seu juizo, vamos contrapor mais estes testemunhos claros e positivos: „A presença das bayonetas portuguezas deu vida a Montevideo, que parecia um cemiterio antes de sua chegada."

Nas ruas em que antes não appareciam a não ser negros ou criados, que só saíam para comprar o que era necessario á vida, estavam agora coalhadas de homens, mulheres,

---

24) Idem, 93.
25) Luis Melian Lafinur, obra cit. 256.
26) Idem, 369.
27) Alfredo Varela, obra cit. I, 698.

crianças, anciãos, em cujos rostos se lia o prazer que nasce da paz publica e da liberdade individual." [28])

„O Estado Cisplatino respirava o ar da liberdade e da independencia, sem experimentar as afflições e os crueis desastres do tempo dos despotas ambiciosos. Era, portanto, mais livre do que quando os cabecilhas e demagogos gritavam liberdade.

„Os orientaes daquelles tempos, dos quaes muitos ainda hoje existem, confessam e têm a consciencia do que acabamos de dizer.

„Somos relatores do que aconteceu neste territorio e a historia nos dá o direito de expor a verdade sem lisongear a ninguem." [29])

„As pessoas mais respeitaveis da provincia, tanto pela fortuna como pela reputação, eram favoraveis ao governo portuguez, porque o julgavam preferivel aos principios revolucionarios e irreligiosos que são infelizmente transmittidos á America Meridional como a toda a Europa por esses patriotas e esses reformadores." [30])

„Artigas fez grandes esforços para rechassar os invasores, mas foi derrotado em toda parte, e a 20 de janeiro de 1817 entravam os portuguezes em Montevideo sendo recebidos com jubilo por seus habitantes. Tanto haviam soffrido estes sob o governo dos subalternos de Artigas." [31])

„O caudilho Otorguez occupou Montevideo em nome de Artigas.

„Negra é a tradição de seu dominio.

„Este barbaro mandava ensilhar homens quasi nús, ás tardes, em publico, e os montava com esporas.

„Dava bailes, cuja assistencia ninguem podia recusar e tirava as senhoras para dansar, aos tirões.

„Depois do governo de Otorguez entrou o exercito luso-

28) Antonio Deodoro de Pascual, obra cit. I, 56.
29) Idem, 150.
30) *Weelchy Messenger* (de Londres) de 13 de outubro de 1816.
31) Alfredo B. Grosso — *Curso de Historia Nacional*, 244.

brasileiro — a mudança foi naturalmente uma bendição para aquella cidade." [32])

„O exercito portuguez entrou a 20 de fevereiro em Montevideo sob as ordens do general Carlos Frederico Lecór.

„Diga-se a verdade: foi recebido pelo vizindario como uma bendição da Providencia — taes haviam sido os soffrimentos e os horrores por que passaram sob a ferula dos delegados de Artigas." [33])

„O desespero que em todos os cidadãos produzia Artigas com seu despotismo causante de miseria, crimes e desordens, os obrigou a procurarem uma tregua sob o rei de Portugal e depois com os que nos reduziram á condição de Provincia Cisplatina." [34])

„Lecór era um general cortezão e suas maneiras suaves pareciam mais de um diplomata que de um conquistador.

„Suas liberdades e suas dadivas, logo que tomou posse de Montevideo, restabeleceram a calma nos lares da cidade e fizeram grande contraste com as borrascas de uma independencia anarchica." [35])

Referindo-se ao dominio portuguez disse Rivera: „Os monumentos da ferocidade de Artigas existem em todo este territorio e excitam a compaixão e muito mais ainda a vingança.

„Os orientaes, por tudo isso, reconheceram, com o mais terno prazer, ao novo governo, que lhes apresenta todos os beneficios que nascem da paz." [36])

O que ficou transcripto representa o juizo da historia a vóz da verdade que, sobrepondo-se aos conceitos injustos, aos julgamentos açodados e levianos, falla á consciencia dos homens, pedindo criterio na apreciação dos actos de nossos antepassados.

---

32) Vicente Fidel Lopez, Manual, cit. 302.

33) Idem, 332.

34) Luis Melian de Lafinur — Carta de 20 de junho de 1921, aos redactores de *La Nueva Era,* transcripta em *El Centenario de la Independencia Nacional,* cit.

35) Saturnino Uteda, obra cit. 304.

36) Carta cit. de 5 de junho de 1820.

III) Aggressões de Artigas

Causas efficientes ou accessorias - Aggressões de Artigas - Comprovação de seus ataques.

As aggressões de Artigas precipitaram a tempestade que suas turbulencias haviam concorrido para formar.

Partiram do intrepido e enfatuado caudilho as primeiras provocações.

Com a idéa fixa de reconquistar as Missões Orientaes, imaginou um plano de campanha gigantesco, mas inexequivel, não só porque carecia de tropas para executa-lo mas, principalmente, por ser grande demais para a sua capacidade militar, que era mediocre.

O resultado foi o que é facil de antever, nessas circumstancias: fracasso completo e obumbrante.

Com aquelle objectivo escrevia seu tenente André Guacurari, tambem conhecido por André Taquari ou simplesmente Andrezito, em 16 de janeiro de 1816:[37]) „Não devemos viver descuidados, visto que os portuguezes não dormem.

Seus movimentos são supeitosos e não devemos esperar que nos surprehendam.

„Se elles se preparam para fazer a tentativa por um lado devemos cortar-lhes a volta e entrar pelo outro.

„O que interessa neste caso é passar o Uruguay acima do Ibicuhy e entrar em suas povoações."

Seis mezes depois, isto é: quando principiavam os movimentos das tropas luso-brasileiras, repetia Artigas áquelle sub-

---

37) Permitta o leitor lhe recorde que a expedição de Lecór partiu do Rio de Janeiro 6 mezes depois, isto é: em 12 de junho de 1816.

chefe: „Não devemos aguardar que os inimigos precisamente nos ataquem.

„Devemos penetrar em seu territorio, para cujo fim estou tomando providencias, afim de dar um golpe de mestre e decisivo."

„O que o chefe dos orientaes queria," diz um historiador uruguayo, „era radicar o theatro da guerra no territorio portuguez, mediante uma dupla invasão atravéz do Uruguay, para reconquistar as Missões e atravéz do Rio Grande, para atacar ao marquez de Alegrete em seu proprio quartel general."[38])

Uma verdadeira aventura de Icaro, que fracassou ao calor dos primeiros contactos com as tropas inimigas.

„Artigas deu pretexto aos portuguezes para invadirem em 1816. Estes allegaram o que era verdade: que as cavallarias artiguenhas constituiam um perigo permanente para as povoações da fronteira brasileira e que o governo das Provincias Unidas carecia de poder para impedir os excessos daquelles bandos." [39])

„O plano de Artigas, theoricamente considerado, faria honra a qualquer general." [40])

Os endeusadores de Artigas proclamam aos quatro pontos cardeaes este juizo de Mitre, com o fim de apresentarem o caudilho como um grande general mas, para isso, occultam este outro conceito do mencionado autor: „Este plano, porêm, concebido por instincto, era superior á intelligencia de Artigas e de seus tenentes." [41])

Esquecem, tambem, aquelles panegyristas, que só é grande general aquelle que sabe executar seus altos planos e que os grandes cabos de guerra não se immortalizam sómente pelo que pensam mas, principalmente, pelo que realizam.

A execução de um plano de campanha é a pedra de toque da capacidade de um general.

---

38) Eduardo Acevedo, obra cit. I, 308, 309.
39) Berra — *Bosquejo Histórico,* cit. 220.
40) Mitre — *Historia de Belgrano,* cit. III, 208.
41) Ibidem.

Diversos são os exemplos de fracassos e de triumpho na historia universal.

Duas dessas provas encontramo-las na guerra com o Paraguay, nos commandos de Mitre e de Caxias.

Com a correspondencia de Artigas deixámos provado que delle partiu a aggressão em 1816.

E' desnecessario recorrer a outras provas.

Encerramos assim o estudo das diversas causas da occupação da Banda Oriental pelas tropas luso-brasileiras.

Fomos prolixos e não raro repisamos argumentos e muitas vezes repetimos juizos — tudo isso fizemos intencionalmente, afim de chamar a attenção para certos factos desprezados pela maioria de nossos narradores e que, entretanto, tanta luz projectam sobre nosso passado, quasi sempre visto e julgado por uma malquerença idiota.

Nosso objectivo principal é accumular elementos para o estudo daquellas causas. Dahi o simples papel de mero carreador de material, para uma grande construcção.

Esforçámo-nos para que o material fosse, como é, de primeira ordem.

Nas mãos de um verdadeiro historiador ha de servir para uma obra monumental e de grande successo porque, desvendando mysterios, repellindo embustes, esclarecendo a verdade, reparando injustiças: levantará o nosso passado do nivel rasteiro em que criminosamente se o colloca, impondo, ao mesmo tempo, respeito á memoria de nossos maiores, nobilitados pelo amor da Patria e cujos actos, na realização do ideal patriotico que os movia, não offenderam a dignidade humana, nem aberraram do procedimento que devem ter os homens publicos, no engrandecimento, na defesa e na guarda dos bens que a Nação lhes confia.